

# A PRESENÇA



## De artistas e ativistas mulheres em jornais impressos paulistanos

★ UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA  
DE ESTEREÓTIPOS E RELAÇÕES DE PODER

Laura Cecilio  
2020

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA**

LAURA M. CECILIO

**A presença de artistas e ativistas mulheres em jornais impressos paulistanos:  
um estudo sobre a construção midiática de estereótipos e relações de poder**

Mestrado em Comunicação e Semiótica

**SÃO PAULO**

**2020**

LAURA M. CECILIO

**A presença de artistas e ativistas mulheres em jornais impressos paulistanos:  
um estudo sobre a construção midiática de estereótipos e relações de poder**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Semiótica, sob a orientação da Profa. Dra. Christine Greiner.

**SÃO PAULO**

**2020**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001."

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001

N. do processo: 88887185884/2018-00

Banca Examinadora

---

---

---

*As mulheres do mundo, de grande inspiração.*

*As mulheres da minha vida, Aparecida,*

*Evanilde, Maria Aparecida e Maria Regina.*

*À mulher em mim, que segue acreditando.*

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente, à professora doutora Christine Greiner, que acolheu meu trabalho e acreditou nele. Agradeço por ser a profissional que nos inspira e nos incentiva.

Agradeço ao professor doutor Rogério da Costa, que esteve disponível e praticou escuta e compreensão em momentos sensíveis.

Agradeço ao programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica, pela oportunidade e pelo corpo docente incrível. À secretária Cida Bueno, que dispôs de paciência e pró-atividade para o andar do programa. À secretaria de pós-graduação da PUC/SP, pela orientação e ajuda.

Agradeço à minha mãe, Evanilde, por ter sido a primeira pessoa a acreditar em mim. Quem tornou possível a realização deste processo desde o início e se prontificou a me ajudar sempre que as coisas apertavam.

Agradeço ao meu pai e à minha madrastra, Antônio José e Cátia SESCO, pelo apoio, auxílio, amor e compreensão, fundamentais na distância. Agradeço ao meu avô, José Benedito, que me deu o pontapé inicial para que tudo acontecesse e segue acreditando em mim.

Aos meus tios queridos que me ampararam na selva de pedra, Adriana Cristofaro, José Carlos e Paulo José. Sua ajuda, escuta e orientação me foram fundamentais, e são, até hoje.

Fundamentalmente, agradeço à Patrícia Muniz, cujo profissionalismo e orientação

foram essenciais para a completude deste trabalho. Agradeço imensamente sua atenção, seu carinho e sua escuta. A nossa relação permitiu a realização desse sonho.

Agradeço à professora doutora Ana Cristina Teodoro, quem me apresentou a existência desse programa e me apoiou desde quando decidi me aventurar na vida acadêmica.

Agradeço aos amigos, Amanda Marques, Mayara Benatti, Nilthon Fernandes e Thiago Rebouças, que estão presentes nesta pesquisa. Fundamentais na consulta referencial, na troca de dúvidas e ideias, na escuta e desabafos das inseguranças intelectuais e até mesmo no acesso aos acervos virtuais dos jornais aqui estudados. Ainda, agradeço esses amigos que me auxiliaram na execução deste livro, Ariana Gomes, Bruno de Mendonça, Elizabeth Santos, Gizélia Mendes, Gregório Ballelo e Lucas Ferreira. Acompanharam noites a fora para a produção técnica e me auxiliaram mesmo no apertar dos prazos.

Agradeço Fernanda da Silveira, Maria Schneider, Natália Wingeter, Rayane Brugnole, Thayse Mochi, e Vitor Pesce, cujo apoio e grupos de estudo me foram companheiros durante toda a pesquisa. Agradeço à Joyce Luz pela companhia e produção acadêmica compartilhada em Curitiba.

Agradeço Eduardo Henrique Souza, Flávia Oliveira, Núbia Rodrigues e Paulo Yanko, pelo apoio amigo, pela troca, pela compreensão em momentos difíceis e pela fé em mim.

Ainda agradeço aos amigos e aos familiares que me acompanharam durante o processo e, junto a mim, compreenderam a grandiosidade da ciência, da pesquisa e do estudo.

#### **PALAVRAS-CHAVE:**

1. Discurso jornalístico
2. Estereótipos femininos
3. Performatividade

#### **RESUMO**

O tema principal desta pesquisa é a construção dos estereótipos de mulheres artistas e ativistas, em reportagens dos jornais "O Estado de S. Paulo" e "Folha de S. Paulo", desde a República velha até a ditadura militar. A hipótese da dissertação é que o discurso jornalístico destas mídias tende a perpetuar relações de poder engendradas de acordo com os contextos políticos e isto se dá de maneira explícita e tácita, a partir de práticas discursivas e do uso de imagens. A sua fundamentação parte da teoria sociossemiótica de Eric Landowski no que diz respeito à construção de simulacros, do conceito de performatividade de Judith Butler e alguns tópicos relativos aos estudos de gênero e sexualidade em Michel Foucault. O corpus da pesquisa é composto por reportagens sobre Chiquinha Gonzaga (1847 – 1935), Olga Benário Prestes (1908 – 1942), Anita Malfatti (1889 – 1964) e Elis Regina (1945 – 1982). A partir das análises, conclui-se que os discursos midiáticos analisados mostram em sua enunciação conjuntos de representações político-sociais, quase sempre estereotipadas, e que acabam sendo referências de comportamento que fortalecem juízos de valor que reverberam no senso comum. Neste sentido, o jornalismo também se captura pelos mesmos dispositivos de poder expressando os problemas de gênero por eles deflagrados.

## SUMÁRIO

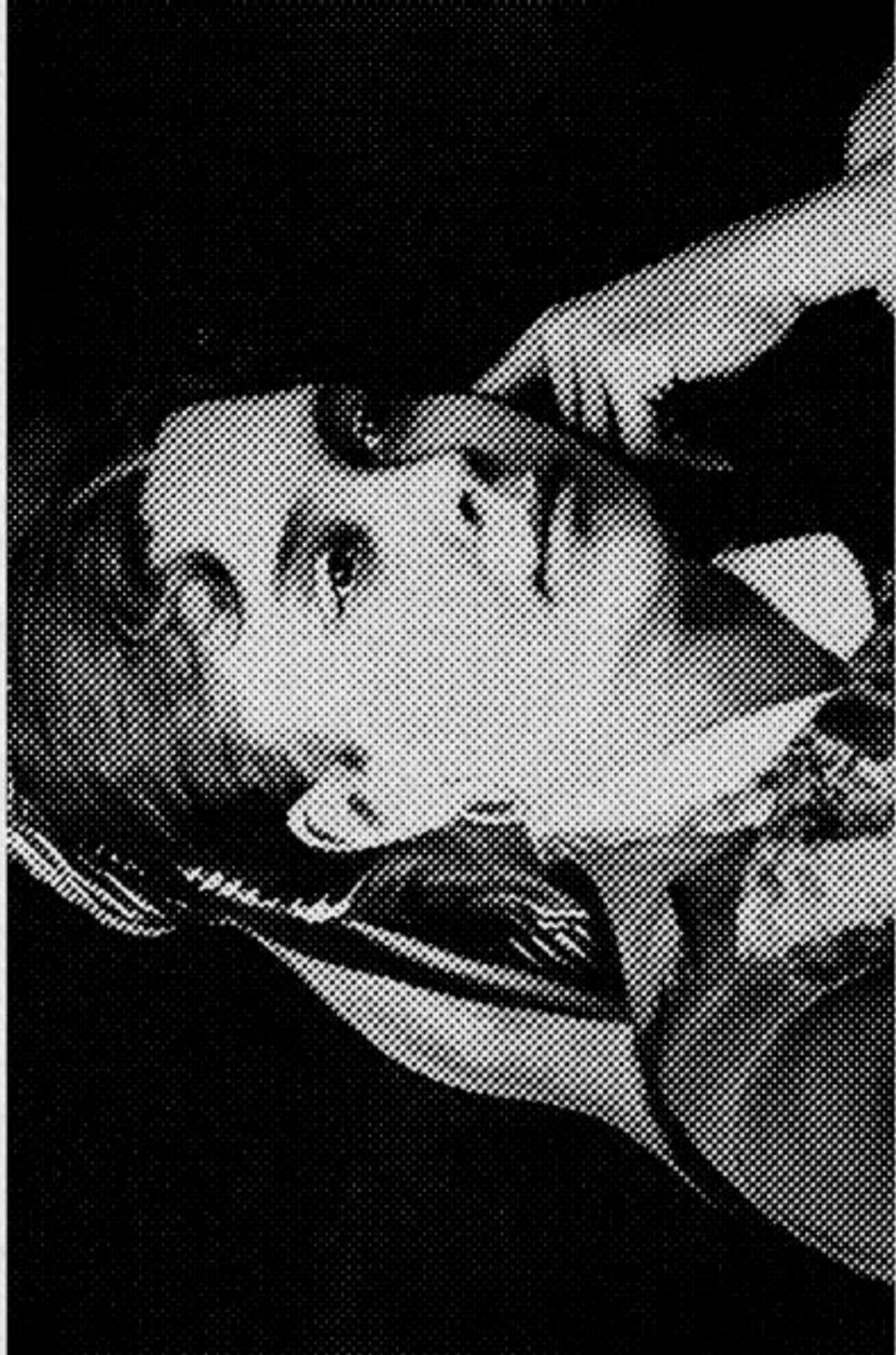
*The presence of female artists and activists  
in print newspapers in São Paulo:  
a study on the media construction of  
stereotypes and power relations*

### ABSTRACT

The main theme of this research is the construction of artists and activists women stereotypes, in reports from the newspapers O Estado de S. Paulo and Folha de S. Paulo, ranging from the Old Republic to the military dictatorship. This dissertation's hypothesis is that this journalistic media discourse tends to perpetuate power relations that are engendered in relation to the political contexts, happening in a explicitly and tacitly manner, based on discursive practices and the use of images. The theoretical foundation departs from Eric Landowski's sociosemiotic theory regarding the construction of simulacrum, Judith Butler's concept of performativity and some topics related to the studies of gender and sexuality in Michel Foucault. The research corpus is composed by reports about Chiquinha Gonzaga (1847 - 1935), Olga Benário Prestes (1908 - 1942), Anita Malfatti (1889 - 1964) and Elis Regina (1945 - 1982). From the analysis, it is concluded that the analyzed media discourses show in their enunciation sets of political-social representations, almost always stereotyped, and that it end up as references of behavior that strengthen valor judgments and reverberate upon the common sense. In this sense, journalism also becomes captured by the power devices that express the same gender problems triggered by them.

**Keywords:**  
1. Female stereotypes. 2. Journalistic speech. 3. Performativity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
1 CONTEXTO HISTÓRICO	21
1.1 O desafio de ser uma mulher profissional	23
1.2 A escolha do corpus e algumas pesquisas acadêmicas realizadas no Brasil	29
2 DISCURSOS MIDIÁTICOS SOBRE AS MULHERES ESCOLHIDAS	39
2.1 República Velha: Chiquinha Gonzaga (1847 - 1935)	45
2.2 Era Vargas: Olga Benário Prestes (1908 -1942)	54
2.3 República Populista: Anita Malfatti (1889-1964)	63
2.4 Ditadura Militar: Elis Regina (1942-1985)	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91



## Considerações Iniciais

---



***Se nem as circunstâncias  
históricas possibilitam,  
nem a história registrou as  
contribuições das mulheres,  
esse fato invalida por si só  
a pretensão da universalidade  
dessas teorias [conservadoras]  
e uma verdadeira reconstrução da  
história deve analisar  
as relações entre poder e o saber  
que presidiram a  
exclusão das mulheres***

**GARCIA, 2015, p.107**

Essa pesquisa analisa o modo como os jornais "Folha de São Paulo" e "O Estado de São Paulo" retrataram mulheres que, devido à sua atuação profissional como artistas e/ou ativistas, se tornaram referência para os períodos em que viveram, sendo reconhecidas até hoje. São elas: Chiquinha Gonzaga, Anita Malfatti, Olga Benário Prestes e Elis Regina.

Essa discussão se iniciou a partir do questionamento sobre a construção da repercussão midiática durante o período de *impeachment* da primeira presidente brasileira, Dilma Rousseff, que, através dos massivos jornais e revistas impressos, desenvolveram um discurso misógino e desqualificador sobre a presidente. Ao nos depararmos com capas de impressos populares como estas copiadas abaixo:



Figura 1:  
Capas IstoÉ – Edição Nº 2.417 6/4/16 e Estado de S. Paulo  
Nº44759, Ano 137, 4/5/2016.  
Fonte: Acervo Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo.

Encontramos discursos desqualificadores que se manifestaram tanto na forma de textos como imagens, afetando Dilma Rousseff, através da deslegitimação de sua presença e de sua suposta incapacidade emocional e intelectual. O mesmo não acontece com o seguinte presidente eleito, Jair Messias Bolsonaro, três anos depois, nos mesmos circuitos midiáticos:



À que se chamaria de histeria por parte do presidente, observamos que sua imagem fora vinculada às referências que o próprio dera sobre si mesmo<sup>1</sup>. A diferença de tratamento entre ambos os presidentes eleitos é discrepante. A partir do questionamento sobre a mídia e seus objetos de discurso femininos, desenvolvemos a busca por um corpus para esta dissertação, que não foi fácil e, para tanto, desenvolvemos uma série de estratégias que são apresentadas no primeiro capítulo.

No decorrer da pesquisa, observamos que a cobertura jornalística, em vários sentidos, replicou dificuldades e preconceitos que faziam parte do cotidiano, fortalecendo as relações de poder aí presentes. Um dos sintomas recorrentes foi o da invisibilidade e silêncio que, em diversos momentos, marcou a vida de grandes mulheres.

No primeiro capítulo traçamos um breve contexto histórico da situação trabalhista das mulheres no Brasil e apresentamos também algumas pesquisas acadêmicas que abordaram temas semelhantes ao nosso e que auxiliaram no levantamento de questões. Entre as principais autoras consultadas estão: Rebecca Solnit, que estuda questões relacionadas à biopolítica de gênero no espaço e na cidade em "A História do caminhar" (2016), e a visibilidade dos trabalhos das mulheres no meio social em "Os Homens explicam tudo para mim" (2017); Virginie Despentes, que contribui sensivelmente com seus relatos sofridos por misoginia em "Teoria King Kong" (2006); e Suely Rolnik, que faz um contraponto partindo da micropolítica foucaultiana em "A Hora da micropolítica" (2018). Além disso, para o estado da arte partindo do viés da comunicação e semiótica, abarcamos pesquisas de Dulcília Buitoni, Rachel Moreno e Adriana Baggio, que, no decorrer dos seus trabalhos, pesquisam sobre a visibilidade e a veiculação da imagem da mulher através das mídias.

A proposta não foi analisar exaustivamente cada uma delas, mas sim apresentar alguns dados históricos que enfatizam as dificuldades presentes em toda pesquisa que transita pela presença feminina no mercado de trabalho e na imprensa. De certa forma, aquilo que as mídias e, especificamente, os jornais impressos, revelam, está presente no cotidiano em modos de pensar e relações de poder que marcam as relações de gênero, sendo apenas traduzidas nas práticas discursivas dos periódicos.

O segundo capítulo foca especificamente nos exemplos escolhidos, apresentando reportagens, críticas e artigos que constroem a imagem destas mulheres, reforçando e/ou tensionando estereótipos e simulacros.

A hipótese principal é que os jornais impressos analisados – "Folha de S. Paulo" e "O Estado de S. Paulo" – demonstram, através do seu discurso, questões de

1. No dia 28 de outubro de 2019, o então presidente eleito, Jair Bolsonaro, postou em sua conta Twitter um vídeo editado em que demonstrava um Leão, nomeado por "Bolsonaro" perseguido por hienas, batizadas com nomes de partidos políticos – inclusive o seu, o PSL –, centrais sindicais, movimentos sociais, Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Supremo Tribunal Federal (STF) e até o movimento feminista. No mesmo dia, o próprio presidente, dono da conta, deletou a postagem.

Figura 2:  
Capas IstoÉ – Edição Nº 2.601 01/11/19 e  
Estado de S. Paulo Nº 46.009, Ano 140,  
6/10/2019.  
Fonte: Acervo Folha de S. Paulo e O Estado de  
S. Paulo.

invisibilidade e deslegitimação de género, construídas socialmente no decorrer do século XX, mesmo quando não debatem explicitamente as questões. Trata-se de narrativas verbo-visuais que, não raramente, exprimem tacitamente as questões políticas que as engendram.



## 1. Contexto Histórico

---

***As coisas  
não são o que são  
e sim o que significam***

***GARCIA, 2015, p.97***

#### **1.1**

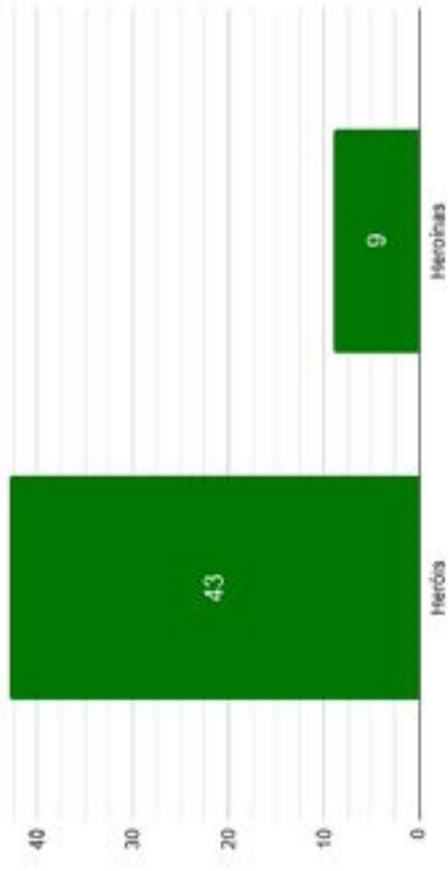
##### **O desafio de ser uma mulher profissional**

**Esta não é uma dissertação acerca da presença feminina no mercado de trabalho** e nem tampouco um debate sobre a profissionalização das mulheres. No entanto, como foi mencionado anteriormente, é importante compreender algumas dificuldades históricas que marcam a presença feminina na busca de sua autonomia. De certa forma, vários problemas identificados nas coberturas midiáticas que aparecem no segundo capítulo, refletem a complexidade que marca a história da profissionalização das mulheres. No Brasil, a exemplo de outros países, nunca foi fácil para as mulheres fazerem parte de um mercado de trabalho. A permissão para o trabalho feminino foi juridicamente legalizada apenas em 1934, quando discutia-se ainda o direito ao voto feminino e sua emancipação doméstica. A entrada da mulher no mercado e sua autonomia profissional, portanto, se deram muito mais tardiamente que a masculina e a formação da sua competência, seja por educação ou experiência profissional, acaba consequentemente afetada por essa assimetria, a começar pela compreensão social da relação da mulher com o trabalho: quando pensamos na expressão "trabalho de mulher", lembramos nos primeiramente do trabalho doméstico. Segundo Kergoat (2009), também autora do "Dicionário Crítico do Feminismo", menciona-o como forma de trabalho invisível, realizado gratuitamente pelas mulheres, que "não era feito para si, mas para os outros e sempre em nome da natureza, do amor e do dever maternal. É como se sua atribuição às mulheres, e somente elas, fosse automática e isso não fosse reconhecido." (p. 68)

Aos poucos, o trabalho doméstico passou a ser considerado como base funcional para sobrevivência entre os indivíduos, para então questionar a existência pré-estabelecida da divisão sexual do trabalho<sup>2</sup>, mas antes disso, como observa Silvia Federici em seu livro "Calibã e a Bruxa" de 2017, o trabalho doméstico, desde o período feudal, acabou fortalecendo a forma de resistência e autonomia para as mulheres. A partir desse trabalho, elas encontraram alternativas medicinais para o próprio corpo, buscadas na combinação de alimentos e plantas, adquirindo conhecimento técnico e científico. Portanto, mesmo quando restrito à vida doméstica, o trabalho da mulher desenvolveu-se em uma forma de autonomia, agregando conhecimento e técnica para diversas profissões e ofícios. A partir de sua atuação profissional, os sujeitos, mais especificamente as mulheres, são capazes de construir efeitos de sentido validativo para si mesmas.

Observamos que sua participação e contribuição, seja ela econômica, política, científica ou artística, tem menor visibilidade e divulgação nos meios de comunicação, por exemplo, no que se refere à visibilidade do sujeito profissional masculino. Para melhor ilustrar essa assimetria, buscamos um registro brasileiro oficial sobre contribuições femininas e masculinas para o país, como o "Livro dos heróis e das heroínas da Pátria", guardado no Panteão da Pátria Tancredo Neves, na Praça dos Três Poderes em Brasília, que fora criado para homenagear nomes brasileiros que foram fundamentais para a construção do país<sup>3</sup>. Para o nome da pessoa entrar no livro é preciso que, após 10 anos de sua morte, seja aprovada uma lei pelo senado e pela câmara dos deputados que explana sua importância contributiva para o país e sancione sua inclusão.

### Livro de Heróis e Heroínas da Pátria

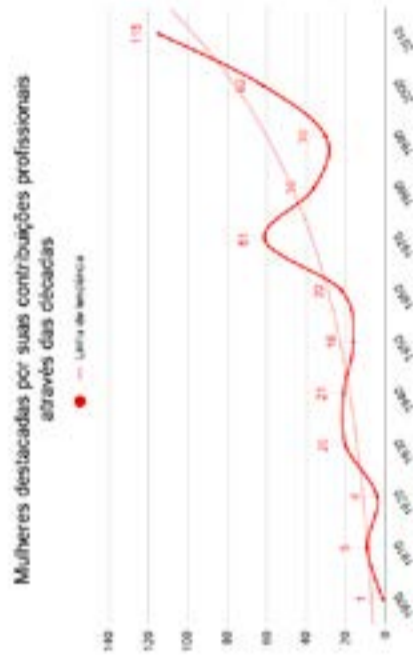


**Figura 3:**  
Gráfico quantitativo de nomes do Livro de Heróis e Heroínas da Pátria.  
Fonte: Site do Distrito Federal.  
Disponível em: <<http://www.cultura.df.gov.br>>  
Acesso em 10 Mar. 2019.

2. Divisão socialmente atribuída às mulheres que lhes confere exclusiva responsabilidade sobre o lar e cuidados maternos (FOUGEYROLLAS-SCHWIBEL, 2009, p. 256).
3. Informações retiradas do site de cultura do Distrito Federal.

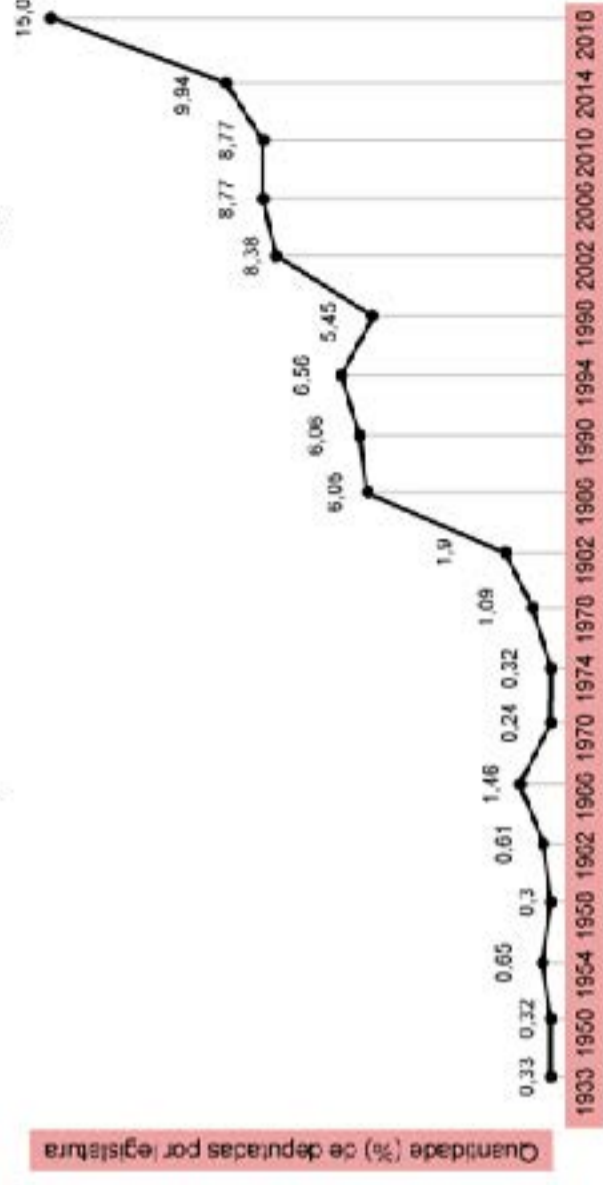
Dentre as 52 pessoas homenageadas, 43 são nomes masculinos, desde Tiradentes (ativista pela Inconfidência Mineira) até Antônio Dias Cardoso (líder da Insurreição Pernambucana) e 9 nomes são femininos, entre esses: Anna Nery, enfermeira que atuou na Guerra do Paraguai, Anita Garibaldi, heroína da Guerra dos Farrapos, Bárbara Pereira de Alencar, heroína da Revolução Pernambucana de 1817, Clara Camarão, líder indígena contra as invasões holandesas em Recife, Antônia Alves Feitosa, que se disfarçou de homem para poder lutar pelo país na Guerra do Paraguai, Zuleika Angel Jones, estilista que transformou seu ofício em um protesto frente aos desaparecimentos de vítimas do regime militar e as líderes da revolta da Independência da Bahia de 1822, Maria Quitéria, Joana Angélica e Maria Felipa. A discrepância da quantidade entre os nomes masculinos e femininos no livro revela um passado do país cuja história da política, até então, era marcada por uma coibição sobre as mulheres para se dedicarem apenas à vida doméstica, matrimonial e maternal. As mulheres que têm seus nomes no Livro de Heróis e Heroínas da Pátria se destacaram por terem realizado uma jornada duplamente heroica: realizaram suas obrigações (como mulheres, mães e/ou esposas) enquanto lutaram por uma causa pelo país.

Perguntamo-nos, então, por que esses nomes não são conhecidos e necessitam de uma busca aprofundada para conhecimento de sua existência? No Caderno de Anexos encontram-se gráficos de cada período político até a atualidade da presente pesquisa, considerando: nomes femininos que viveram essas épocas, seu ano de morte, seu ofício, nicho de profissão, etnia, classe social, número de incidências com seu nome referido nos jornais de circulação nacional como o Estadão e a Folha e número de pesquisas acadêmicas sobre suas contribuições. Segundo os dados que obtemos em nossas pesquisas, observamos que à medida que o tempo passa, o número de mulheres conhecidas por suas contribuições profissionais aumenta.



**Figura 4:**  
Gráfico quantitativo da relação de mulheres trabalhando por década.  
Fonte: "Dicionário de Mulheres Brasileiras" (Schumaher, 2001), e acervos da Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo.

## Quantitativo de deputadas na câmara no decorrer das legislaturas



**Figura 5:**  
Gráfico de participação parlamentar feminina ao longo dos anos (desde o primeiro ano de atuação política).  
Fonte: Câmara dos Deputados/Cedi. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/>>. Acesso em 10 Mar. 2019.

Como podemos observar, a linha de tendência do gráfico, que segue por uma progressão exponencial, é crescente e tem uma média positiva de mulheres que se tornam profissionais através das décadas (afora da vida doméstica). Isso se deve à progressiva introdução das mulheres no mercado de trabalho, cujas concessões legais e sociais (tal como votar, ser dona de propriedades, escolher suas próprias roupas, em suma exercer liberdade de expressão e tomar suas próprias decisões) foram obtidas tardiamente. Enquanto o asseguramento de seus direitos básicos não fosse lícito, não haveria divulgação ou visibilidade de mulheres que se emancipavam por conta própria de tais coibições sociais e legais — eram essas excluídas da sociedade, deserdadas de suas famílias e despatriotizadas.

A regularidade do trabalho feminino no Brasil foi parte das reivindicações sufragistas, movimento feminista iniciado durante o século XIX no Reino Unido, cuja principal exigência era o direito ao voto. Até então, na constituição brasileira em vigor, de 1891, segundo o artigo 70, definia-se que possíveis eleitores seriam apenas os "cidadãos maiores de 21 anos que se alistaram na forma da lei" e, dessa forma, acabava por excluir o restante da população brasileira que não se alistava, entre esses as mulheres. O principal argumento para sua exclusão na participação política era similar à justificativa da proibição do trabalho: as mulheres eram essenciais para manter a ordem e a harmonia da família e a ausência de sua integral dedicação levaria a um possível caos social.

Conquistado em 1932 e reconhecido pelo Código Eleitoral Federal, o voto feminino também implicava na participação das mulheres na política em prol de uma representação qualitativa e, portanto, buscavam-se direitos trabalhistas. Foi em 1988, na Constituição da República Neoliberal, que se estabeleceu a igualdade jurídica entre homens e mulheres, como diz o artigo 5º da Constituição Federal, "Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações"<sup>5</sup>. Englobando também questões de âmbitos trabalhistas, abriu-se margem para que outras leis fossem criadas visando paridade entre os gêneros. Ainda que esses sejam marcos do século passado e posteriormente houveram conquistas femininas que visam paridade de direitos, como a igualdade trabalhista e o reconhecimento do assédio moral e da violência física doméstica como crimes, na atualidade da realização desta pesquisa ainda existem diversas decisões políticas a serem tomadas: como questões na saúde e segurança pública, no asseguramento de igualdade de salários e profissões entre os gêneros, etc. Questões essas que podem ser viabilizadas a partir de uma simetria de gênero na representatividade política, mas que, até atualmente, a presença das parlamentares na câmara — considerando a nova legislatura de 2019-2023, eleita em 2018 —, é referente a 15% do total de cadeiras do congresso<sup>6</sup>, quase um século após a conquista do direito à participação feminina na política.

4. BARBALHO, João. Constituição Federal brasileira. Rio de Janeiro, 1902, p. 291.

5. Constituição da República Federativa do Brasil. Constituição Federal de 1988. Disponível em: <<https://g.o.o.g.l/Ca8mMw>>. Acesso em 10 Mar. 2019.

6. BANCADA FEMININA NA CÂMARA SERÁ POR COMPOSTA POR 77 DEPUTADAS NA NOVA LEGISLATURA. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/>>. Acesso: 25 Jan. 2019.

Como observamos na Figura 5, que começa a contabilizar o número de mulheres parlamentares a partir do ano da primeira atuação feminina na política, em 1933, apenas uma parlamentar, a deputada federal Carlota Pereira de Queiroz, ocupava cadeira na câmara. A média de uma participante na câmara prossegue até meados da década de 1970, quando, a partir de 1986, a média participativa feminina sobe para quase 30 cadeiras. Atualmente, as mulheres ocupam 77 cadeiras (sendo 15% do total), progressão positiva em comparação com a composição anterior, com 51 cadeiras femininas (aproximadamente 10% do total). Tendo apenas 15% de cadeiras femininas, abaixo da média de 28% nas câmaras nacionais dos países latino-americanos, o Brasil ocupa a posição de 154º em um ranking de 174 países com mulheres parlamentares.

Ainda que haja uma ampliação no número de mulheres no mercado de trabalho, na academia ou na política, é evidente o déficit presente nos números comparativos entre os gêneros quando se trata de espaços profissionais. Marcada pelo estabelecimento ao gênero feminino como exclusiva responsável pelo cuidado vital e do lar, a divisão sexual do trabalho acaba por antecipar às mulheres uma jornada de trabalho dupla, por vezes, tripla. Isso se deve à falta de readequação do trabalho doméstico após a emancipação das mulheres dentro do mercado, o que prejudica a sua participação política e, conseqüentemente, acresce uma disfunção na representação política para que esse cenário seja alterado. As mulheres que

tentam a carreira política, por exemplo, são questionadas sobre sua capacidade e qualificação, já que a marca da divisão sexual do trabalho delimita à mulher o espaço doméstico e não o parlamentar. Além disso, sua participação confronta-se com a falta de recursos e apoio para campanhas, uma vez que são visadas apenas para preenchimento de cotas femininas nos partidos, problema atual observado pela cientista jornalista Marina Melo<sup>7</sup>.

Debruçando-nos sobre o recorte da profissional brasileira, cuja importância de ofício subsidia a validação de si própria como destinadora de si, e cujo cenário do trabalho feminino se dá por uma política em formação (até a atualidade da presente pesquisa), marcada por reivindicações feministas desde a Primeira República do Brasil (1889), buscamos compreender, através da linguagem dos jornais impressos, como são retratadas as mulheres e suas contribuições para o país no decorrer do século XX. Partimos do recolhimento dos nomes de mulheres atuantes nas áreas da política, economia, arte e academia, compreendidos nos trabalhos de Alzira Bittencourt (1969), de Schumaher e Brazil (2001) e na extensão dessa obra no projeto "Mulher: 500 Anos Atrás dos Panos"<sup>8</sup>, para daí focar na categoria artística. O recorte que se dá por uma metodologia objetiva, explanada nos próximos tópicos, considera períodos políticos e categorias de ofícios observando precisamente nomes referidos em discursos midiáticos impressos em jornais de circulação nacional, sendo eles o *Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*, a fim de analisar como são descritas as mulheres pela mídia e quais expressões e palavras são utilizadas para defini-las e divulgar suas realizações, ou como são formados os 'simulacros de mulher', a edificação dos estereótipos da artista ou ativista em questão partindo de um parecer do imaginário.

Segundo a filósofa Marilena Chauí, o estereótipo "pode alcançar o ponto máximo de irrealidade" (CHAUÍ, 2006, p. 8) uma vez que sua construção consiste-se na sutileza de "aumentar propositalmente a obscuridade do discurso para que o cidadão se sinta tanto mais informado quando menos puder raciocinar" (p. 9). Essas questões que Chauí coloca sobre estereótipo dizem respeito à manipulação dos simulacros e também da negligência para com a opinião pública. A partir do fato que se expõe de que os meios de comunicação também são detentores de poder e este se manifesta também através da influência de seus simulacros, colocados, estes, pela cientista como a reprodução de imagens para um destinador a partir de símbolos, a opinião pública se enfraquece, ou mesmo passa pela invisibilidade, se não se exerce o questionamento público e o exercício do pensamento. Trazendo todos esses contrapontos para o tema da dissertação, trabalhar com as manifestações de simulacros nas mídias é também questioná-los como são formados, como

se transformam e por que se perpetuam. Essas questões se materializam mais nitidamente nas análises das reportagens no capítulo seguinte e rumam pesquisas a partir das considerações finais.

## 1.2

### A escolha do corpus e algumas pesquisas acadêmicas realizadas no Brasil

No decorrer da pesquisa, como mencionamos anteriormente, decidimos selecionar jornais de circulação nacional que tiveram tiragens desde o século passado e que ainda estejam em atividade até a data desta pesquisa. Foram esses os jornais "Estado de S. Paulo" e "Folha de S. Paulo", criados em 1875 e 1921, respectivamente.

Quanto à escolha das artistas e atividades, passamos por algumas etapas metodológicas. Primeiro consultamos biografias e "dicionários de mulheres" encontrando 397 nomes femininos desde o século XX e que foram famosos por suas profissões e realizações pelo país. Muitas vezes, as mulheres exerciam mais de uma função, por exemplo, além de ser jornalista, ela provavelmente também era escritora, poetisa e compositora. Além de ser professora, também era pedagoga e militante pelos direitos da educação. Os fatores variantes da vida profissional de cada mulher, quando conflitantes, foram consultados de acordo com a bibliografia biográfica, a partir do trabalho de Alzira Bittencourt (1969), de Schumaher e Brazil (2001), e ajudaram-nos a categorizar as contribuições profissionais dos nomes coletados.

<sup>9</sup> Tabela completa no Cadernos de Anexos, p. 2.

A partir das informações reunidas, as discriminamos em uma tabela<sup>9</sup> com dados cuja função é complementar a análise e auxiliar a comparação quantitativa das incidências desses nomes nos jornais, a fim de restringir o corpus com objetividade. A tabela contém dados de profissão e nicho, ano de morte, etnia e classe social, número de pesquisas da CAPES contendo esse nome, número de incidências na "Folha de São Paulo" e no "Estado de São Paulo" e a soma dessas duas quantias juntas.

O 'ano da morte' está discriminado para direcionar até que período suas contribuições na 'profissão' em um certo 'nicho', foram realizadas. As colunas 'etnia' e 'classe social' complementam qualitativamente a análise, considerando-as como fatores de recortes políticos, relacionados ao período em que as mulheres viveram. A coluna de 'Pesquisas' remete à quantidade de vezes que essas mulheres já foram estudadas (dados retirados no site da CAPES), informação que auxilia na leitura dos materiais acadêmicos sobre tal mulher, caso seu nome esteja entre

os selecionados. 'Folha' e 'Estadão' remetem ao número de incidências do nome nos textos dos jornais e, portanto, quantas vezes ele já fora referido na mídia em questão.

De acordo com os dados coletados, encontramos uma grande variabilidade entre as profissões exercidas pelas mulheres em evidência. Segundo o gráfico a seguir (figura 6), a profissão com mais número de mulheres está na militância, e em segundo lugar, na literatura.

A natureza do valor crescente nessas profissões é analisada nos próximos capítulos considerando questões políticas e arbitrárias dos jornais. Com essa grande variabilidade de profissões, foi necessário que configurássemos a cada 'profissão' uma delimitação para coletar suas especificidades de acordo com o nicho de atuação, que corresponde a: a) 'Comunicação, arte, esporte e religião'; b) 'Política, educação e ativismos'; c) 'Ciência, pesquisa, academia e capacitação'; d) e 'Capital e investimentos'. A partir da tabela, verificamos que as mulheres profissionais em evidência nos jornais se apresentavam, em sua maioria, na categoria de 'Comunicação, arte, esporte e religião', como vemos no gráfico da figura 7.

As especificidades dessa categoria têm um espectro amplo que varia em escritoras, cantoras, nadadoras, mães de santo e tantas outras profissões e necessitou de uma observação mais específica em quais mulheres deste nicho estão entre as mais citadas, quantas são suas incidências nos jornais impressos em análise, quais são as profissões mais exercidas entre as mulheres deste nicho. Segundo o gráfico da figura 8, a arte é a subcategoria mais exercida.

Observando a próxima categoria, a 'Política, educação e ativismos', verificamos que, assim como militância é o nicho mais numeroso no aspecto macro do corpus, também é o mais numeroso no aspecto micro da categoria. O gráfico da figura 9 nos mostra outras profissões também exploradas:

A discrepante porcentagem de 'militante' (61,4%) e a segunda mais numerosa, 'deputada' com 13,4%, se deve ao fato de que houve resistência social contra as ditaduras que ocorreram no país, em 1937, com um golpe de estado durante a Era Vargas, e em 1964, com o golpe militar. Esses acontecimentos foram importantíssimos para a direção do recorte do corpus da pesquisa, que é descrito seguidamente pelo fator temporal: Consideramos o jornal como um recorte relativo dos acontecimentos (LANDOWSKI, 1992, p. 120), e, ao mesmo tempo, de acordo com as suas abordagens e articulações, reflete 'posicionamento de leitura'<sup>10</sup> no tratamento dos seus objetos e na construção dos simulacros representados, portanto, compreendemos que a história política do Brasil age

no meio circunstancial do jornal como grande fator temático nos seus discursos. Observamos que as características de cada período político incidem nos fatores de visibilidade das mulheres, de variabilidade das suas profissões e no caráter qualitativo das reportagens e dos seus elementos figurativos. Dessa forma, para uma exitosa análise, consideramos os seguintes períodos políticos: República Velha (1889 – 1930), Era Vargas (1930 – 1945), República Populista (1946 – 1964), Ditadura Militar (1964 – 1985) e separamos as mulheres entre as épocas que viveram. Por conseguinte, recolhemos os quatro nomes mais incidentes nos jornais impressos, correspondendo cada um a um período político. O período da República Neoliberal, que se iniciou em 1985 e faz parte da atualidade política brasileira, foi retirado do recorte da análise justamente pelo fator temporal, que está ainda em constante mudança.

Observando os gráficos gerados a partir da tabela verificamos resultados quantitativos a partir do número de incidências dos nomes nos jornais, por época. Podemos visualizar o resultado da pesquisa a respeito dos nomes que viveram a República Velha no gráfico da figura 10.

O período de tensão política pós abolição da escravidão impulsionou movimentos sociais como o republicano, que se realiza pela inserção da política republicana nacional e inaugura o período da República Velha em 1889 e o sufragista, primeiro movimento feminista no Brasil, que reivindica direitos como o voto feminino, o direito à herança e à compra de propriedades privadas. As demandas deste movimento implicam não só por gênero, mas por classe e etnia: composto por mulheres brancas e de famílias ricas, elas apenas conseguem o direito à participação política e ao voto no período político seguinte (durante a Era Vargas, em 1932), mas seguem reivindicando outros direitos ao longo do século XX: como o direito à separação conjugal, direitos trabalhistas e igualdade de salários.

Chiquinha Gonzaga, que nasce em 1847, assiste a abolição da escravidão, vive o nascer de uma república nacional e rompe a isotopia de uma vida doméstica quando se divorcia e escolhe se tornar musicista e maestra. Gonzaga não se intitula feminista ou sufragista, mas acaba reivindicando direitos a partir dessas ações que exerce como protagonista. Com o total de 1403 incidências, Chiquinha Gonzaga é o nome feminino da República Velha com maior frequência entre as incidências dos jornais impressos em análise.

Complementando o período, os nomes de Olívia Guedes Penteado (pintora) e de Júlia Lopes de Almeida (dramaturga) se destacam também através das artes. Tia Ciata, ex-escrava e mãe de santo, foi considerada heroína dentro da religião do

↔ VEJA AS FIGURAS 6, 7, 8, 9 E 10 NA PÁGINA 35.

<sup>10</sup> Termo utilizado por Landowski para definir o jornal como sujeito simulacro, é, portanto, dotado de vontade, poder e opinião.

Candomblé devido às suas ações de resistência contra as perseguições religiosas e também foi responsável pela propagação do samba, nos primeiros anos de sua criação no Brasil, nos eventos religiosos que promovia. No período que é marcado por mulheres artistas, Anália Franco, pedagoga e diretora escolar, acaba se tornando uma das exceções entre os nomes femininos citados pelos jornais, sua incidência se dá através da ampla divulgação da sua escola e asilo. Ainda que também fosse conhecida como poetisa e escritora, Franco foi uma filantropa da área da educação brasileira e contribuiu para a formação e permanência de escolas de ensino básico e complementar durante a República Velha.

Proseguindo para o próximo período político, marcado por um período de exclusiva república de Getúlio Vargas, que assumira o poder após o golpe de estado de 1937, o país assolava-se em fragilidade política. A censura sobre a livre expressão não era comumente sabida, mas os movimentos sociais e partidos socialistas que surgiam se organizavam clandestinamente. A alemã Olga Benário Prestes se destaca com quase 50% das incidências totais pela sua ampla aparição na mídia. Fazendo parte do Partido Comunista Brasileiro, Benário era casada com Luis Carlos Prestes, líder do partido, e com ele organizou revoltas e militou contra a ditadura até sua prisão. A militante, que passou por inúmeras sessões de tortura e maus-tratos, fora deportada para Alemanha que estava em guerra e morreu no campo de concentração de Bernburg.

Afora Olga Benário, que teve o total de 331 incidências durante o período referente à Era Vargas, a época ainda é marcada por outras militantes e ativistas destacadas nos jornais impressos. Olga de Paiva Meira, que está na casa dos 10% do total das incidências, era assistencialista às famílias mais carentes de São Paulo e unia sua profissão à militância: representou as mulheres brasileiras no Conselho Feminino Internacional, cuja organização visava as reivindicações de direitos igualitários. Alice Tibiriça era militante do Movimento Feminista do Brasil e Maria Lacerda de Moura era militante anarquista.

Partindo para a República Populista, esta – que foi marcada pela transição da democracia e de uma política voltada para o desenvolvimento e a industrialização – propiciou, segundo um cenário progressista, que muitas mulheres reivindicassem a vida pública e rompessem com a rotina restrita à vida doméstica. O movimento sufragista, que se organizava desde os anos 1920, e a industrialização contribuíram para a normalização social do trabalho feminino. Percebemos que a partir dessa época, início dos anos 1940, a quantidade e a variabilidade dos nomes femininos aumentam entre os jornais impressos e o número de incidências se distribui mais uniformemente.

VEJA O GRÁFICO DA ERA VARGAS NA FIGURA 11 PÁGINA 35



VEJA O GRÁFICO DA REPÚBLICA POPULISTA NA FIGURA 12 PÁGINA 35



Quando anteriormente nos outros períodos os gráficos nos mostraram o nome incidente predominante com quase 50% do número total de incidências, neste período Anita Malfatti é predominante, chegando a pouco mais que 20%, e os nomes secundários ficam nas margens dos 13%. Percebemos então que a variabilidade dos nomes e, conseqüentemente, das profissões aumentam. Observamos nesta tabela maior variedade de profissões no decorrer dos períodos políticos.

Analisando o período da ditadura militar, a tabela da figura 13 nos dá um panorama da crescente variabilidade de profissões. Algumas, ligadas a arte, como 'musicista', 'pintora' e 'escritora' são comuns entre as mulheres através dos três períodos. As profissões mais específicas, como 'Dançarina', 'arquiteta' e 'cineasta', se apresentam entre os nomes incidentes pela primeira vez neste período de República Populista. O cenário desenvolvimentista permitiu que esses caminhos específicos fossem mais explorados pelas mulheres e mais, permitiu seu desenvolvimento e conseqüente destaque profissionais. No decorrer dos próximos períodos, fica ainda mais evidente a exploração de especialidades e observamos ainda mais variabilidade entre as incidências no gráfico da figura 14.

Apesar de ser um período de bastante repressão política e de censura sobre muitas áreas, inclusive culturais, percebemos, neste gráfico, muitos nomes famosos por sua contribuição artística nacional. 'Elis Regina' é predominante sobre o restante dos nomes do período compondo apenas 8% do número total das incidências.

Além de um maior número de mulheres inseridas no meio profissional, notamos uma maior variabilidade de mulheres atuantes no período de ditadura militar que no anterior, durante a República Populista. Percebemos então um padrão temporal: Quanto mais tempo se passa, mais normalizado se torna o trabalho feminino e a exploração da mulher em busca de uma vida urbana, afora da doméstica. Com maior investimento nos meios de comunicação e a popularização do rádio, TV e de jornais impressos, a necessidade de variedade artística e jornalística cresceu e se estenderam as oportunidades para as mulheres: uma maior visibilidade do que em outros períodos, porém ainda não de forma igualitária entre os gêneros. Ademais, respondendo às repressões, o fortalecimento dos movimentos sociais impulsionou o despertar da segunda onda feminista no Brasil. Suas reivindicações retomavam demandas pela igualdade entre os gêneros em direitos trabalhistas e em espaço de atuação política, além de pautas contra assédio público, abuso e violência físicos.

Após a análise quantitativa das incidências dos nomes femininos através dos períodos políticos brasileiros, selecionamos os nomes mais incidentes em cada

VEJA AS FIGURAS 13 E 14 NA PÁGINA 35



período. Foram eles: Chiquinha Gonzaga (1847 - 1935), Olga Benário Prestes (1908 - 1942), Anita Malfatti (1889 - 1964), Elis Regina (1945 - 1982). A seguir, para obtermos uma análise cronológica da linguagem, analisamos as notícias que têm seus nomes referidos durante suas vidas. Por exemplo: Chiquinha Gonzaga faleceu em 1935, então, até 1935 analisamos as notícias que se referem ao seu nome. A partir de 1936 até 1942 (sendo este o ano em que Olga Benário morreu) analisamos o nome desta, e assim sucessivamente.

Para cartografar minimamente o estado da arte da presença feminina nas mídias, recolhemos diversas pesquisas que não só têm embasamento nos estudos em gênero, mas se compõem conjuntamente com análise de mídias. A dissertação de Simone Bueno da Silva, por exemplo, intitulada "A construção do corpo na mídia semanal", de 2007, trabalha com os simulacros de corpos construídos pelas revistas "Veja", "Epoca" e "IstoÉ", e questiona como o discurso midiático faz parecer verdadeiro os simulacros de corporeidades que divulgam e que fundamentam seus discursos. Afirma Bueno da Silva:

Tal discurso atua na construção de simulacros generalizantes de corporeidades, investindo em um padrão de corporeidade que se orienta pela perspectiva da saúde e da beleza. Entretanto, o modelo de corporeidade assinalado bem como os conceitos e noções instituídos em torno deles não correspondem necessariamente a verdades absolutas sobre a saúde ou beleza, mas a estruturas modelares que atuam na redução e neutralização das diferenças, apontando para a edificação de estereótipos. (p. 82)

Essa edificação de estereótipos se materializa nos simulacros, formados nos discursos midiáticos que se encontram nos mais diversos textos sincréticos e se concebem como signos do imaginário coletivo do porta-voz social. O simulacro acaba por ser responsável por tantas percepções e sensações do destinatário quanto por suas persistências pelo objeto de valor, seja ele corpóreo, comportamental, da moda etc. Na tese "Mulheres de saia na publicidade" (2014), Adriana Tulio Baggio faz a reflexão do simulacro da mulher a partir das suas roupas. A autora considera a vestimenta como uma projeção de simulacro dos corpos e explica: "cada grau de visibilidade da roupa no corpo corresponde a uma modalização do destinatário-enunciador, no sentido de um fazer-ver a vestimenta presente no anúncio, levando a uma sistematização dos regimes de visibilidade da roupa no corpo da figura feminina" (BAGGIO, 2014, p. 83). Compreendemos, portanto, que o destinatário é o responsável pela visibilidade do corpo da mulher, um sancionador do sujeito para

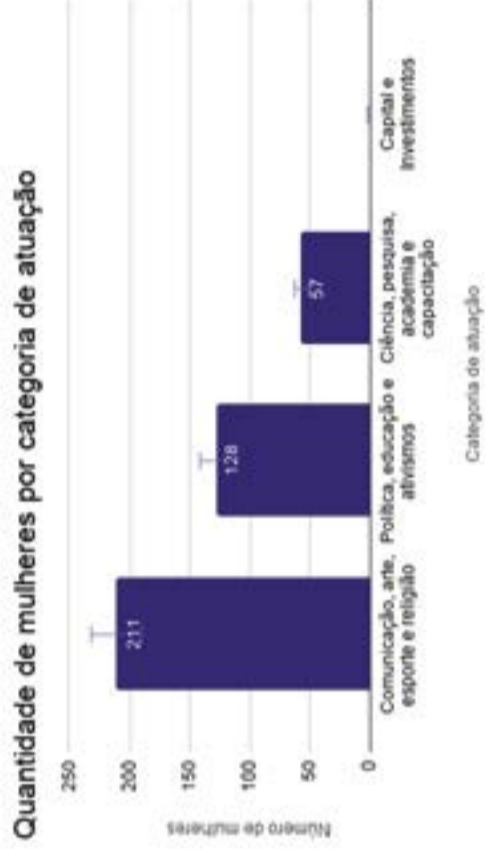
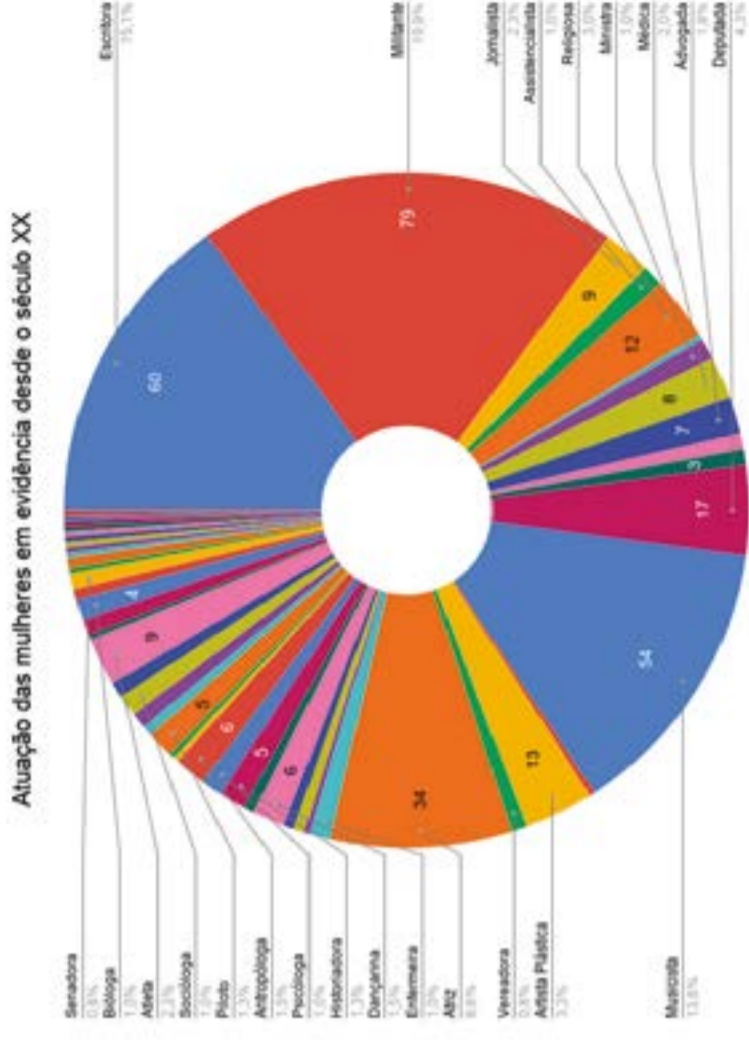
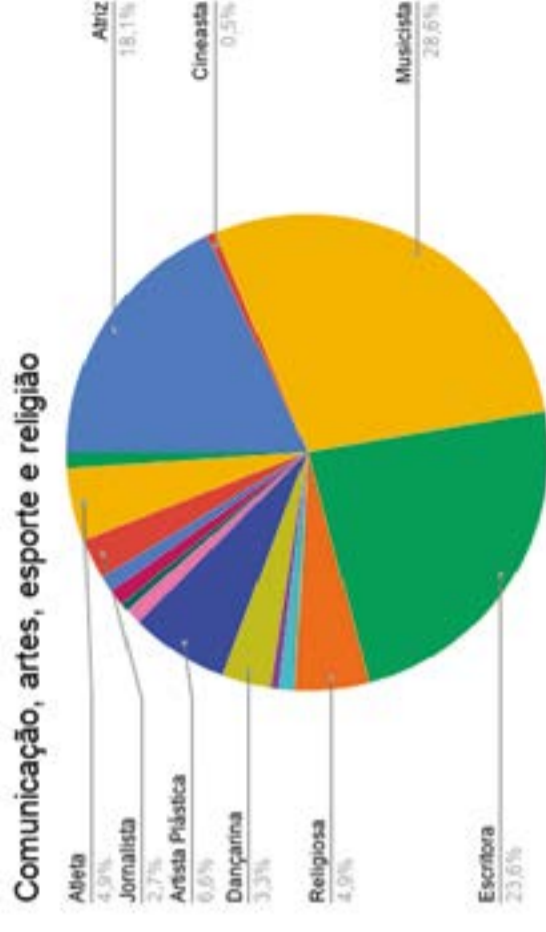
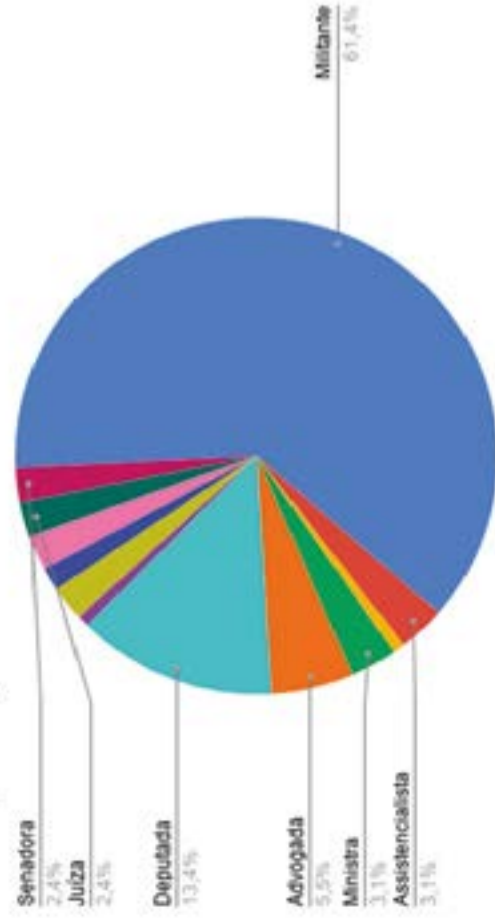


Figura 6:  
Gráfico geral das profissões.  
Figura 7:  
Gráfico das categorias de atuação.  
Figura 8: Gráfico quantitativo das profissões da categoria Comunicação, artes, esporte e religião.

Fonte: Dicionário de Mulheres Brasileiras (Schumaier, 2001), acervos da Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo.



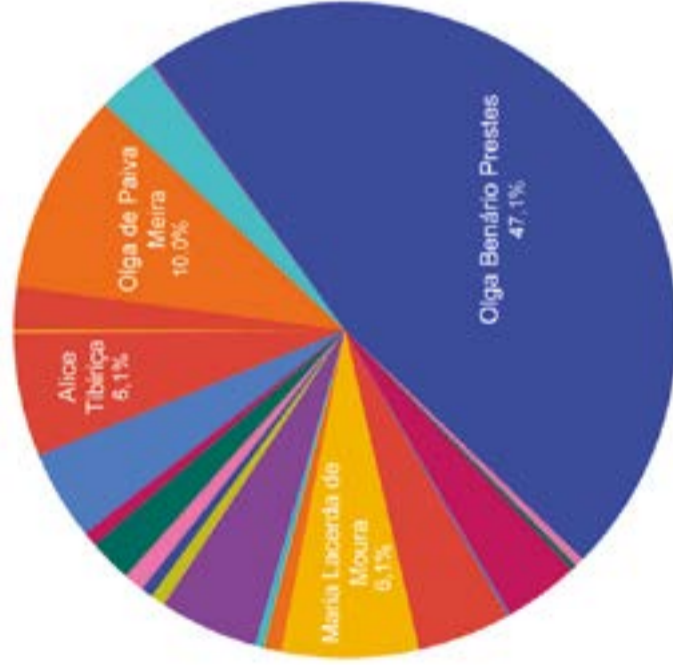
**Política, educação e ativismos**



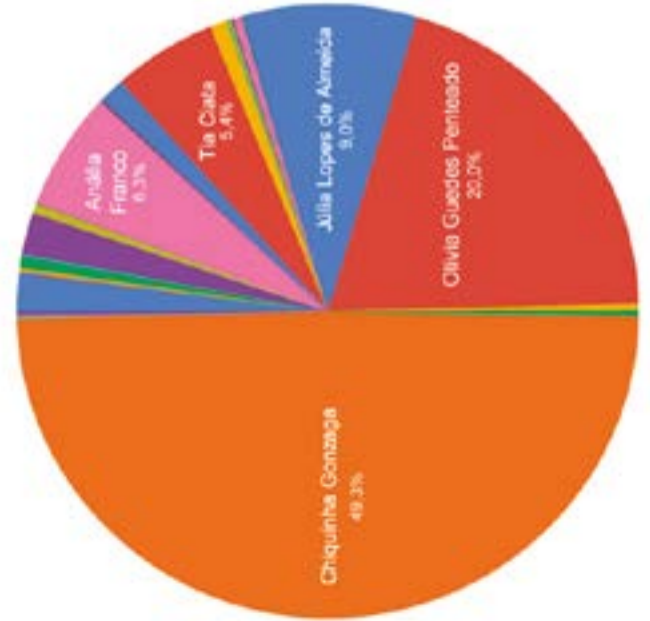
**Figura 9:** Gráfico quantitativo das profissões da categoria Política, educação e ativismos.  
**Figura 10:** Gráfico dos nomes atuantes durante a República Velha (1889 – 1930).  
**Figura 11:** Gráfico dos nomes atuantes durante a Era Vargas (1930 – 1945).

Fonte: Dicionário de Mulheres Brasileiras (Schumaher, 2001), acervos da Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo.

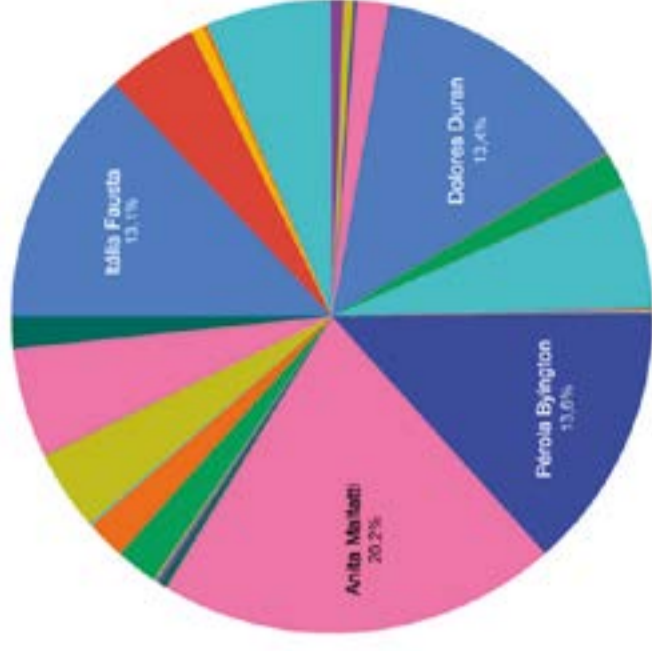
**Total de incidências por nomes da Era Vargas**



**Total de incidências por nomes da República Velha**



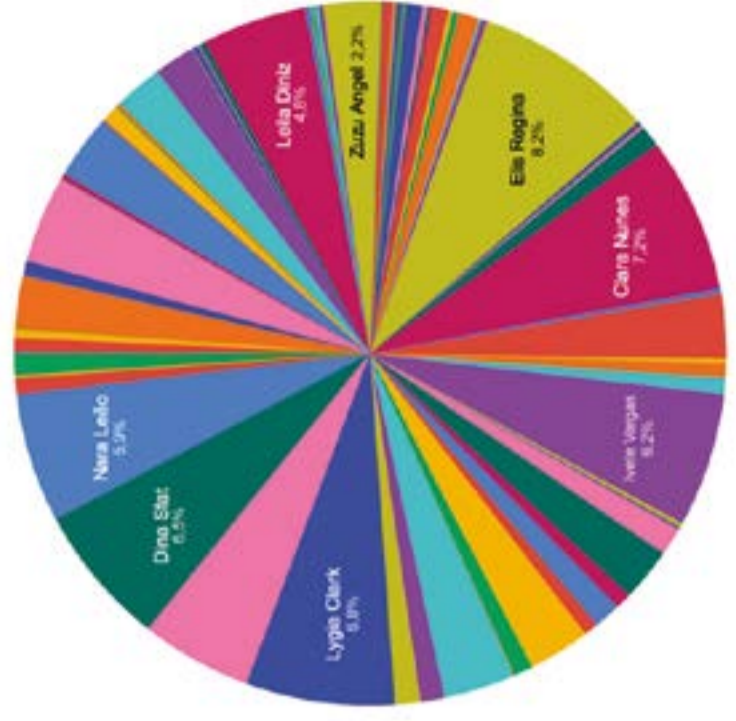
**Total de incidências por nomes da República Populista**



**Comparação de variedade de profissão entre os períodos**

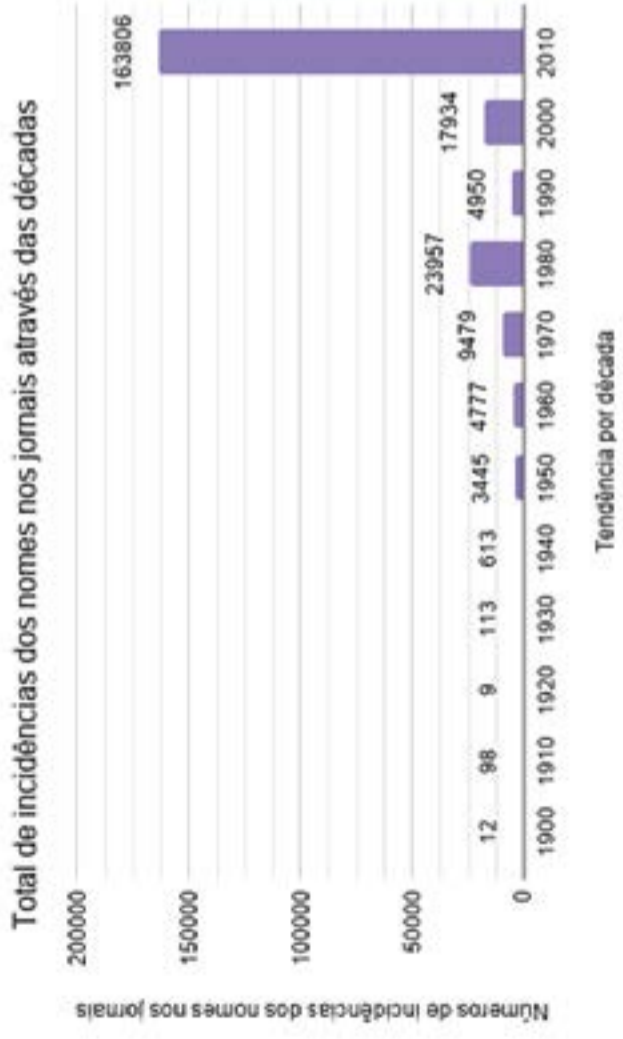
	Era Vargas	Rep. Populista
Rep. Velha		
Dramaturga		
Advogada		
Jornalista		
Ministra		
Filósofa		
Deputada		
Assistencialista		X
Médica	X	X
Musicalista	X	X
Protora	X	X
Religiosa	X	X
Escritora	X	X
Militante	X	X
	Deputada	
	Enfermeira	
	Vendedora	X
		X
	Probleta	
	Ator	
	Bençana	
	Cozinheira	
	Arquiteta	

**Total de incidências por nomes do período de ditadura militar**



**Figura 12:** Gráfico dos nomes atuantes durante a República Populista (1946 – 1964).  
**Figura 13:** Gráfico dos nomes atuantes durante a ditadura militar.  
**Figura 14:** Gráfico dos nomes atuantes durante a ditadura militar (1964 – 1985)

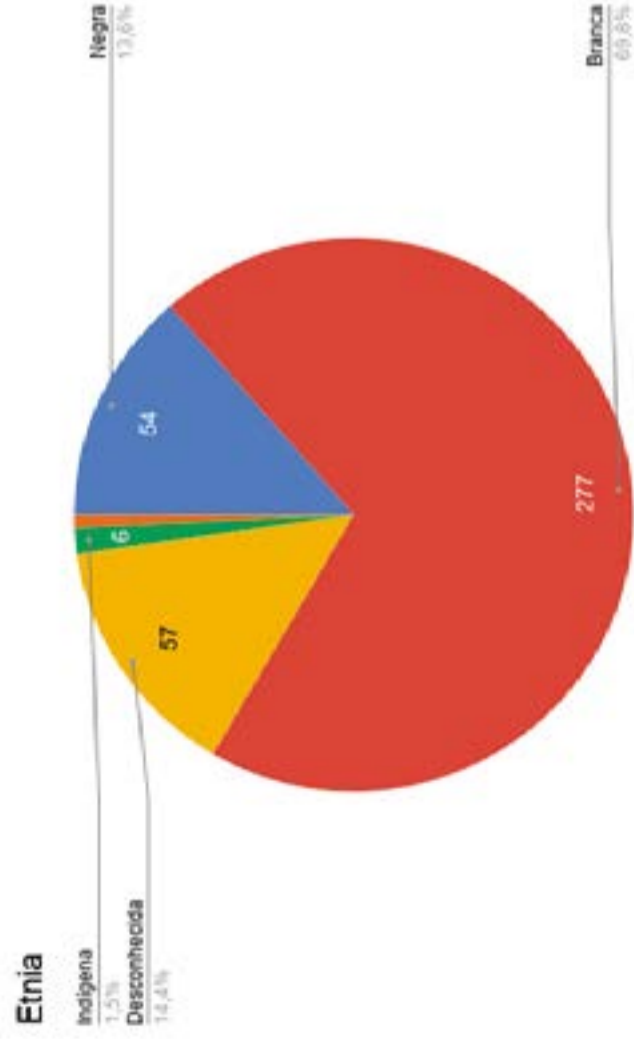
Fonte: Dicionário de Mulheres Brasileiras (Schumaher, 2001), acervos da Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo.



**Figura 14:**  
Gráfico de incidência dos nomes nas mídias por período de atuação.

**Figura 15:**  
Gráfico das etnias.

Fonte: Dicionário de Mulheres Brasileiras (Schumaher, 2001), acervos da Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo.



o meio social.

A partir do corpus de sua pesquisa, Baggio (2016) analisa em seu artigo "Papéis sociais femininos na publicidade: contribuições da semiótica para sua identificação e categorização" (2016) como são dados os papéis femininos presentificados nas publicidades, encontradas em algumas publicações das revistas "Veja", "Exame" e "Cláudia". Os sintagmas da mulher 'mãe', 'esposa/amante' e 'profissional' são hierarquizados por importância social e "mantêm a ordem de prioridade quanto aos possíveis papéis femininos, sendo o de 'mãe' na primeira posição, seguido pelo de 'esposa/amante', e com o 'profissional' em terceiro lugar" (p. 8, grifos da autora). Entendendo que todas essas são diferentes faces do sujeito mulher, percebemos que esses são verdadeiros papéis a serem interpretados, quase que requisitando uma segunda personalidade para realizá-los, embora devam ser assumidos pela mesma pessoa. A semiótica aponta adiante como se dá a relação entre ser 'esposa/mulher' e 'amante': "É quase como se o mais importante para a mulher fosse o aspecto 'social' da relação de casal — o ser 'esposa' —, ficando o sexo como um opcional, evidentemente desejável, mas que não afeta o principal e, portanto, pode eventualmente ser assumido por outra pessoa." (p. 8).

A dissertação de Maria Paula Guimaraes, por exemplo, onde ela analisa os simulacros de mulher presentificados em 30 anos da revista "Nova", a autora demonstra, através do eixo temporal, como a questão sexual da mulher se torna uma performance a ser realizada, mas sempre em busca de agradar terceiros, e que a mulher é orientada pelo discurso da revista de forma que encontre capacitação e competência para isso. Na dissertação que se intitula "Nova: 30 anos da mulher de 30", Piotto observa e coloca em contraposições o que se demonstra em continuidade e em descontinuidade sobre a visibilidade do feminino na mídia impressa nos discursos da revista, com o passar dos anos, a começar pela descontinuidade de um apagamento do corpo da mulher e do silenciamento das subjetividades da mulher: seu corpo não só ganha visibilidade, como é colocado em discussão na relação enunciatória-enunciária. Com o estímulo de mulheres entrando no mercado de trabalho, elas obtêm poder de consumo, e, portanto, obtêm poder sobre o que consumir, o que ler, sobre o que quer se informar etc. Mas em oposição, o que se mantém em continuidade são "valores circulantes pautados na sensualidade feminina e na mulher que quer ser vista e desejada pelo outro" (GUIMARAES, 2006, p. 29), afirma a autora. Ou seja, quando se trata de sensualidade da mulher, o objeto de valor, segundo a revista, é estar visível para o outro e priorizar uma sanção dada pelo outro, desenvolver a face da mulher 'amante'. Este é o simulacro da mulher sensual: o que se coloca nos discursos da

revista "é o simulacro de uma mulher que tem o corpo e o sexo para oferecer ao Outro" (GUIMARÃES, 2006, p. 67).

Passando para o papel dado à mulher como 'profissional', compreendemos um simulacro do feminino que acata tarefas e responsabilidades herculanas. Como tratamos no início das considerações, uma vez que ela adentra no mercado de trabalho, a mulher deve realizar duplas ou triplas jornadas: não só sai do doméstico para trabalhar fora, como também realiza o papel de mãe, esposa e cuidadora do lar. Simulada por um conjunto de valores dados pelo social de que é um sujeito resistente às várias demandas que lhe são delegadas, a mulher que ocupa espaço no mercado de trabalho acaba por se submeter a inúmeras disputas e exigências para obter destaque profissional, como mostra uma pesquisa de 2005, feita pelos professores Michelle Ryan e Alexander Haslam, da Universidade Exeter, na Inglaterra. O artigo "*The glass cliff: Evidence that women are over-represented in precarious leadership positions*" utiliza a expressão 'teto de vidro' para referenciar às experiências assimétricas de trabalho que sujeitam um número relevante de mulheres exitosas profissionalmente a condições inadequadas em missões hercúleas, quase que fadadas ao fracasso, à evidente falha premeditada. Os pesquisadores apontam que, normalmente, as mulheres são chamadas para cargos de lideranças em momentos de crise nas empresas e recebem cobranças diferentes quando se trata de homens no mesmo cargo. Suas lideranças são delegadas em um plano *backup*, a última opção antes do fracasso. Esse estudo, que se estende em uma pesquisa demonstrada em mais treze artigos<sup>11</sup>, abarca problemáticas que são vividas pelas mulheres no trabalho: como as desigualdades de tarefas delegadas e profissões subalternas, desigualdades de salários e benefícios, desigualdades de condições de trabalho e os assédios direcionados por gênero; e é utilizado pela presente pesquisa para embasamento de questões de assimetria entre os gêneros, quanto ao meio profissional. Consideramos que o discurso midiático, que é vinculado a circunstâncias do meio, é um reflexo das condições — políticas, sociais, culturais e etc. — que o sujeito retratado vive, e suas contribuições profissionais, visibilizadas pela mídia ou não, refletem também seu posicionamento político e social. Por isso, consideramos fundamental analisar tais discursos ponderando problemáticas encontradas entre as mais diversas áreas em

que a mulher está inserida.



## 2. Discursos midiáticos sobre as mulheres escolhidas



<sup>11</sup>. Disponíveis através da biblioteca online Wiley: <  
<https://onlinelibrary.wiley.com/>>. Acesso: 13 Jun. de 2017.

***Identidades  
profundamente sentidas  
se criam no espaço  
de encontro e tensão  
de forças políticas, sociais  
e econômicas e variam  
com o tempo.***

***GARCIA, 2015, p.24***

**Segundo Amanda Marques (2018), na dissertação de mestrado que escreveu** sobre a artista Paula Garcia, o sujeito se faz na sua construção de identidade a partir da relação da sua vivência, liberdade e autonomia. "e assim, torna-se auto-organizador de seu próprio processo e não exclui qualquer possibilidade de dependência com o mundo exterior, desde os grupos e sociedade até ao ecossistema." (p. 62). O sujeito é diretamente ligado ao meio que vive. Considerando seu tempo e espaço vividos, seus sentidos são construídos nas relações que o sujeito estabelece com o meio. Segundo Judith Butler, "a identidade do sujeito é construída na linguagem e pela linguagem" (BUTLER, 2016, p. 200), isso significa dizer que ela se faz através das marcas presentes e ausentes do meio para sua expressão e sua produção de sentidos. Em tempo, ainda no âmbito da 'identidade', Beauvoir (2006) afirma em "O Segundo sexo" que "ser é ter-se tornado, é ter sido feita tal qual se manifesta" (p. 18). A proposição de que o sujeito se faz existir na complexidade da sua existência, envolvendo todas as relações com as quais ele interage, inclusive na ausência das suas interações ou na sua dualidade, na contrariedade da sua existência, encontra-se na teoria metodológica que utilizamos nessa pesquisa. Segundo Landowski, em "Presenças do outro" (2012):

o que dá forma à minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a 'alteridade do outro' atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele. (p. 3. grifos da autora)

A emergência do sentimento de identidade surge na necessidade do 'Um' definir seu diferente, seu alterno, o 'Outro' como sujeito submetido por uma alteridade. Ambos são interdefiníveis, não existe definição de um sem o outro. Como afirma Landowski, "este Outro pressupõe a auto-identificação do Si está hoje, socialmente falando, mudando de estatuto. Outrora ainda distante, ele se instala atualmente entre nós" (idem, p. 4). O sentido que se emana na auto-identificação da alteridade é imanente para qualquer um que se diferencia do 'Um'.

A identidade da mulher do início do século XX, na busca da construção do seu ser, que também pode ser vista como objeto de posse pelo patriarca da família, se mantém na imagem projetada pela na isotopia do social: uma imagem cujas subjetividades, como a sensualidade feminina e comportamento social, são valores pautados na ótica de ser vista e desejada pelo Outro. A descontinuidade desse valor nesse período seria, portanto, uma quebra na isotopia patriarcal, que pressupõe reivindicações femininas que se propõem destinadoras de si. Isso se reafirma na entrada da mulher no espaço público, na sua atividade profissional, na conquista dos direitos ao divórcio e ao voto, entre outros. Maria Paula Piotto Guimarães (2006) analisa o discurso da revista visando compreender como são construídos os simulacros de mulher nas capas da revista. Essa dualidade continuidade/descontinuidade também foi notada na sua análise:

A análise desses discursos permite observar que, a despeito dos avanços nas relações econômicas, que contemplaram o desenvolvimento da indústria e, por decorrência, a maior oferta de produtos e a mobilidade social à presença feminina nas capas e nos textos publicitários da mídia impressa, está sempre imbricada a presença de um 'Outro'. Esse 'Outro', o masculino, a quem ela se mostra desejante e deve se manter desejável. Trata-se da preservação de valores que mantêm o sentido de continuidade. (p. 40, grifos da autora)

Ao mesmo tempo que temos a continuidade mantida no que se constrói como objeto de valor da destinatária das revistas, também vemos sua quebra, ou seja, a exploração da descontinuidade dessa forma de valor. Piotto acrescenta que "o efeito de sentido, após essa incursão temporal no percurso da mulher na mídia impressa, marca a descontinuidade e a continuidade no discurso, a continuidade na narrativa e a manutenção dos valores nas estruturas mais profundas." (GUIMARÃES, 2006, p. 45) trazendo para discussão questões como a invisibilidade das mulheres nas produções científicas, teóricas, políticas ou literárias, que, apesar de seu apagamento, contribuíram individual, coletiva e massivamente para o repertório

intelectual.

Problematizamos, portanto, a ausência dessas mulheres nos registros da história. A autora Carla Garcia defende que, sem modificar sua estrutura, a história objetivamente deveria questionar a ausência de um dos sexos no repertório de registros, e dessa forma, seu percurso geral "talvez tomaria outro rumo" (GARCIA, 2015, p. 106). Garcia ainda afirma que essa narrativa consensual "deixa de lado mais da metade da humanidade. Nem a valoração dos feitos se considera relevante para resgatar do esquecimento e incorporá-los a uma tradição" (p. 106). Esse fato deslegitima a pretensão de universalidade e coloca em posição subalterna a condição de imparcialidade da ciência e da história.

A presente pesquisa refuta a invisibilidade das protagonistas de diversas áreas profissionais e busca na literatura biográfica os nomes que viveram os séculos XX, a fim de compreender a existência ou ausência dessas identidades e como foram retratadas pelos jornais impressos ao longo do tempo. No cerne das suas atuações, os sujeitos se debruçam em atividades a partir de suas individualidades para alcançar visibilidades de suas conquistas. A partir dessa pesquisa, averiguamos quantas vezes as mulheres do nosso corpus, que também foram sujeitos inovadores a título de conhecimento e técnica, apareceram nos jornais nacionais de grande circulação. No gráfico da figura 15, apresentamos a quantidade de mulheres que aparecem em ambos os jornais, "Folha de S. Paulo" e "Estado de S. Paulo", por década.

A média geral de mulheres incidentes nos jornais aumenta através das décadas e isso se dá, não apenas pela popularização exponencial dos jornais impressos, mas principalmente pelos fatores sociais que estão diretamente entrelaçados com as reivindicações femininas de liberdade e de direitos para além da vida doméstica. Suas reivindicações em espaços da política, do trabalho e das universidades, tomaram proporções de visibilidade.

Junto à seleção por período e categoria de atuação, também coletamos a etnia (autodeclarada) das mulheres selecionadas (figura 16). Quase 70% do total são brancas, pouco mais de 14% de etnia desconhecida (não declaradas), pouco mais de 13% negras e menos de 1% se declararam pardas.

A escravidão e seus efeitos culturais, sociais e econômicos, em outras palavras, o conjunto total dessa opressão baseada na política de subalternizar o Outro, é a razão da desigualdade e invisibilização das mulheres negras nas mídias analisadas, razão essa que se estende no plano simbólico<sup>12</sup>, no destituir o negro de sua humanidade. Em "Afrografias da Memória", Leda Maria Martins, em 1997, descreve o processo da diáspora transatlântica a partir da desumanização do negro:

← VEJA AS FIGURAS 15  
E 16 NA PÁGINA 35 →

<sup>12</sup> Diane Sousa da Silva Lima trabalha as representações do corpo negro nas artes contemporâneas, em "Fazer sentido para fazer sentir", de 2017, e trás, sob análise da sociossemiótica, uma discussão sobre o sentido negro e fazer-se negra.

Os africanos transplantados à força para as Américas, através da diáspora negra, tiveram seu corpo e seu corpus desterritorializados. Arrancados do seu domus familiar, esse corpo, individual e coletivo, viu-se ocupado pelos emblemas e códigos do europeu, que dele se apossou como senhor, nele grafando seus códigos linguísticos, filosóficos, religiosos, culturais, sua visão de mundo. Assujeitados pelo perverso e violento sistema escravocrata, tornados estrangeiros, coisificados, os africanos que sobreviveram as desumanas condições da sua travessia marítima transcontinental foram destituídos da sua humanidade, desvestidos dos seus sistemas simbólicos, menosprezados pelos ocidentais e reinvestidos por um olhar alheio, o do europeu. Esse olhar amparado numa visão etnocêntrica e eurocêntrica, desconsiderou a história, as civilizações e culturas africanas, predominantemente ágrafas, menosprezou sua rica textualidade oral, quis invalidar seus panteões, cosmologias, teogonias; impôs como verdade absoluta, novos operadores simbólicos, um modus alheio e totalizante de pensar, interpretar, organizar-se uma nova visão de mundo, enfim. (p.24)

Ultrapassando os limites cravados entre os gêneros, a destituição de sua humanidade aprofunda questões relacionadas à sua visibilidade social. Sua aniquilação perdura até hoje, sob uma perspectiva do 'necro'<sup>13</sup>, a partir da ausência de políticas para integração social na educação, na cultura, no acesso às condições básicas de higiene, saúde e moradia, resultando no agravamento das disfunções nos âmbitos de representatividade e contribuição políticas dessas mulheres para o repertório técnico e intelectual brasileiro. Sua invisibilidade no cotidiano das mídias não é imotivada e decorre de problemáticas histórico-políticas, sendo assim, não é aleatório que dentro do nosso corpus final, apenas uma mulher negra se destaca com o maior número de incidências nos jornais, durante seu período de vida.

Chiquinha Gonzaga, essa que referenciamos, não só vem de uma família com acesso aos recursos em saúde e educação, como passara por um processo de embranquecimento uma vez que se alavancou no meio musical. Presenciando a virada política da abolição à escravidão e vivendo a primeira república brasileira, o embranquecimento<sup>14</sup> de Chiquinha Gonzaga atesta o que, segundo a pesquisadora Diane Lima, válida uma suposta democracia racial. Lima (2017) explana que:

ao se valer do atributo cor e de seu uso flexível, numa extensa propaganda oficial ocorrida nos anos de 1920 e 1930, transformou o que era uma imagem negativa numa visão enaltecida expressa pela ideia de democracia racial. Seus efeitos são o nascimento de uma tolerância racial e o desenvolvimento de um racismo silencioso e molecular, que se disfarça, se esconde e se atualiza diariamente. (p. 60)

Compreendendo em "Pele negra, máscaras brancas", de Franz Fanon (2008), o problema está diretamente relacionado com a temporalidade. Segundo o próprio cientista, "todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo" (FANON, 2008, p. 29). Nossa análise semiótica considera o eixo temporal de cada notícia e, dessa forma, compreende as políticas requeridas de cada período, tal como os preconceitos estruturais socializados pelo destinador jornal.

Questões como essa são abarcadas na análise sociosemiótica deste presente trabalho. Deste modo, examinamos presenças e ausências nos jornais e questionamos a origem de sua visibilidade (ou invisibilidade) midiática. Segundo o "Dicionário Crítico do Feminismo", ao se tratar de individualidade, há um abismo na divergência entre o indivíduo que é dito e o sujeito que se diz. É na consciência dessa divergência que se abre caminho para a liberdade que autoriza a existência do sujeito pelo poder de dizer "eu". (RIOT-SARCEY, 2009, p.187). Segundo "Presenças do outro" (2012), entendemos que subjetividade do indivíduo, construída por seus procedimentos enunciativos, está diretamente relacionada com sua objetividade e, tal dualidade instala os vários modos de presença semiótica.

## 2.1 República Velha: Chiquinha Gonzaga (1847 – 1935)

Ela não estava a serviço da pátria, nem da humanidade, nem de um marido. Estava apenas a serviço de si mesma, às suas vontades e desejos.  
- Edinha Diniz, 1984.

A República Velha, iniciada em 1889, ainda que seja o primeiro regime republicano que previa o início da democracia no Brasil, é marcado por traços conservadores: presidentes militares, eleitos por bancadas minoritárias de proprietários, fazendeiros e agropecuaristas, governavam sob enormes divergências civis, com uma constituição jovem, ainda muito frágil e imprecisa. Questões do trabalho, da educação e da segurança pública se encontravam muito superficiais, quem dirá questões de raça ou gênero. Nesse cenário, trabalhar e produzir era inviável para mulheres, principalmente de famílias tradicionais. À época, não era comum que mulheres deixassem sua vida doméstica, tampouco trabalhassem, portanto, ao ter essa normatividade interrompida, a elite carioca acabava por deixar às margens os sujeitos que fugissem às expectativas de um comportamento pré-definido socialmente.

**13.** O teórico Achille Mbembé inaugura o conceito da necropolítica que se define pela política da morte. Compreendendo os estudos em biopolítica de Michel Foucault, que é o domínio sobre a vida, o pesquisador expande para os que morrem, "por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais" (MBEMBE, 2018).

**14.** Quando falamos em embranquecimento, nos referenciamos à cultura racista da "mestiçagem". Segundo o cientista Muranga (2010), "a identidade é um processo sempre negociado e renegociado de acordo com os critérios ideológico-políticos e de relações de poder" (p. 453). Conformando-se em regimes de exclusão e segregação, a agregação invocada pela miscigenação está na "expectativa racista de esperar o branqueamento do negro, ao invés de respeitar sua cor tal como é" (p. 450).

Durante a pesquisa quantitativa de mulheres brasileiras que contribuíram para sua época, observamos que foram poucos os nomes femininos incidentes nos jornais durante a República Velha, com relação aos outros períodos, tal qual a variabilidade das profissões desse período.

No total de 31 mulheres da República Velha, percebemos que a maior parte das profissões estão no campo da arte e da subjetividade. Em segundo lugar, as profissões da área política, como judiciário e legislativo, advocacia e militância, que se destacam pela necessidade contextual da época. Notamos ainda, a ausência midiática de mulheres da ciência, da academia e da pesquisa. Essas, começam a aparecer, timidamente, a partir do próximo período, devido à "popularização" da educação. Neste cenário escasso e dificultoso, Francisca Edwiges Neves Gonzaga, conhecida como Chiquinha Gonzaga, inaugurou uma série de primeiros feitos no Brasil, como suas biografias contam: a primeira mulher compositora brasileira, primeira maestrina, primeira musicista autodidata, entre outros títulos. Além disso, suas colaborações à cultura brasileira popular expandiu o alcance do repertório até a Europa. Apesar de numerosas contribuições, ao pesquisarmos suas incidências nos jornais "Estadão" e "Folha de S. Paulo", em vida Gonzaga não aparece em mais que cinco publicações, com o nome brevemente citado. Postumamente, há mais de 1400 incidências, nos mesmos jornais.

Compositora popular e pioneira da marchinha carnavalesca, Chiquinha Gonzaga nasceu filha de um militar branco e de uma dona de casa negra, em 1847, no Rio de Janeiro. A família lhe propôs condições de estudo particular, incluindo aulas de música e piano durante a infância. Em 1858, aos 11 anos de idade, compôs sua primeira música, a natalina "Canção dos Pastores". Aos 16, foi forçada pelo pai a se casar com Jacinto Ribeiro do Amaral, oficial da Armada Imperial. Devido aos maus tratos, as humilhações e a sua proibição em se envolver com música, Chiquinha Gonzaga separou-se do marido cem anos antes de ser legal e previsto por lei. Condenada pelo Tribunal Eclesiástico por abandono do lar, como forma de punição, ela foi deserdada pelo pai e afastada dos seus dois filhos mais novos, podendo criar apenas João Gualberto, seu primogênito (DINIZ, 2009, p. 69).

Para manter uma visibilidade profissional em uma sociedade de privilégios, manteve o uso do sobrenome 'Gonzaga', herdado do pai, que, segundo o pesquisador Rafael do Nascimento César, sinalizava a correspondência a uma lógica de distinção social da elite carioca, que a compositora não conseguira se desviar (CÉSAR, 2018, p. 315). Ainda afirma César que,

levada a uma condição de marginalidade relativa, em que uma situação econômica adversa contrastava com o cabedal

de 'boa família', portar ainda apenas na assinatura, as insígnias desta classe privilegiada, era-lhe inescapável na busca cotidiana por trabalho (p. 315).

← →  
VEJA O GRÁFICO DA  
FIGURA 17 PAGINA 49.

Foi no auto reconhecimento que Gonzaga manteve seu sobrenome paterno, a fim de obter maior visibilidade diante das circunstâncias sociais e políticas, que já a coíbiam para não trabalhar. Segundo a historiadora e biógrafa Edinha Diniz, a compositora "forçou sua entrada na história por sua contribuição que deixou à cultura brasileira" (DINIZ, 2009, p. 11), rompendo com a continuidade exclusiva masculina na composição da música popular, do samba e do choro. Ainda assim, pela época, os jornais impressos deixaram evidente que uma continuidade fosse mantida, não a total invisibilidade, mas um apagamento parcial da musicista na mídia e suas contribuições à música popular.

Em 1877, lançou sua primeira polca de sucesso, "Atraente". A peça "A Corte na Roça" estreou 8 anos depois, e assim, Chiquinha Gonzaga consagrou-se não só como a primeira compositora de música popular brasileira, como também a primeira maestrina autodidata do país e a primeira mulher (por muitos anos, a única) a escrever peças para teatro. Ainda durante seu período de maior sucesso, Gonzaga utilizou da fama para chamar atenção às causas abolicionistas e republicanas, participando de festivais artísticos e saraus beneficentes. Segundo o pesquisador Rafael do Nascimento César, a musicista seguiu uma carreira por mais de 40 anos, publicando mais de duas mil composições e, "embora sua vida tenha sido alvo de poucas biografias se compararmos com as mais de 40 sobre Heitor Villa-Lobos, todas, sem exceção, destinaram-se a narrar uma vida que brindou a liberdade, venceu preconceitos e ostentou o signo da excepcionalidade" (CÉSAR, 2018, p. 307).

Entre 1910 e 1914, levou sua parcela de música brasileira para Portugal, onde lançou "Forrobodó", seu maior sucesso em vida, com mais de 1.500 apresentações para teatro. Ao retornar ao Brasil, em 1914, aos 67 anos, seu nome começou a aparecer nos jornais impressos de grande circulação.

Em "O Estado de S. Paulo", no dia 25 de outubro de 1914<sup>15</sup>, na página 4 do Caderno Geral, cuja forma corrida do texto, a ausência de imagens e de manchetes nos conferem uma informação generalizada, objetiva e breve.

Observando a página do jornal, encontramos temas diversos: cotação do câmbio, notícias do Rio de Janeiro, notícias sobre a Grande Guerra que começara poucos meses antes dessa edição, e aí então, notícias sobre apresentações, festivais e concursos artísticos. Na página do jornal, encontramos o recorte em questão na

<sup>15</sup>. Caderno de anexos, p. 8.

sessão "Artes e Artistas". Tratava-se da conferência de João Phoca, humorista dos anos 10, sobre a canção brasileira a se realizar no "Pathé Palace", no Rio de Janeiro. Seguindo a programação, o evento teria a presença da "inteligente actriz (sic) Abigail Maia, que cantaria uma série de cantigas nacionaes (sic), velhas e novas" (retirado do extrato, figura 18). Em uma lista por tópicos de oito canções, a sétima seria "O Beijo", composição de Chiquinha Gonzaga.

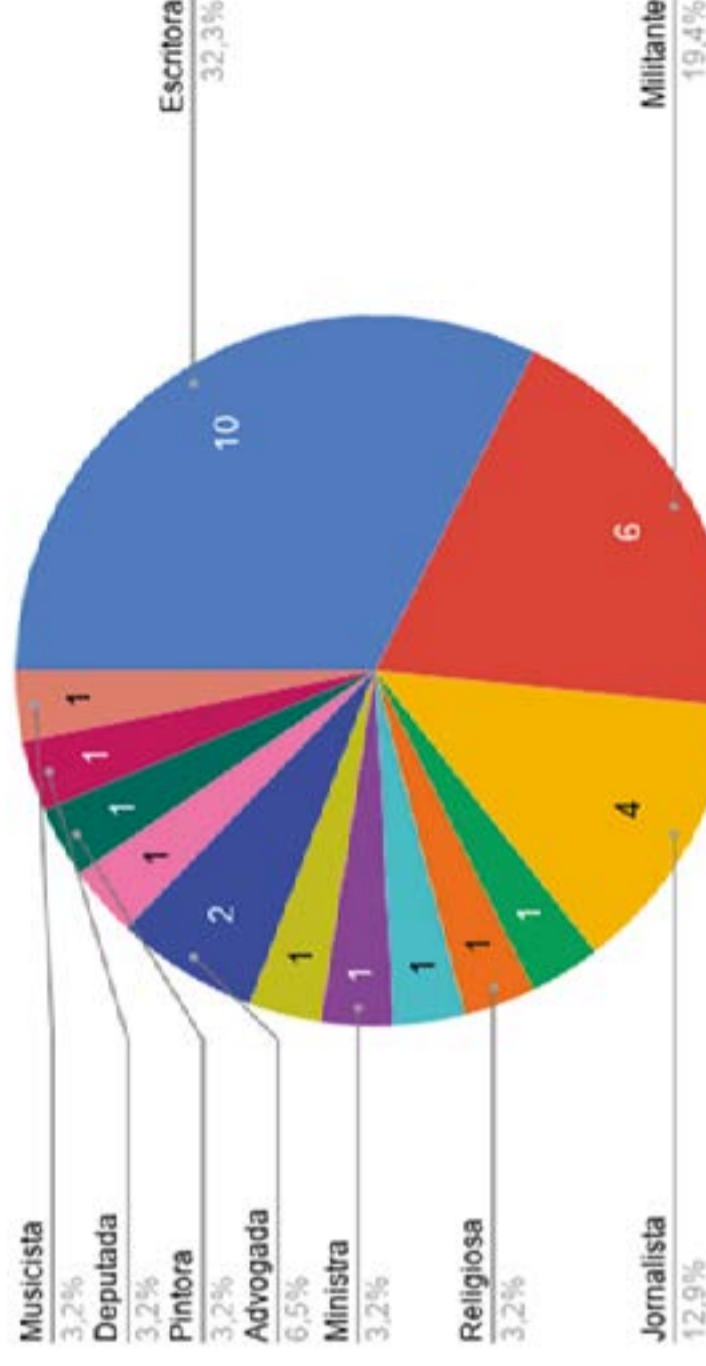
A citação do jornal sobre Chiquinha Gonzaga, como uma breve referência para a intérprete, Abigail Maia, timidamente rompe uma estrutura normatizada: Gonzaga é a única compositora do repertório de Abigail Maia, no qual predomina-se nomes masculinos, e, ainda assim, sua participação não se faz destoante, pelo contrário: junto às outras músicas, há uma continuidade que invoca o tema romântico em todos os títulos "Os olhos della", "Lágrimas e Risos", "Supplica", "O beijo e os sentidos", "O beijo e o vinho", "Noivado" e "Maria", e a sua contribuição com "O Beijo", não foge das expectativas do repertório. É importante ainda, mencionar que um dia depois dessa publicação, Chiquinha Gonzaga se juntou à então primeira dama, Nair de Tefé, no palácio presidencial para o lançamento da sua canção "Corta-jaca". Enquanto Gonzaga tocava piano, Tefé tocava violão, e esse evento foi um escândalo para a época cujo governo buscava corresponder a costumes conservadores. As mídias que, evidentemente buscavam apaziguar um momento de pré-guerra mundial, não divulgara esse acontecimento, já que romper as isotopias patriarcais da época não fazia parte das pautas jornalísticas.

No dia 24 de fevereiro de 1915, quase um ano depois dessa ocorrência, Gonzaga teve seu nome ocorrente no "Estado de S. Paulo"<sup>16</sup>. Novamente sob uma configuração para informar de forma rasa e breve, a musicista foi referida na sessão cultural da página, "Palcos e Circos" (figura 19).

Novamente, Chiquinha Gonzaga aparece como a única mulher no repertório do seu intérprete, e, dessa vez, também como o único nome compositor a ser mencionado, importância essa que faz seu nome quase que acima dos demais, um ato de lembrança do destinatador. É no mesmo ano que Gonzaga musicaliza a peça "A Sertaneja" do dramaturgo Viriato Correia. Pouco tempo depois fundou a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, a primeira entidade pelos direitos autorais dos artistas brasileiros, mas isso também não se encontra nos jornais em análise.

Uma semelhante situação acontece no mês seguinte. Novamente na sessão "Palcos e Circos"<sup>17</sup> (figura 20), divulga-se alguns eventos a se realizarem no "Theatro S. José", entre eles, à primeira instância, "a engraçadíssima burleta em 4 actos (sic), original de Cardoso de Menezes". Em segundo, anuncia-se a "revista phantastica

## Variabilidade de profissões durante Rep. Velha



**Figura 17:**  
Gráfico de variabilidades de profissões femininas.

Fonte: Dicionário de Mulheres Brasileiras (Schumaher, 2001), acervos da Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo.

↔ VEJAS FIGURAS  
18, 19, 20, 21 E 22 NA  
PAGINA 49

<sup>16</sup>. Caderno de anexos, p. 9

<sup>17</sup>. Caderno de anexos, p. 10

## Artes e Artistas

### A CANÇÃO BRASILEIRA

É amanhã à noite que se realiza a anunciada conferência do applausido humorista João Pucca sobre a "Canção Brasileira". Como já se noticiou, a palestra será ilustrada pela inteligente atriz Abigail Maia, que cantará uma série de "canções" nacionais velhas e novas, acompanhada ao piano pelo maestro Luiz Moreira. Basta o que está dito para que se faça uma ideia do que vai ser a hora de jovialidade e de poesia que o nosso colega da imprensa carioca nos prepara, com o interessante concurso dos dois citados artistas.

A conferência será no Palácio Palace, o elegante cinema da praça João Mendes, fazendo parte do espetáculo habitual, como um número extraordinário de sucesso.

As canções que a sra. Abigail Maia vai fazer ouvir são as seguintes:

- 1 — "Os olhos della". — de Catullo Corneio.
- 2 — "Lagrimas e Risos" — de Eustor-Sio Wanderley — já conhecida ambas para servirem de confronto com a canção moderna;
- 3 — "Supplica" — letra e musica de Luiz Moreira;
- 4 — "O bello e os Saldos" — letra de Basilio Tigre, musica de Raul Martins.
- 5 — "O bello e o Vábio" — letra de Luiz Edmundo, musica de Luiz Moreira.
- 6 — "Noivado" — versos de Lorjô Tavares, musica de Luiz Filgueiras; musica de Chiquinha Gonzaga;
- 7 — "O bello" — versos de J. Brillo, musica de Chiquinha Gonzaga;
- 8 — "Moria" — versos de J. Barreto, musica de Araujo Vianna.

Figura 18:  
"O Estado de São Paulo", 25/10/1914. Ampliação do recorte "Artes e Artistas" com grifo especial no nome da artista.

Fonte: Acervo O Estado de S. Paulo.

### Royal Theatre

Conforme estava anunciado o applausido tenor brasileiro Santos Moreira realizou hontem, com inteiro successo, uma audição no Royal Theatre.

O elegante theatro da rua Sebastião Pereira estava repleto, notando-se ali crescido numero de exmas. familias do escol paulistano.

Após a exhibição de varios films cinematographicos, que constitulam a primeira parte, seguiu-se a parte musical.

Santos Moreira cantou, além dos numeros annunciados, "Vestí la giubba", dos "Palhaços" e "Lolita", bisando a instancias do publico a "Serenata do Diabo", de Chiquinha Gonzaga.

Todos esses numeros foram assignalados por entusiasticos applausos da assistencia.

Figura 19:  
"O Estado de São Paulo", 24/02/1915: "Palcos e Circos". Ampliação do recorte "Royal Theatre". Fonte: Acervo O Estado de S. Paulo.

# PALCOS E CIRCOS

## Theatro S. José

A engraçadissima burleta em 3 actos, original do Cardoso do Menezes e musica do maestro José Nunes, levada hontem à scena nas duns sessões do S. José atrahiu áquella casa do diversões numerosa concurrencia. O publico riu-se a farta e applaudiu os principaes artistas da troupe, entre elles Alfredo Silva, Carlos Torres, Pedroso, Franklin, Figueiredo, Mattos, Pepa Delgado, Cecilia Porto, Laura Godinho, etc.

— Pa'n hoje está annunciada a revista phantastica de Cardoso do Menezes, musica do Chiquinha Gonzaga «Pomudas e farofas».

— No dia 15 festa artistica do sr. dr. Leopoldo Fróes, director da companhia, com a p'ça «O primeiro amor».

Figura 20:  
"O Estado de São Paulo", 6/3/1915: "Palcos e Circos". Ampliação do recorte "Royal Theatre". Fonte: Acervo O Estado de S. Paulo.

### MATINEE DA FRENTE UNICA MULHER BRASILEIRA NO CASINO ANTARCTICA

No dia 22 proximo, ás 15 horas, a F.U.M.B., de prèvio accordo com a empresa M. Pinto, ora no Casino Antarctica, fará realizar uma grande matinee offerecida ás familias de S. Paulo, e em beneficio dos seus cofres.

Nesse dia será representada a peça "A cantora do radio", pelo elenco integral da Companhia de Operetas Brasileiras, seguindo-se um acto variado, em que tomarão parte figuras de nomeada no nosso meio artistico.

Preço da poltrona 3\$000, podendo ser encontrados ingressos na sede da F.U.M.B., á avenida S. João, 32-A, 1.º andar, e tel. 4.3003, ou na bilheteria do Casino.

Nesse dia emprestará brilho ao festivo a declamadora nacional Edith Lorena.

Figura 21:  
"Folha da Manhã", 3/02/1934: "Noticias Theatraes". Ampliação do recorte "Matinée da Frente Unica Mulher Brasileira no Casino Antarctica". Fonte: Acervo Folha de São Paulo.

(sic) de Cardoso de Menezes", contando com a contribuição de Chiquinha Gonzaga com a sua música "Pomadas e farofas". Neste excerto, não fica claro se seria Cardoso de Menezes o intérprete ou se seria a própria compositora a realizar a apresentação. Ainda assim, nas seguintes linhas da sessão, a programação cultural segue a frente e divulga os próximos eventos.

A próxima edição em que Chiquinha Gonzaga é mencionada se dá, pela primeira vez, na "Folha da Manhã"<sup>18</sup>, o atual "Folha de São Paulo". Quase 20 anos depois da sua última incidência, Gonzaga aparece, no dia 3 de fevereiro de 1934, às vésperas do carnaval. A página 13 deste jornal de caderno único tem uma visualidade mais dinâmica que as demais páginas do "Estado de S. Paulo" e apresenta vários anúncios da peça "Jurity", cujo título remete à uma composição de Gonzaga. Não aleatoriamente, encontra-se, próximo à divulgação da peça, o anúncio da "Matinée da Frente Única Mulher Brasileira" (figura 21) a ser realizada no "Casino Antarctica".

A "Frente Única da Mulher Brasileira" foi um grupo fundado no Rio de Janeiro durante os anos 30 por feministas inspiradas no movimento de mulheres latinas que traziam à tona assuntos como a maternidade, o feminicídio e o casamento arranjado. A Frente foi um dos grupos responsáveis pela conquista do voto feminino e, sucessivamente, a discussão de outras pautas da primeira onda feminista. Aqui notamos, então, mais um pequeno rompimento na normatividade midiática: Aquela mulher que dificilmente aparecia nos impressos, principalmente entre mais mulheres, agora é presentificada com outras, cujos interesses estão alinhados, são esses a independência e a liberdade da mulher, unificados na cultura e no entretenimento.

Descendo os olhos, nos deparamos com os dizeres "Jurity" vae sahir (sic) de Cartaz" (Fig. 22), referindo-se à opereta de Viriato Correa, cujo nome da peça leva o título da composição de Chiquinha Gonzaga. "A Jurity", é descrita no enunciado como "música inspiradíssima" e "uma das joias mais authenticas do teatro (sic) ligeiro". O salto que se dá aqui então é de um reconhecimento tímido verbal sobre as virtudes da compositora. Passo dado pela primeira vez em um impresso de grande circulação após mais de 40 anos de carreira.

Depois dessa notícia, ainda aparecem na página mais duas menções da opereta, que, mesmo sem citar Gonzaga, nos faz compreender que o espetáculo teve sua importância cultural. Essa seria a última vez que a artista fora mencionada em vida pela grande mídia impressa. Em 1935, aos 85 anos ainda lançava sua homenagem à Carlos Gomes, "Saúde", e aos 87 anos veio a falecer.

Mesmo que consideramos esses reconhecimentos do discurso jornalístico sobre o trabalho de Gonzaga, ainda é desproporcional a quantidade de contribuições que a



Figura 22:  
 "Folha da Manhã", 3/02/1934: "Noticias Theatraes".  
 Ampliação do recorte "Jurity" vae sahir do Cartaz".  
 Fonte: Acervo da Folha de São Paulo.

<sup>18</sup>. Caderno de anexos, p. 11.

artista devotou à música popular e choro brasileiros. Isso se deve, em grande parte, pela gradativa estrutura de uma sociedade predominantemente conservadora do Brasil de 1ª e 2ª repúblicas. É importante entendermos esse cenário relutante com a abolição e a edificação de uma república estáveis, cujos direitos da mulher e da negritude estavam sujeitos às negociações de fisco e políticas da boa vizinhança. Por isso, uma mulher de origem negra que se dera emancipação profissional era tida como vulgar, e não ocupava espaço significativo na grande mídia durante o período que esteve viva.

Portanto, para compreender essa condição de existência midiática de Gonzaga durante a República Velha, trazemos os conceitos de ausência e presença na semiótica, que, segundo Greimas em seu "Dicionário de Semiótica" (2011), a dualidade de ausência/presença veio para modalizar a existência. Assim, quando há uma presentificação de um sujeito ou objeto no discurso, há uma possibilidade de uma existência *in absentia*, definida pelo Dicionário como uma correspondência à existência virtual. Landowski traz este conceito para o social em "Presenças do Outro" (2002) e faz-nos compreender a espacialização como um processo da presentificação, cujos limites de "colocação de discurso" instaurados na enunciação permitem a instalação de elementos figurativos que tornam possível essa presentificação.

Uma vez posto isso, quando analisamos a atividade de Chiquinha Gonzaga nas grandes mídias durante seu período de atuação, a sua presentificação não se dá pelo que é dito ou figurado no "Estado de S. Paulo" ou na "Folha de S. Paulo". Gonzaga se fez presente pela sua ausência nos discursos jornalísticos. É do seu rompimento que se instaura sua importância histórica na música popular, no samba e no choro. Para aprofundarmos mais essa questão, é necessário entender o que é o 'Outro', que se faz na alteridade do 'Um'. Segundo Landowski (2012), o 'Outro' é "aquele que nasce social, política e moralmente da crise da relação entre identidade e alteridade" (p.12) e essa alteridade se dá por diversos fatores, entre eles, a normatividade de um grupo, que é dominante (mas nem sempre a maioria em número), cujo objetivo é:

manter um certo equilíbrio interno, preservar intacta a homogeneidade, real ou suposta, de sua substância por assim dizer fisiológica, quer a apreendamos pelo viés sócio-econômico, em termo de níveis e de modos de vida, ou do ponto de vista dos 'habitus', principalmente linguísticos, religiosos, jurídicos e políticos, ou ainda, de modo bastante cru, em termo de 'pureza' étnica. (p. 11)

Paradoxalmente, é a partir da intolerância à diferença e à diversidade, que o sujeito assimilador, ou seja, aquele que pratica exclusão e negligência, define-se como 'Um'. Ou seja, o sujeito acredita que, na medida em que deixa de haver homogeneidade; ele corre o risco de não reconhecer a si próprio. É quando passa a construir semioticamente a diferença. Mas como o próprio Landowski explica, o 'Outro' nasce do conflito social, político e moral. Portanto, sempre emerge de maneira interior e exterior à homogeneidade. Neste estado ambíguo, é gerado por uma política de rejeição via assistência, assimilação ou integração, e sempre condicionado à conformidade do meio dominante.

Landowski (2012) acrescenta ainda que, por associação ou tentativa de homogeneização, as figuras do estranho e inquietante (o 'Outro') tornam-se silhuetas genéricas, "estereótipos que, uma vez construídos, só farão, uns e outros, reforçarem-se na mesma proporção do uso repetido que deles será feito" (p.13). As mídias acabam se tornando sujeito destinador desse cenário, uma vez que a presentificação é também a identidade dos sujeitos que se vêem ao mundo. Logo, como o 'Outro' se vê ao mundo presentificado como um estereótipo produzido pela dominância (o 'Um')? Ou no caso de alguns, como se vê ao mundo não presentificado em lugar algum? A normatividade exercida pela dominância acaba, portanto, produzindo resistências que se definem pela sua ausência, como é o caso aqui trazido de Chiquinha Gonzaga, aumentando ainda mais a distância entre os grupos por se definirem através do negativo, do que não há.

Ainda que haja essa movimentação e seja primordial para a emancipação dos "diferentes", não podemos ignorar o questionamento levantado por Eric Landowski (2012), em seu capítulo "Formas da Alteridade e Estilos de Vida" (p. 31): Uma vez que não há fundamento algum que justifique a posição e o comportamento dos que ocupam a cadeira do "legítimo" e a dos "ilegítimos", por que aqueles que são negligenciados interiorizam essa norma? Posteriormente o próprio autor responde que é impossível escapar da rotulação, já que, rótulos tornam possíveis as construções de simulacros dos sujeitos. Porém, devido à grande abrangência social das diferenças, a interiorização destes simulacros pode, ainda sim, ser benéfica para ambos os lados se estiverem em conforme com suas próprias subjetividades, para daí estenderem-se às demais identidades que se vêem no mundo.

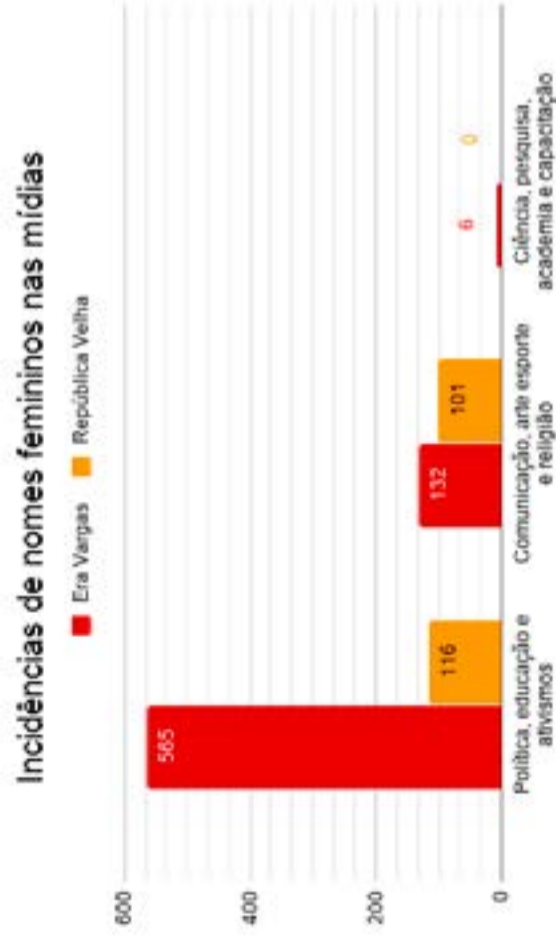
Assim como a analisamos semioticamente, Rafael César compreende que a carreira de Gonzaga existe pela interdependência entre as noções de 'indivíduo' e 'sociedade', posto que a musicista integrava redes de relações públicas e particulares (CÉSAR, 2018, p. 307). O autor acrescenta que "se assim o fosse, sua carreira como compositora e maestrina seria ratificada como mero ato de

vontade, independentemente das possibilidades e obstáculos colocados por uma experiência social mais ampla” (p. 309). É a resistência de Chiquinha Gonzaga que se presentifica no apagamento na mídia, no poder da ausência, na sua importância e função social. É no seu espaço que se coloca fora da mídia que acontece sua presentificação, a presentificação do grupo do alter, da diversidade.

## 2.2

### Era Vargas: Olga Benário Prestes (1908 -1942)

A Era Vargas, que se inicia em 1930, foi marcada por conquistas sociais, como o direito ao voto feminino e secreto. Em um cenário gradativamente menos conservador, essas conquistas e o fortalecimento dos movimentos sociais permitiram maiores presenças de mulheres na vida urbana, nos trabalhos artísticos, na vida política etc. Vale ainda ressaltar que, além de Olga Benário, muitas outras mulheres da política e dos ativismos tiveram destaque nos impressos nacionais. A quantidade de mulheres dessa categoria profissional cresceu muito em relação ao período anterior, e é a partir destes anos que começaram a se destacar nomes de acadêmicas e pesquisadoras nas mídias analisadas. Os números de incidências de mulheres nos jornais crescem em todas as categorias profissionais, observe o gráfico



**Figura 23:**  
Gráfico de variabilidades de profissões femininas.  
Fonte: Dicionário de Mulheres Brasileiras (Schumaker, 2001), acervos Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo.

Em vida, Benário teve um total de cinco citações nos jornais analisados. Durante o período político, postumamente, teve mais de 300 incidências. Além dela, muitas outras militantes ganharam destaque, sendo algumas delas: Olga Paiva, Maria Lacerda de Moura, Alice Tibiriça. Da área das 'subjetividades', Laurinda Santos Lobo, Presciliana Duarte de Almeida (escritoras) e Nicolina Vaz de Assis (artista plástica). Em 'Ciência', nomes da medicina, como Maria Augusta Generoso Estrela e Judith Aréas ganharam um pequeno destaque entre as publicações.

Para compreender a história de Olga Gutmann Benário Prestes no Brasil, é importante que nos atentemos à sua história e paixão pela militância. Olga Benário nasceu em 1908, em Munique, na Alemanha, de uma família de classe alta. Filha de um advogado auto-declarado democrata, sempre teve embates políticos com o pai, em vista de descordos ideológicos. Aos dezesseis anos, Benário saiu de casa, por confronto político com os pais, para atuar no Partido Comunista Alemão, em Berlim. Desde então, devotou sua vida à militância e a causas proletárias e, em 1928, em plena juventude, participou da 'Internacional Comunista', na União Soviética, e recebeu treinamento político-militar.

Nas eleições presidenciais de 1930, no Brasil, em oposição à república oligárquica que vinha se formando entre os fazendeiros mineiros e paulistas, formou-se o Partido Republicano, colocando seu candidato Júlio Prestes contra Getúlio Vargas (Aliança Liberal). Júlio Prestes ganha as eleições, mas não consegue assumir porque o estado sofre um golpe, também chamado de "Revolução de 30", pelo partido da Aliança Liberal. A Era Vargas, que se inicia através do golpe e segue até o final da Segunda Guerra Mundial, é marcada por revoluções sociais que pedem o voto secreto, o voto feminino, a criação de uma nova constituição – a constituição de 1932 – e a instituição de um deputado classista, iniciando um governo com vieses fascistas. Logo, acompanhando o governo de Vargas, Plínio Salgado e outros políticos coniventes com uma ideologia fascista formam a Aliança Integralista Brasileira e, em oposição, Luis Carlos Prestes funda a Aliança Nacional Libertadora, que promove uma série revoluções militares pelo Brasil.

A 'Internacional', em Moscou, recebe Luis Carlos Prestes, exilado do Brasil por trair a organização militar que passa a receber orientações para o planejamento de uma nova revolta no Brasil, dessa vez com frente popular. Olga Benário, em contato com Prestes, recebe a missão de acompanhá-lo em retorno ao Brasil para se certificar de sua segurança, durante sua retomada à presidência da ANL. Entre os disfarces de recém-casados durante a viagem de navio, que durava cerca de três meses, Benário e Prestes se apaixonaram e se casaram de fato. Quando chegaram ao Brasil, Benário optou por ficar e participar das reuniões da ANL, cujo caráter

antifascista desaprovava o governo Vargas e planejava um levante popular para sua derrubada. Sob um regime de ordem do governo Vargas, a Aliança foi classificada como ilegal e perseguida. Ainda assim, os planos de uma insurreição armada pelo país não foram depositos e a Aliança contava com apoios militares em Recife, Rio de Janeiro e Natal. À medida que pequenas revoltas aconteciam, o governo Vargas as reprimia expressivamente até que todos os membros do movimento fossem capturados e torturados a fim de delatar o paradeiro de Prestes e Benário, que ainda viviam em clandestinidade.

Por fim, em 1936, o casal foi preso e mantido separadamente. É neste cenário que Benário aparece nos impressos brasileiros da sua época: a partir do primeiro dia de sua prisão, com uma matéria de capa sobre a captura dos remanescentes do partido.

O jornal preparou a página de forma que anúncios e notícias secundárias formassem uma moldura em volta da matéria de manchete. Com os dizeres "AS DILIGENCIAS DA POLICIA PARA ENCONTRAR A PISTA DE PRESTES", a matéria foi segmentada em etapas de acordo com a narrativa linear do detetive da 'Delegacia de Ordem Política e Social', do Rio de Janeiro, Sr. Francisco Menezes Julien. Foram cinco incidências do nome de Olga Benário durante a matéria<sup>19</sup>, quatro delas, inclusive, sem seu nome completo, mas todas acompanhadas do nome do marido, Luiz Carlos Prestes e sempre com o teor de perseguição e captura. A primeira ocorrência está no texto referente à chamada "O TRATAMENTO DISPENSADO AOS PRESOS". Transcrita, a passagem diz:

O TRATAMENTO DISPENSADO AOS PRESOS  
Rio, 7 ('Estado') – Foram hoje divulgadas as seguintes declarações a propósito da prisão de Luiz Carlos Prestes, feitas pelo sr. Francisco Menezes Julien, da Delegacia de Ordem Política e Social, que dirigia as diligências no meyer: "Depois da prisão de Harry Berger e do secretário do Partido Comunista do Brasil, Adalberto Fernandes, num presidido de apartamentos da avenida Paulo de Frontin, cujos detalhes foram já amplamente divulgados pela imprensa – começou aquele funcionário – deparou-se-me nova pista. Soube que uma casa em Villa Isabel, a da rua Corrêa de Oliveira, 5-A, alugada por Alydio de Oliveira, serviu de quartel general a Luiz Carlos Prestes no dia 27 de Novembro de 1935. Ali se reuniam Prestes, Olga, Adalberto Fernandes, Luciano Gheoldi e outros expoentes do comunismo do Brasil.

Olga Benário foi a única mulher entre os capturados, e, não por coincidência, a



Figura 24:  
Incidência 1.  
Fonte: Acervo "O Estado de São Paulo"

19. Capa e outras incidências nessa edição no cadernos de anexos, p. 12.

← VEA AS FIGURAS 24, 25 E 26 NA PAGINA 57.



Figura 25:  
Recorte "Folha da Manhã", 29/5/1936.  
Fonte: Acervo "Folha de S. Paulo".

## UMA QUESTÃO DOUTRINARIA EM TORNO DA EXPULSAO DE OLGA BENARIO PRESTES

A situação especial em que se encontra a detida crea um ambiente bem provavel á dilatação da pena que lhe impõe a Justiça — A opinião do jurista Clovis Bevilacqua

RIO, 29 (Da nossa succursal — pelo do nascido) — A proposta de expulsão de Olga Benário, a companheira de Luís Carlos Prestes, e da questão doutrinaria levantada pela Ordem dos Advogados, fez o grande jurista Clovis Bevilacqua, varias declarações aos jornales, acrescentando, porém, que nenhuma fez se oppõe á mesma, e concluindo las declarações, adduziu:

— Dilatar o cumprimento da pena até a vida do nascituro será apenas uma questão de humanidade.

Como foi anunciado o Instituto da Ordem dos Advogados reuniu-se para ouvir as informações do advogado, Sr. Sergio de Macedo sobre o caso de Olga Benário Prestes, companheira de Luís Carlos Prestes, que aquelle advogado foi ouvir na prisão.

Nas declarações que fez áquella instituição, disse aquelle advogado que as legislações dos porcos cultos reconhecem os direitos patrimoniaes

Figura 26:  
Recorte "Folha da Manhã", 30/5/1936.  
Fonte: Acervo "Folha de S. Paulo".

## Deverá chegar hoje ao Rio a filha de Carlos Prestes

RIO, 27 (Da nossa succursal) — Proccedente da Cidade do México, onde residiam há algum tempo, chegam amanhã à tarde ao Aeroporto Santos Dumont, pelo "clipper" da "Pan American Airways", a Srta. Ligia Prestes e a menina Anita Leocádia, irmã e filha, respectivamente, do líder comunista Luís Carlos Prestes, Secretário-Geral do Partido Comunista do Brasil.

E' a primeira vez que Anita Leocádia vem ao Brasil, pois tendo nascido em um campo de concentração na Alemanha, onde estava internada sua genitora, Olga Benário Prestes, foi em seguida confiada aos cuidados da avó e da tia, na Capital mexicana.

Figura 28:  
Recorte "Folha da Manhã", 28/10/1945.  
Fonte: Acervo "Folha de S. Paulo".

## EXPULSAO DE TRES MULHERES EXTREMISTAS

Entregues ao ministro da Justiça os pedidos contra as companheiras de Prestes, Harry Berger e do secretario do partido comunista argentino

RIO, 17 — (Da nossa succursal — pelo telephone) — Foi entregue ao ministro da Justiça o pedido de expulsão de Machia Berger, a companheira de Harry Berger, acompanhada do respectivo processo. Ainda hoje seguirão também o de Olga Benário, e de Olga Ghioldi, companheiras, respectivamente, de Luís Carlos Prestes e Rodolpho Ghioldi, secretario do partido comunista argentino.

Depois de referendados pelo ministro Vicente Ráo, os pedidos de expulsão das tres extremistas subirão á sancção presidencial. "HABEAS-CORPUS" IMPETRADO A FAVOR DE OLGA BENARIO

RIO, 17 — (Da nossa succursal — pelo telephone) — A Corte Suprema, em sua sessão de hoje, julgou o "habeas-corpus" impetrado pelo advogado Heitor Lima, a favor de Olga Benário, esposa de Luís Carlos Prestes, no sentido de evitar a sua expulsão.

O feito foi relatado pelo ministro Bento de Faria, sendo, a seguir, concedida a palavra ao advogado impetrante para sustentar o pedido. Terminada a sustentação, proferiu o relator o seu voto negando o "habeas-corpus". Os demais ministros votaram com o seu collega Bento de Faria, sendo, portanto, denegado o pedido, unanimemente.

Figura 29:  
Recorte "O Estado de S. Paulo", 8/01/1946.  
Fonte: Acervo "O Estado de São Paulo".

Depois dessa manifestação de alta devoção pessoal, realizou-se o "pleno ampliado", especie de assembléa em que o sr. Prestes fala e todos comovidamente aplaudem. Fez-se, também, uma demonstração de simpatia á memoria de Olga Benario Prestes, concluderada vltima do sr. Felinto Muller e não do ditador Vargas, embora este tivesse assinado e expedido o decreto de expulsão que entregou aquella desventurada senhora aos carrascos de Hitler.

Figura 27:  
Recorte "Folha da Manhã", 18/6/1936.  
Fonte: Acervo "Folha de S. Paulo".

## A filha de Prestes pede cidadania

**RIO, 13 ("Estado" —** Pelo telefonema) — Anita Leocádia Prestes, filha de Luiz Carlos Prestes, deu entrada na Justiça de um pedido de cidadania brasileira, de conformidade com a lei que outorga aos filhos de brasileiros, mesmo nascidos no estrangeiro, tornarem-se também brasileiros. Como se sabe, Anita nasceu num campo de concentração na Alemanha no tempo de Hitler, tendo sido sua mãe, **Olga Benário Prestes**, fuzilada pelos nazistas. Trazida mais tarde para o nosso País, conseguiu, em 1948, registro de cidadania provisória.

Figura 30:  
Recorte "O Estado de S. Paulo", 14/3/1958.  
Fonte: Acervo "O Estado de São Paulo".

única sem sobrenome. Isso se segue nas outras incidências da mesma matéria. Olga Benário passou meses na "Casa de Detenção"<sup>20</sup> do Rio de Janeiro, o que gerou comoção internacional entre os movimentos antifascistas brasileiros e europeus. Sua prisão era questionada pelos militantes alemães e soviéticos, que abriam processos jurídicos em favor da preservação de sua integridade enquanto presa política e manifestavam-se em favor de sua liberdade com o auxílio da imprensa internacional.

A próxima sequência de reportagens dá a ver uma mudança no rumo de Olga Benário. A militante, que fora ouvida outras vezes solitariamente enquanto presa, e que negou dar informações sobre Prestes<sup>21</sup>, sobre os planos da Aliança ou mesmo sua vida pessoal com o companheiro, trouxe a público sua situação de gravidez e pediu apoio aos movimentos pela libertação de ambos. Segundo a próxima reportagem, do dia 29 de maio de 1936<sup>22</sup>, exigia um advogado para defender-se, mas a 'Folha' não divulgou sua gravidez.

Observando o recorte da figura 25, que começa a gravata com 'A companheira do chefe comunista brasileiro' e prossegue o texto da matéria com o mesmo teor de estado e propriedade de Luiz Carlos Prestes mais de uma vez (lado esquerdo, primeira linha, lado direito, sétima linha), a reportagem deixa explícito, muito sutilmente, o posicionamento do jornal com relação a situação de Olga Benário: A militante manifestava o desejo de defesa de integridade sob a condição de ser mãe e esposa de brasileiros, condição essa que permite recorrer ao processo de defesa com respaldo dos Direitos Humanos. Na matéria do dia seguinte, 30 de maio, sua situação de gravidez é então trazida pela 'Folha'<sup>23</sup> (recorte na figura 26).

No texto, 'A situação especial', como a 'Folha' descreve a gravidez de Olga Benário, coloca em cheque um juízo de valor, dado como "situação doutrinária". Ainda que fosse companheira de Prestes, detido como comunista e, portanto, criminoso, a militante teria um filho brasileiro, e essa situação gerou um questionamento na moralidade da época, marcada por um regime de censura de liberdade, mas patriota. Curiosamente, o jornal apresenta no seu discurso indireto um posicionamento, ao demonstrar, pelo argumento do advogado de Benário, a situação equiparada com a da coroa, sobre o nascimento de Afonso XIII. Ainda, na mesma reportagem, se explicita que na atitude de pedir integralidade de defesa, Olga Benário viabilizou a verificação da saúde de outras mulheres dando a possibilidade de outros destinos como o da companheira Eneida Costa.

Poucas semanas depois, foi requerido o Habeas corpus de Olga Benário, mas ainda assim, lhe fora negado. A notícia<sup>24</sup> saiu no mesmo dia na "Folha da Manhã"

"Neste momento, em que se fala no Tribunal de Segurança Nacional, é preciso que esteja presente a maior ignomínia que já se praticou na História do Brasil, quando a ditadura, quando Getúlio Vargas entregou a Hitler, **grávida, a senhora Olga Benário Prestes, esposa de Luiz Carlos Prestes, para morrer nos campos de concentração. Não respeitou sequer uma menhora que tinha em seu ventre um filho brasileiro. Nem isso foi respeitado pelo opressor de ontem, que procuram glorificar hoje.**"

Figura 31:  
Recorte "O Estado de S. Paulo", 27/8/1964.  
Fonte: Acervo "O Estado de São Paulo".

20. A antiga "Casa de Correção da Corte" era prisão em formato panóptico que se baseava no modelo imperial. Tinha essa estrutura para separação dos detentos de acordo com seu crime ao mesmo tempo que permitia fácil campo de visão e controle da realização de trabalhos forçados (BRASIL, 1836, p.28).

21. No dia 20 de maio de 1936, a 'Folha da Manhã' publicou brevemente sobre essa decisão de Olga Benário, a reportagem pode ser vista no Caderno de Anexos, p. 17.

22. Caderno de anexos, p.18.

23. Página completa no caderno de anexos, p.19.

24. Página completa no caderno de anexos, p.20.

ainda com o teor proprietário ao se referir às mulheres expulsas do país com seus respectivos parceiros, ao invés de atribuir-lhes seus nomes. Essa foi a última notícia de Benário nos jornais brasileiros de grande circulação, antes da sua morte.

Em tempo, na figura 27, no tópico "HABEAS-CORPUS' IMPENETRADO A FAVOR DE OLGA BENARIO PRESTES" o jornal narra o procedimento aos passos das autoridades responsáveis no processo, finalizando, com a unanimidade dos votos da expulsão de Olga Benário. Sua sogra e a cumhada levantaram demais esforços no cenário internacional para que sua liberdade fosse possível, mas o Supremo Tribunal Federal permitiu seu banimento, assinado pelo então ministro da Justiça e o próprio Presidente Getúlio Vargas. Com sete meses de gravidez, Benário foi deportada de volta à Alemanha da Segunda Guerra em situação de calamidade: comunista e judia, a militante foi posta em um presídio feminino nazista, onde deu luz à Anita Leocádia Prestes, em 1936. Teve direito à guarda até o período de amamentação e depois, com um ano e meio de idade, Anita fora colocada na guarda da avó paterna, Leocádia Prestes. Em 1938, Olga Benário foi transferida para um campo de concentração onde se sujeitou a inúmeros tratamentos desumanos, como torturas, abusos e trabalho escravo. Benário respondia de forma resistente aos interrogatórios e promovia aulas de história nos quartos. Em 1942, Olga Benário Prestes fora assassinada em uma câmara de gás, no campo de extermínio de Bernburg.

Avançamos alguns anos após sua morte. Sua filha, Anita Leocádia, retorna ao Brasil nos anos 1940, e daí se reiniciam breve incidências sobre o nome da mãe. Nestas próximas reportagens, que não se dão muito tempo depois da queda de Vargas, o posicionamento dos jornais se mostra completamente diferente, com relação ao extermínio de Benário. Ainda em 1945, portanto, no último ano do período de regência presidencial de Getúlio Vargas, a Folha da Manhã publica o retorno da 'filha de Luiz Carlos Prestes'<sup>25</sup>.

Notamos no recorte (figura 28) que, além de não ser identificada pelo próprio nome na manchete, e, sim, através do nome do pai, Anita Leocádia foi relacionada à mãe Olga Benário brevemente, que foi tida como "internada" em um campo de concentração na Alemanha. Um ano depois, entrando na Quarta República, a chamada República Populista, os jornais se referem à Vargas como ditador e o responsabiliza pela situação da família Prestes. No "Estado de S. Paulo", na sessão "O Momento Político"<sup>26</sup>, em uma subseção com a chamada "O PARTIDO TRABALHISTA NÃO 'É REACIONARIO' – CONTRADIÇÕES DO SECRETARIO DO PARTIDO COMUNISTA – FESTAS PAGÁS, MACUMBA E DISSERTAÇÕES FILOSOFICAS – UM DEVER DOS DEMOCRATAS BRASILEIROS" divulga-se acontecimentos de um

← VEJA AS FIGURAS 27, 28, 29, 30 NA PAGINA 57.

evento promovido pelo próprio Luiz Carlos Prestes. Lá, ocorre uma menção à Olga Benário (figura 29).

Observamos que o posicionamento desse discurso é diferente dos outros que incidiram sobre o nome de Olga Benário desde sua captura, no dia 8 de março de 1936. Agora com um texto que caracteriza Benário como vítima de violência estatal, "O Estado de S. Paulo" diz: "considerada vítima do sr. Felinto Muller e não do ditador Vargas, embora este tivesse assinado e expedido o decreto de expulsão que entregou aquela desventurada senhora aos carrascos de Hitler." Neste excerto é nítido, em pleno período Populista, que o jornal condena, não apenas a regência de Vargas identifica-lo como ditador, mas também condena os autorizados no caso de Benário, como o próprio delegado, que foi entrevistado pelo mesmo jornal, 11 anos atrás. Também deixa inferir que a morte de Olga Benário se deu por essa expulsão, e que, talvez, ela estaria viva se não fosse entregue "aos carrascos de Hitler." Mais de doze anos após essa publicação, outra notícia retoma o nome de Benário<sup>27</sup>, ao divulgar o pedido de cidadania brasileira da filha Anita Leocádia (figura 30).

Com o tempo, o discurso jornalístico vai esclarecendo as informações a respeito do caso de Benário, mas ainda não se dão explicações de como se culminou na perseguição do casal: tortura, prisão e banimento da militante, parte essa que é de responsabilidade do governo Vargas e do posicionamento da mídia na época. Ainda assim, a condição da sua morte é referida no texto: "Como se sabe, Anita nasceu num campo de concentração na Alemanha no tempo de Hitler, tendo sido sua mãe, Olga Benário Prestes, fuzilada pelos nazistas." Avançando um pouco mais nos anos, verificamos uma completa reviravolta no discurso jornalístico sobre o caso, a responsabilidade da morte de Benário cai sobre o governo Vargas, mas, arbitrariamente, durante o discurso de um dos líderes do golpe militar de 1964. Para isso, voltamos na história do Brasil.

Em 30 de março de 1964, o então presidente da república, João Goulart (Jango), do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), devido a uma série de instabilidades do país, sofreu um golpe militar, culminando na instituição da ditadura militar a partir do dia 1º de abril do mesmo ano. Durante as oficializações da década de morte de Getúlio Vargas, Jango escreve o manifesto contra a ditadura e o golpe, e o lê na Câmara dos Deputados, no dia 24 de agosto, meses após a queda da constituição. O advogado e jornalista Pedro Aleixo, que já havia sido presidente da Câmara durante o Governo Vargas mas que, anos depois, fundou a União Democrática Nacional e filiou-se à ARENA, foi um dos líderes civis do golpe militar. Aleixo respondeu ao ex-presidente e publica no Estado de S. Paulo, no dia 27 de agosto. A reportagem com a chamada "ALEIXO RESPONDE AO MANIFESTO"<sup>28</sup> inicia:

27. Página completa no caderno de anexos, p. 23

28. Página completa no caderno de anexos, p. 24

25. Página completa no cadernos de anexos, p. 21

26. Página completa no cadernos de anexos, p. 22

Brasília, 26 – Trazendo a opinião do governo a respeito do manifesto do sr. João Goulart, lido na Câmara, durante as comemorações do 100 aniversário da morte do ex-presidente Getúlio Vargas, o deputado Pedro Aleixo, líder da maioria, declarou que o Congresso, em três meses, produziu mais do que em todo o período do governo deposedo, e que tudo o que o País sofre hoje é consequência do descalabro administrativo reinante então. Em seu discurso na Câmara, o deputado Pedro Aleixo desautorizou os termos do manifesto do sr. João Goulart, afirmando que seu governo fora marcado pela determinação de violar a lei e desrespeitar as liberdades.

Avançando até a sessão 'Ditadura', Aleixo prosseguiu:

Durante esse período, juizes de Tribunal não se podiam manifestar sobre atos emanados do chefe de ditadura, dos seus esbirros, dos seus delegados, dos seus representantes. E nós, sr. presidente, vivemos hoje um período em que os atos praticados pelo governo, muitos dos quais sob as mais altas e nobres inspirações, são revistos, são modificados, são alterados por qualquer juiz ou por qualquer Tribunal deste País. Ninguém esta verdade, se têm a audácia de fazê-lo.

Um pouco depois, outro participante da UDN, Tourinho Dantas, interrompe as discussões e afirma (figura 31):

Neste momento, em que se fala no Tribunal de Segurança Nacional, é preciso que esteja presente a maior ignominia que já se praticou na História do Brasil, quando a ditadura, quando Getúlio Vargas entregou a Hitler, grávida, a senhora Olga Benário Prestes, esposa de Luiz Carlos Prestes, para morrer nos campos de concentração. Não respeitou sequer uma senhora que tinha em seu ventre um filho brasileiro. Nem isso foi respeitado pelo opressor de ontem, que procuram glorificar hoje.

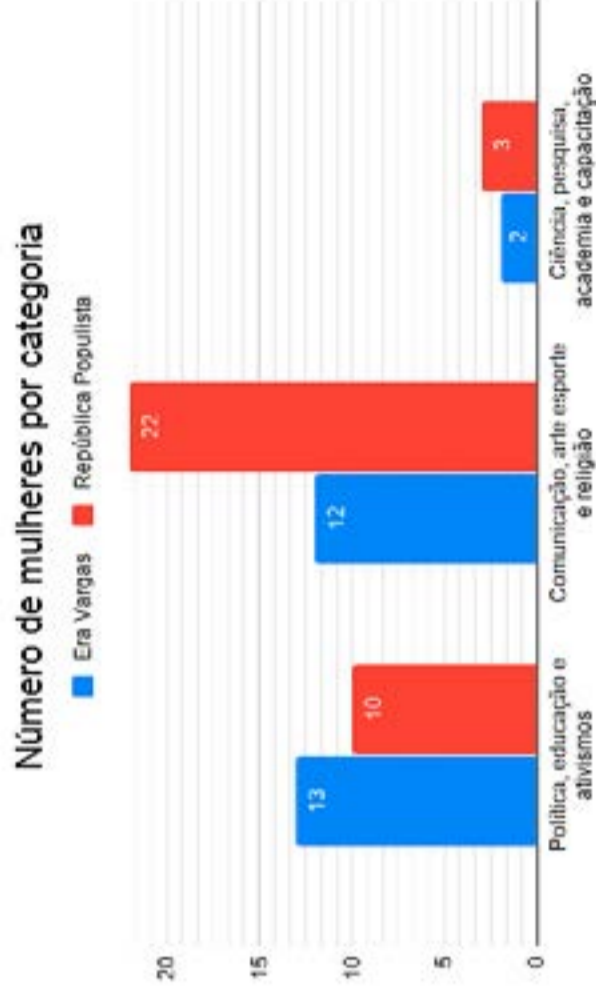
A validação do crime de morte de Olga Benário, responsabilizado nas decisões do governo Vargas, é configurada arbitrariamente. Segundo os apoiadores do golpe, destimadores deste discurso, a ditadura de Vargas é de caráter espúrio e a partir disso fundamentado, mais de uma década depois, que se autoriza o atual governo, consagrado pela mobilização militar, de natureza libertadora e legítima. Apenas dessa forma, neste contexto político, é que se valida a inculpabilidade de Olga e a responsabilidade persecutória do governo Vargas.

### 2.3

#### República Populista: Anita Malfatti (1889-1964)

Conservadores que se incomodavam com o caráter nacionalista do governo e as reações sociais contra a opressão e a ditadura derrubaram Getúlio Vargas. Assim começa a República Populista no Brasil, em 1945. Em comparação com o período anterior, essa época é marcada por uma maior estabilidade política, apesar de defasagens entre os partidos políticos predominantes e anos de altas inflações. Anita Catarina Malfatti, pintora, desenhista, gravadora, ilustradora e professora, é a mulher cujo nome tem o maior número de incidências nos jornais "Estado de S. Paulo" e "Folha de S. Paulo". Além dela, nomes como o de Patrícia Galvão (escritora), Dolores Duran (músicista) e Itália Fausta (atriz) aparecem muitas vezes em destaque nos jornais analisados, o que nos indica uma maior variabilidade de profissões a partir deste período. O número de mulheres da política diminui, em comparação com a época anterior, mas, em compensação, as outras categorias, tanto a de subjetividades, quanto a da ciência aumentam em quantidade e em variedade. No gráfico a seguir, comparamos com a Era Vargas os números de mulheres que aparecem nessa época em cada categoria.

**Figura 32:** Gráfico a partir da coleta de nomes femininos destacados na imprensa, entre 1930 e 1964.  
Fonte: Dicionário de Mulheres Brasileiras (Schumaker, 2003), acervos "Folha de S. Paulo" e "O Estado de S. Paulo".



↔ VEJA A FIGURA 31 NA PÁGINA 57

Compreendemos que a estabilidade política facilitou uma maior distribuição na educação e viabilizou a entrada de mais mulheres na vida profissional. Anita Malfatti, que assistiu o nascimento da República brasileira e acompanhou a Era Vargas, período em que começou a se especializar na pintura e a publicar quadros, teve grandes destaques nos jornais durante a República Populista, época em que se despontou sucesso profissional e coordenou sua própria galeria.

Nascida em São Paulo, em 1889, com uma atrofia congênita no braço e mão direitos, Anita Malfatti desenvolveu seu lado esquerdo aos cuidados mãe, artista plástica americana, Betty Krug e do pai, Samuel Malfatti, engenheiro italiano. Proveniente de uma família da classe alta, Malfatti estudou nos melhores colégios de São Paulo e se formou professora aos 19 anos. No ano seguinte, em 1909, seu pai faleceu e decidiu se voltar à pintura. Entre 1910 e 1914, ela residiu na Alemanha, frequentou museus, galerias, a Academia Imperial de Belas Artes – onde estudou pintura expressionista – e fortaleceu contatos com outros artistas, como Fritz Burger-Mühlfeld (1867 - 1927), Lovis Corinth (1858 - 1925) e Ernst Bischoff-Culm. Quando retornou ao Brasil, fez uma breve exposição na *Mappin Stores* e especializou os estudos da arte expressionista na *Arts Students League of New York*, tendo aulas com George Brant Bridgman (1864 - 1943), Dimitri Romanoffsky (s.d. - 1971) e Dodge e na *Independent School of Art*, com Homer Boss (1882 - 1956).

Depois desse intenso debruçar sobre os estudos das artes plásticas, Malfatti retornou ao Brasil inaugurando a "Exposição de Pintura Moderna Anita Malfatti", em 1917, onde expôs suas obras até hoje muito famosas, como: "O Farol de Monhegan" (1915), "O Japonês" (1915), "O Barco" (1915), "O Homem Amarelo" (1915), "A Estudante Russa" (1915), "A Ventania" (1915), "A Mulher de Cabelos Verdes" (1915) e "Tropical" (1917). A repercussão da sua estreia impulsionou a consolidação dos movimentos vanguardistas no Brasil, uma vez que, Monteiro Lobato, crítico de arte residente na folha noturna do "Estado de S. Paulo", o "Estadinho"<sup>29</sup>, escreveu uma forte crítica sobre a artista, a pedido de Nestor Pestana, diretor do jornal. Pestana, famoso por ser conservador e grande amigo da família Malfatti, segundo o biógrafo Mário da Silva Brito, se viu frustrado pela estreia 'escandalosa' da artista e encomendou a crítica especialmente à Lobato, também conhecido pelo seu enrijecimento nas ideias políticas e artísticas. Na próxima figura, apresentamos o recorte da crítica no jornal, que apesar não fazer parte dos cadernos do "O Estado de S. Paulo", se vale de importância pelas consequências na sua época.

No seu artigo, Lobato inicia introduzindo, que, ao seu ver, existem dois tipos de artistas. Os clássicos, que "vêm normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura" (A PROPOSITO DA EXPOSIÇÃO DE Malfatti, Estadinho,

20/12/1917), que concretizam as emoções na estética, e outros, cuja espécie:

é formada pelos que vêm anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos de cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência: são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes, brilham um instante, as mais das vezes com a luz de escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento.

A crítica se embasou, fundamentalmente, na sua preferência à arte clássica, e, isto pressuposto, Lobato classifica as vanguardas europeias como parte de um todo da arte "efêmera", fruto de uma "paranoia" ou "mistificação. Segundo o autor, o expressionismo, e tantas outras vanguardas, são como os desenhos encontrados nas paredes de manicômios – com a diferença de que esses são sinceros, e as vanguardas, "mistificação pura". Nesse momento, verificamos que a comparação leva-nos à linha de raciocínio de que Lobato coloca Anita Malfatti na posição de louca, desestabilizada, psicótica. Sob a perspectiva das questões de gênero, a especialista Rebecca Solnit nos apresenta que tal atitude leva o nome popularmente conhecido como *Gaslighting*, expressão inglesa para situações em que um homem deslegitima o discurso de uma mulher cuja argumentação está embasada unilateralmente (SOLNIT, 2017, p.136).

Em outro parágrafo do seu artigo, Lobato explana, a seu ver, o que é arte: "Todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo nem da latitude. As medidas de proporção e equilíbrio, na forma ou na cor, decorrem de que chamamos sentir". Mesmo que seja ele um escritor de referência até a atualidade e que tenha contribuído muito para a literatura brasileira, sua propriedade no assunto está concentrada na escrita. Essa ocorrência, por sua vez, chamada popularmente de *mansplaining* (SOLNIT, 2017, p. 25), leva esse nome por se conceber no ato do homem explicar algo para uma mulher, pressupondo que ela não tenha conhecimento suficiente do que está discutindo, tanto quanto ele. Segundo o escritor e pintor modernista Sérgio Milliet, que escreve para o "Diário Crítico" anos depois sobre esse acontecido, "Lobato se baseia na concepção de uma pintura fotográfica, numa escultura naturalista, o que se origina por certo da ingênua convicção dum progresso contínuo, na superioridade de nossa civilização ocidental sobre as demais" (Sérgio Milliet, op. cit., p.54). O conhecimento artístico de Monteiro Lobato, dado pelos modernistas da época como raso, não o coloca na posição de propriedade na pintura para qualificar, ou não, o trabalho de outros

<sup>29</sup> Publicação essa que não aparece no acervo do "Estado de S. Paulo", mas sim na sessão especial. Veja no caderno de anexos a imagem e a transcrição completa do artigo, p. 25

artistas que tenham avançado nos estudos e práticas dessa área.

Ainda sobre o artigo, enquanto Lobato tece elogios à Malfatti, como "talento vigoroso, fora do comum", ou tratando-a como "original", "inventiva", "de sólida individualidade artística", ao mesmo tempo a coloca em posição de passiva de ser "seduzida pelas teorias do que ela chama arte moderna". Afirmação essa que coloca em xeque não só a legitimidade da opinião própria da artista, como desvale seus esforços e estudos anos afora. Apesar dessa e outras afirmações diminutivas, Monteiro Lobato considera que "O verdadeiro amigo (...) lhe dá opiniões sinceras" e, por isso, está em posição de agregar à performance artística da pintora.

Curiosamente, o autor também afirma: "Os homens têm o vezo de não tomar a sério as mulheres. Essa é a razão de lhes darem sempre amabilidades quando elas pedem opinião. Tal cavalheirismo é falso, e sobre falso, nocivo." Querendo se fazer compreender por dentro de um discurso que parece prezar pela igualdade de tratamento entre os gêneros, ainda sim, o destrata, ao indicar de uma superioridade masculina no cuidado com as mulheres.

Ao final da publicação dessa crítica, que escandalizou à época do fim dos anos 1910, Anita Malfatti acabou por sofrer impactos materiais, como a devolução dos quadros que foram comprados e o cancelamento das aulas que lecionaria, e sofreu, também, impactos psicológicos que se transporeceram no seu recuo às lições acadêmicas primárias: se ateve, por muito tempo, apenas ao retrato da natureza morta e de paisagens. Além disso, em uma conferência na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em 25 de outubro de 1951, a artista ainda relembra que a exposição de Lasar Segall, em 1913, apesar de carregar fortes traços expressionistas, não causou qualquer estremecimento no meio artístico e cultural da época, e afirma: "Exposições individuais grandes e pequenas, já surgiam então sem interrupção. Muitos artistas como Pedro Alexandre, Almeida Junior e Benedito Calixto não representavam surpresa alguma" (Conferências de 51, p. 31. Apud. Aracy Amaral, 1979, p.72).

Apesar das repercussões negativas, Anita Malfatti também recebeu apoio dos artistas da época. Oswald de Andrade, escritor modernista, publicou uma resposta formal à Lobato, no artigo "A Exposição de Anita Malfatti" no "Jornal do Comércio", edição de São Paulo, 11 de janeiro de 1918:

Possuidora de uma alta consciência do que faz, levada por um notável instinto para a apaixonada eleição dos seus assuntos e de sua maneira, a vibrante artista não temeu levantar-se com

seus cinquenta trabalhos as mais irritadas (sic) opiniões e as mais contrariantes hostilidades. (...) A sua arte é a negação da cópia, a ojeriza da oleografia. (...) e a nós deu uma das mais profundas impressões da boa arte.

Mário de Andrade, também colega da artista e de Oswald de Andrade, reconheceu os trabalhos de Malfatti ao descrever os quadros "Homem Amarelo" e "A Estudante Russa" como "quadros cheios dessa disponibilidade para o sofrimento que os sensitivos corajosos descobrem nas sombras projetadas à luz pelos seres e elementos", e, anos mais tarde, em um evento realizado em 30 de março de 1942, no Salão de Conferências da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, no Rio de Janeiro, o escritor afirmou:

o que nos levou a aderir incondicionalmente à exposição de Anita Malfatti, que em plena guerra, vinha nos mostrar quadros expressionistas e cubistas? Parece absurdo, mas aqueles quadros foram a revelação. E ilhados na enchente de escândalo que tomara a cidade, nós, três ou quatro, delirávamos de êxtase diante de quadros que se chamavam o "Homem Amarelo", "A Estudante Russa", "A Mulher de Cabelos Verdes".

Em "nós, três ou quatro", Mário de Andrade se referia ao Grupo dos Cinco, formado por Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, a própria Malfatti e ele. Del Picchia também se manifestou contra o artigo de Lobato para o "Correio Paulistano", no seu artigo "Uma palestra de arte", anos mais tarde: "Lobato é um grande contista com fama de mau pintor".

A publicação de Lobato no "Estadinho", se manifestando contrário às performances vanguardistas, acabou por criar o estopim do modernismo. Como diz a pesquisadora Lúcia de Fátima do Vale: "O aspecto irônico desse episódio é que, talvez sem a crítica de Lobato, o Modernismo brasileiro não tivesse acontecido, pelo menos naquele momento e da maneira como aconteceu" (VALE, 2004, p. 5). A partir disso, os modernistas se organizaram em benefício fortalecer o movimento vanguardista e promover a discussão entre as artes estrangeiras e a produção brasileira, concretizada na "Semana de Arte Moderna de 1922", no "Theatro Municipal de São Paulo", historicamente conhecida por ser um marco na produção brasileira artística. Entre os dias 11 e 18 de fevereiro, a própria Malfatti expôs mais de 20 trabalhos, junto com Di Cavalcanti, Vicente do Rego Monteiro, Harberg Brecheret, entre outros.

No ano seguinte, Malfatti recebeu uma bolsa do Pensionato Artístico do Estado de São Paulo e se mudou para Paris, onde estudou sob a tutela de Maurice Denis (1870 - 1943), e conheceu outros artistas como Fernand Léger (1881 - 1955), Henri Matisse (1869 - 1954) e Tsugouharu Foujita (1886 - 1968). Talvez por consequência das repercussões em 1917, a artista acabou por tomar distância das estéticas polêmicas vanguardistas e se aproximou do fauvismo e da pintura primitiva, como demonstra em sua obra "Interior de Mônaco" e "La Rentrée".

No seu retorno ao Brasil, em 1928, se aproximou aos temas regionalistas e se voltou às formas tradicionais do renascimento e da Arte Naïf. Passou a lecionar desenho e pintura no Mackenzie College, na Escola Normal Americana, na Associação Cívica Feminina e no seu próprio ateliê. Nos anos 1930, seu interesse por uma estética menos tensa à cumprir classicismos a aproximou do grupo de pintores da Família Artística Paulista (FAP), integrou a Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM) e participou do Salão Revolucionário.

Afora a crítica de Monteiro Lobato no suplemento do jornal "Estado de S. Paulo", é em 1941 que Malfatti começou a aparecer recorrentemente nos jornais de circulação nacional. No dia 26 de setembro, a "Folha da Manhã"<sup>30</sup> divulgou o discurso feito pelo sr. Antônio Ferro, então chefe da Missão de Cultural Portuguesa, que viera à época para visitar a Associação Paulista de Imprensa. Em seu discurso, Ferro cita os artistas brasileiros que conheceu na sua estadia, entre eles:

Diante dos primeiros Picassos e dos primeiros Legers que tinham chegado ao Brasil, Segall, Tarsila, Anita Malfatti, Sergio Milliet, Plínio Salgado, e outros que já citei e alguns que esqueci ou me esqueceram, reuniam-se em tremendos conciliábulos, e conspiravam, continuamente, contra todos os 'etceteras da vida', como eu lhes chamava na minha 'Teoria da Indiferença'. (grifos da autora)

Fizemos o destaque deste recorte (figura 33) pois é recorrente, a partir dessa data, que Anita Malfatti apareça acompanhada desses nomes, mesmo que de forma breve, sem muitos detalhes sobre suas obras, exposições ou eventos que participa. Nossa análise também se volta ao fato de que, embora não seja a única mulher a ser mencionada, é a única que aparece com o nome completo – Tarsila do Amaral, que já assinava suas obras com ambos os nomes, aparecia apenas como "Tarsila". Curiosamente, isso também acontece nas próximas publicações que Anita Malfatti incide. Anos mais tarde, Sérgio Milliet publica um artigo "Sobre Tarsila"<sup>31</sup> que enfatiza que Malfatti a teria guiado no modernismo anti-academista.

mentos. Em casa da saudosa d. Olívia Penteado, primeira Academia Livre de S. Paulo. no famoso pavilhão do seu jardim, "gabinete das torturas" da sociedade paulistana, diante dos primeiros Picassos e dos primeiros Legers que tinham chegado ao Brasil, Segall, Tarsila, Anita Malfatti, Sergio Milliet, Plínio Salgado, outros que já citei e alguns que esqueci ou me esqueceram, reuniam-se em tremendos conciliábulos, e conspiravam, continuamente, contra todos os "etceteras da vida", como eu lhes chamava na minha "Teoria da Indiferença". Assistindo a esses e ou-

Figura 34: Recorte "Folha de S. Paulo", 26/9/1941 Fonte: Acervo da "Folha de S. Paulo".



Figura 35: Recorte "O Estado de S. Paulo", 3/6/1949. Fonte: Acervo "O Estado de São Paulo".

- 30. Caderno de anexos, p. 28.
- 31. Página completa e recorte no caderno de anexos, p. 29.

VEJA AS FIGURAS 33 E 34 NA PÁGINA 69



# Morre com Anita um período da pintura

Por uma vida inteira, Anita Malfatti se tornou presidente do Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo e passou a pintar, cada vez mais, cenas da vida popular. Sempre aparecendo nos jornais com o Grupo dos Cinco em exposições, também recebe elogios e críticas individuais à sua performance artística e às suas exposições, como no artigo de Maria Eugênia Franco, colunista da "Folha da Manhã"<sup>32</sup>, que publica uma divulgação do que ocorria no X Salão do Sindicato, dia 12 de fevereiro de 1946: "Quanto a Anita Malfatti, apresenta umas flores e uma tela de sua fase atual, o aproximamento um pouco arbitrário do assunto folclórico, dentro de um sabor ingênuo". Durante sua atividade, Malfatti teve 112 incidências em ambos os jornais em análise, por grande parte da sua vida, sob um teor qualitativo. Ao contrário de Chiquinha Gonzaga, por exemplo, a produção de Malfatti era comentada, analisada, criticada, mesmo que de forma rasa e breve.

No final dos anos 1940 e principalmente durante os anos 1950, foi tida como 'consagrada' e já ocupava acervos em exposições permanentes, além de compor a bibliografia de estudiosos do modernismo, como é o caso de "História do Modernismo do Brasil", de Mario da Silva Brito. Dia 3 de junho de 1949, no "O Estado de S. Paulo", na sessão 'Artes e Artistas'<sup>33</sup>, foi divulgada a primeira exposição de retrospectiva das obras de Anita Malfatti (figura 34). O artigo tece muitos elogios à Anita Malfatti, cita o progresso de Tarsila do Amaral graças a sua abertura, a coloca como precursora do modernismo no Brasil e menciona o escândalo ocorrido pelo seu escancarar, além de reconhecer as várias fases da pintora e seus históricos de estudo e técnica. Na parte transcorrida<sup>34</sup> a seguir, percebemos juízos de valor dados de forma positiva à artista, de forma que atraísse o leitor a visitar a exposição:

32. Caderno de anexos, p. 30.  
 33. Caderno de anexos, p. 32.  
 34. Transcrição completa do artigo no caderno de anexos, p. 33.

## Anita Malfatti

José Gaspar VERA

Uma vida inteira, Anita Malfatti se tornou presidente do Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo e passou a pintar, cada vez mais, cenas da vida popular. Sempre aparecendo nos jornais com o Grupo dos Cinco em exposições, também recebe elogios e críticas individuais à sua performance artística e às suas exposições, como no artigo de Maria Eugênia Franco, colunista da "Folha da Manhã"<sup>32</sup>, que publica uma divulgação do que ocorria no X Salão do Sindicato, dia 12 de fevereiro de 1946: "Quanto a Anita Malfatti, apresenta umas flores e uma tela de sua fase atual, o aproximamento um pouco arbitrário do assunto folclórico, dentro de um sabor ingênuo". Durante sua atividade, Malfatti teve 112 incidências em ambos os jornais em análise, por grande parte da sua vida, sob um teor qualitativo. Ao contrário de Chiquinha Gonzaga, por exemplo, a produção de Malfatti era comentada, analisada, criticada, mesmo que de forma rasa e breve.



Anita Malfatti

Figura 38: Recorte "Folha de S. Paulo", 7/11/1964. Fonte: Acervo da "Folha de S. Paulo"

## RETROSPECTIVA ANITA MALFATTI

Inaugura-se hoje, no Museu de Arte, a exposição retrospectiva de uma das artistas mais representativas da arte moderna no Brasil, Anita Malfatti, que, com sua exposição inaugural, em dezembro de 1916-janeiro de 1917, despertou em São Paulo a primeira impressão profunda da pintura moderna. Lasar Segall estivera aqui alguns anos antes. Porém, foi a exposição de Anita Malfatti que representou o ponto de partida da nossa pintura de vanguarda, não só pela repercussão que teve na época, mas também pelo escândalo, a reprovacão ou o entusiasmo que provocou. O aparecimento posterior de Tarsila apenas consolidou o interesse e a curiosidade que Anita fôra a primeira a despertar.

A importante coleção de telas da artista, que o Museu de Arte conseguiu reunir, relembra essa tão discutida exposição, pois apresenta muitos dos trabalhos que fizeram parte da primeira exposição de Anita Malfatti, à rua Libero Badaró. Veremos, em comentários posteriores, como esses quadros não envelheceram plasticamente, como têm ainda força e

significação. Devido à posição excepcional de Anita Malfatti na pintura moderna brasileira, achamos necessário dar inicialmente algumas indicações sobre a carreira artística da pintora.

Expressões como "uma das artistas mais representativas", "despertou a primeira impressão profunda da pintura moderna", "representou o ponto de partida", "quadros não envelheceram plasticamente", entre outras, dão a ver no discurso um cenário temporal receptivo, que permite a produção de arte e, conseqüentemente, estudo e crítica. Outras expressões como "força e significação" ou "posição excepcional de Anita Malfatti" indicam uma sanção positiva no trabalhar da mulher, da sua produção artística. Este reconhecimento dado à pintora pelo discurso jornalístico ocorre pela primeira vez na nossa pesquisa. Anteriormente, tendo Chiquinha Gonzaga e Olga Benário dentro do objeto de análise, estavam essas inseridas em um cenário político agressivo e de profunda instabilidade político-social. A presente análise considera o cenário político, portanto, uma relativa estabilidade política da República Populista não deixa de cumprir um plano de fundo favorável para o investimento artístico brasileiro e uma ascendência no número de mulheres que adentram nessa e em outras áreas de trabalho. O reconhecimento, em vida, de Anita Malfatti também é inédito entre nossos objetos: postumamente, observamos sanções positivas à todas as mulheres mencionadas, inclusive afora dos jornais impressos nacionais, mas, no caso de Malfatti, em vida, suas obras ocuparam o Museu de Arte de São Paulo (atual Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand), o MAM (Museu de Arte Moderna) e participaram de circuitos de eventos modernistas nacionais e internacionais da sua época.

Poucos dias após essa publicação, no dia 10 de junho, na 'Página Feminina' do "Estado de S. Paulo"<sup>35</sup>, foi publicada na sessão 'Crônica' pela autora pseudônima "Capitu", divulgando a exposição no Museu de Arte de São Paulo, fazendo um recorte de gênero ao contar sua história. Percebemos que grande parte da página está coberta por anúncios que se direcionavam ao público feminino. Com textos sobre culinária e atividades domésticas, ler sobre uma exposição de arte de uma mulher no maior museu de São Paulo, era considerado progressista. A seguir, transcrevemos alguns trechos da crônica (figura 35):

A Exposição de Anita Malfatti, no Museu de Arte, tem atraído grande público. Trata-se de uma exposição retrospectiva, com todos os quadros assinados por ela, desde - desde quando? Desde os tempos em que ela, corajosamente, assustava as gentes daqui pintando cores berrantes, figuras absurdas,

composições malucas. (...) A primeira dedução que se tira dessa bonita exposição é que a artista tem trabalhado muito. Grande número de seus trabalhos já são conhecidos, de outras mostras, ou por terem sido vistos em galerias particulares. (...) Isto, porém, não é crônica de arte. É apenas o registro de um acontecimento relevante em nosso meio, de uma exposição de arte consagrada de uma grande artista patricia que possui, aliada ao talento e ao amor ao trabalho, extraordinária coragem. Anita Malfatti ocupa, muito merecidamente, lugar de primeiro plano na arte moderna em nossa terra. (...) É uma prova brilhante da atividade de uma grande artista, uma mulher de espírito.

Novamente, atribuindo à Anita Malfatti juízos de valor como "corajosa" ou "assustava as gentes daqui pintando cores berrantes, figuras absurdas, composições malucas", dando a entender a inovação que a pintora inseriu na arte brasileira, escancarando valores estritamente clássicos, anunciando a vanguarda.

É interessante como a autora da crônica finaliza o artigo: "grande artista, uma mulher de espírito". Perguntamo-nos o que é ser uma 'mulher de espírito', que, contextualmente, compreendemos a complexidade da frase se vinculando ao aspecto temporal da performance do gênero nos anos 1940. Segundo Judith Butler, a centralidade da performatividade para pensar na constituição do gênero está na repetição e no ritual social, construída e ligada diretamente com o eixo temporal. Entendemos o gênero não como estático e limitante, mas como um conjunto de signos corpóreos, sustentado na duração temporal (BUTLER, 1999, p. XV).

A ação do gênero requer uma performance repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada da sua legitimação. Embora existam corpos individuais que encenam essas significações estilizando-se em forma de gênero, essa "ação" é uma ação pública. Essas ações têm dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequência. (BUTLER, 2003, p. 200)

Assim, Anita Malfatti, é considerada, por exemplo, uma *mulher de espírito*, em conformidade com a performance do gênero do momento.

Nos anos 50, Anita Malfatti expõe suas obras mais recentes na sua própria galeria, em São Paulo, divulgada em ambos os jornais analisados, usando adjetivos para descrevê-las como "consagrada" ou "inovadora". Em 1959, o *Estado* publica um

35. Página completa no caderno de anexos, p. 31.



VEJA A FIGURA 35 NA PAGINA 69.

artigo de página completa sobre o cenário artístico e a presença de algumas mulheres brasileiras nas plásticas. Trazendo pontos importantes que atravessam os últimos três períodos políticos, o artigo começa citando Anita Malfatti (figura 36) como a que desencadeou a tempestade e provocou reações de amigos e "inimigos".

Na parte transcrita do artigo<sup>36</sup>, encontramos algumas observações do destinador que se refere ao cenário político em que a arte moderna brasileira se desenvolveu. Cita a Feira Nacional de Indústria que Anita Malfatti participou em 1945 como um reflexo do seu tempo.

(...) Em 1941, em plena guerra, realiza-se na Feira Nacional de Indústrias o I Salão de Arte, mais um empreendimento de Quirino da Silva. Esta exposição, comprimida entre "stands" de produtos industriais, pode sugerir o pitoresco. Mas para desfazer essa impressão, basta citar Guilherme de Almeida, no prefácio do catálogo: "É um sintoma, um símbolo, um 'sinal dos tempos'. É preciso compreendê-lo bem no importantíssimo sentido". Na exposição há nomes de mulheres: Anita Malfatti, Moussia, Noemia Odette de Freitas, Tarsila e Elizabeth Nobiling. Mais uma vez as convulsões políticas e a guerra apagam o registro das atividades artísticas. No fim da ditadura, em 1945, recomeça o movimento. O fim da censura, a eliminação das restrições de todo tipo, fazem surgir grupos, jornais, editoras, livrarias. Os artistas de ambos os sexos aparecem de rincões insuspeitados. Começam a chegar do Nordeste, do Norte, do Sul, trazidos pela vaga libertária que abria colunas de jornais e reiniciava o contacto do indivíduo com a opinião pública. Na falta de poderem falar ou exprimir-se livremente, os artistas e intelectuais que haviam esperado oito anos surgiam de todos os cantos, em revistas, em pequenos grupos, em mostras isoladas, em pequenas exposições improvisadas nas livrarias seria enfadonho e disperso. Mas já em 1947 aparecem os primeiros frutos: abre-se na Galeria Prestes Maia a "Exposição dos 19" (nela figuravam 19 artistas). O mérito e a importância dessa exposição despretensiosa (e a que está ligado o nome de sua organizadora, Rosa Rosenthal, em nome da União Cultural Brasil-Estados Unidos), está em que ela reuniu jovens artistas que mais tarde deveriam tornar-se conhecidos dentro e fora do Brasil: Marcelo Grassmann, Aldemir Martins, Milton da Costa, Luiz Sacilotto, Eva Lieblich e Maria Leontina Franco. Os jovens e as jovens que formavam a exposição dos 19 não constituíam sequer um grupo. Não tinham o apoio de literatos ou de críticos criadores de talentos novos. Mas trouxeram uma contribuição importante, se não fosse por mais nada, inscreviam Maria Leontina, que deveria tornar-se uma artista de projecção internacional.

Situando o leitor das dificuldades políticas que o país e sua produção artística enfrentaram, responsabiliza a ditadura Vargas e a censura sobre as consequências que o final dos anos 1950 encontram o país. Continua:

Mas afora essa exposição e algumas realizadas em salões particulares, a visão geral era triste. Grupos de artistas reunidos apenas pelo interesse de expor suas telas faziam pequenas mostras modestas tanto na qualidade como na expressão. Em resumo, o que se viam eram discípulos de discípulos da Semana de Arte Moderna, plágios dos três Salões de Maio, imitações de alguns medalhões ultrapassados. Tinhamos apenas versões más de Di Cavalcanti, de Tarsila, de Anita, de Yolanda Mohaly. Não havia o que se denomina de "ambiente": ultrapassados os anos da guerra, quando até pão faltou aos brasileiros, o País ganhava alguma experiência. Tornava-se maduro e descobria uma nova era de empreendimentos, econômicos e políticos.

Reproduções inspiradas no modernismo de 1922 miravam em artistas como Tarsila do Amaral, Yolanda Mohaly e Anita Malfatti. A intenção do texto é, ao mesmo tempo que situar o destinatário sobre o cenário plástico, apontar para ele as participações crescentes das mulheres no meio que era exclusivamente masculino, como quando o autor menciona a criação do Museu de Arte Moderna (MAM):

(...) Além dos estrangeiros (entre outros De Chirico, Magnelli, Leger, Chagall, Calder, Max Bill) figuram os grandes nomes nacionais, e aqui podemos ver a presença forte da mulher nas artes plásticas brasileiras: Tarsila, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Volpi, Maria Leontina, Antonio Bandeira, Lígia Clark, Aldemir Martins, Flavio de Carvalho, Lívio Abramo, Fayga Ostrower, Brecheret, Maria Martins.

Em 1963, um ano antes de falecer, Anita Malfatti realiza uma exposição individual na "Casa do Artista Plástico" e ganha uma retrospectiva de seu trabalho na 7ª Bienal Internacional de São Paulo. É a última homenagem que recebe em vida. Em 1964, dia 6 de novembro, um mês antes do seu 75º aniversário, Anita Malfatti morreu em sua casa, devido à sua doença degenerativa de circulação, após mais de 50 anos de carreira. A notícia da sua morte esteve em todos os jornais, sempre a tratando de forma respeitosa e homenageando sua contribuição para a formação artística do modernismo brasileiro. Na capa da Folha de S. Paulo<sup>37</sup>, a manchete "MORRE COM ANITA UM PERÍODO DA PINTURA" figuratiza seu rosto em uma foto e textos ao longo da edição prestando homenagens.

↔  
VEJA A FIGURA 36  
NA PÁGINA 69.

36. Página completa no caderno de anexos, p. 34

37. Página completa no caderno de anexos, p. 37

Observando as incidências sobre Anita Malfatti em vida até a data de sua morte, todas, quando se fala em contar sua história, mencionam o artigo de Monteiro Lobato, inclusive nesta apresentada. Também foram mencionadas suas últimas aparições a público, na Bienal, contando, via discurso indireto, os pareceres pessoais da pintora, conforme transcrito (figura 37):

↔ VEJA AS FIGURAS 37  
E 38 NA PÁGINA 69

Era um balanço da generosa atividade da pintora durante mais de meio século, merecendo os quadros expostos motivo de satisfação e orgulho para todos os brasileiros. Curioso também é que Anita somente figurou na I Bienal de São Paulo. Nas depois - e nunca explicou por que assim agiu - não mais se interessou pelo certame internacional, provavelmente pela linha cada vez mais abstracionista de seus participantes. Somente na última Bienal, convidada pela Fundação, decidiu-se a fazer a retrospectiva.

O texto apresenta ainda, trechos indiretos de entrevistas que Anita Malfatti teria prestado para os repórteres sobre seu trabalho em Diadema: "Posso adiantar apenas que sempre pinte e nunca houve coisa de que mais gostasse do que pintar (...) Pode anotar: o dia em que eu parar de pintar, eu morro".

Logo abaixo, presta homenagem à pintora o crítico paulista José Geraldo Vieira (figura 39), que sem cunhar juízo de valor nas suas escolhas artísticas, cita suas obras mais famosas e sua produção presente e marcante na arte moderna brasileira: "a exposição de Anita, em 17, causou celeuma, brigas, protestos e entusiasmos, tendo sido a '*repetition générale*': isto é, o ensaio para a Semana de Arte de 22" (figura 38).

Anita Malfatti, além de inaugurar um importante movimento artístico junto aos seus colegas, foi importante artista mulher do seu tempo, quando ainda a sociedade estava no processo de naturalizar a mulher ocupando espaço fora do doméstico. Seu trabalho inspirou muitas outras para serem precursoras de suas próprias vanguardas.

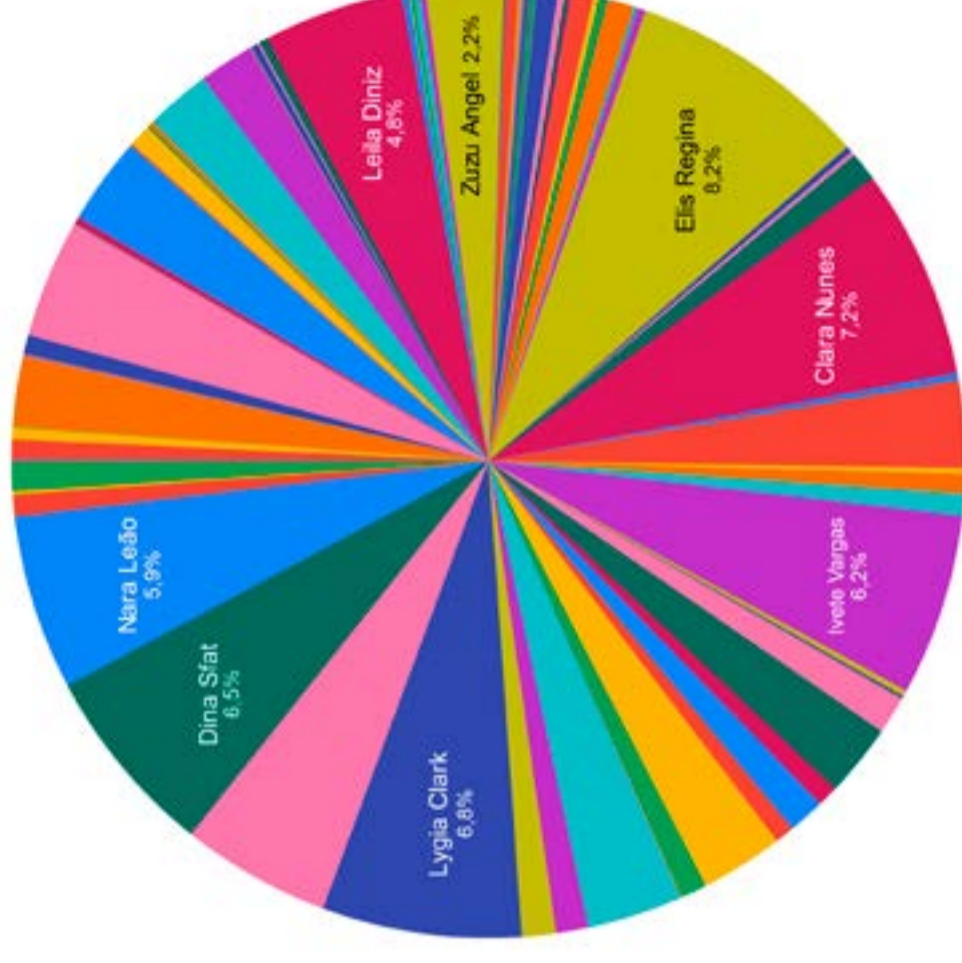
## 2.4

### Ditadura Militar: Elis Regina (1942-1985)

O período de ditadura militar, iniciada após o golpe que derrubou o governo de João Goulart, é marcado por um momento censurador e fatídico na produção artística

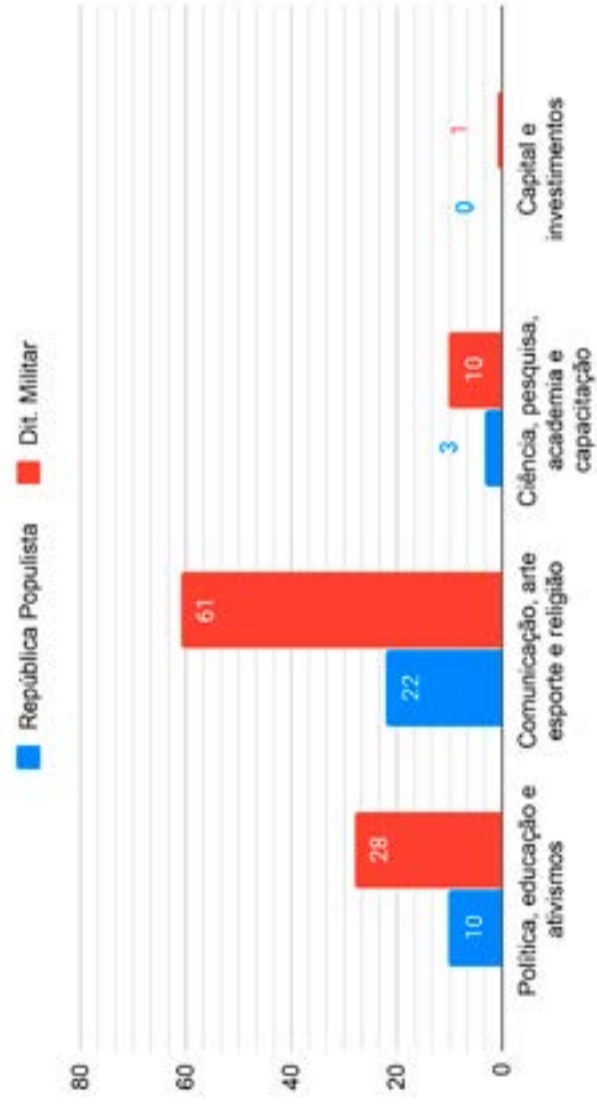
brasileira, para tanto, afetando também as reuniões religiosas, as produções acadêmicas, as pesquisas científicas, enfim, as diversas áreas de atuação de todos. Apesar das dificuldades e perseguições políticas, o número de mulheres atuantes durante esta época aumenta, em comparação com o anterior, tal como a variabilidade de profissões.

### Variabilidade de nomes femininos durante a ditadura militar



**Figura 39:** Gráfico qualitativo a partir da coleta de nomes femininos destacados na imprensa, entre 1964 e 1985. Fonte: Dicionário de Mulheres Brasileiras (Schumaher, 2001). acervos "Folha de S. Paulo" e "O Estado de S. Paulo".

## Número de mulheres por categoria



**Figura 40:**

Gráfico quantitativo a partir da coleta de nomes femininos destacados na imprensa, entre o 1945 e 1985.

Fonte: Dicionário de Mulheres Brasileiras (Schumaher, 2001), acervos "Folha de S. Paulo" e "O Estado de S. Paulo".

Neste período, os movimentos populares tomam força como resistência e oposição ao governo militar, durante esses 21 anos de ditadura: A arte e a política se unem como nunca, em forma de expressão e em resposta ao silenciamento das liberdades. A retomada de pautas feministas é impulsionada pelas reivindicações populares dos movimentos, enfim, o cenário político, que age em forma de repressão, acaba por colocar em posição todas as expressões e produções da época.

Neste período, Elis Regina Carvalho da Costa, é o nome mais incidente entre os jornais impressos de circulação nacional. Ela nasceu em Porto Alegre, dia 14 de março de 1945, durante o fim da ditadura Vargas, passou pelo período da República Velha, e faleceu ainda durante a ditadura militar. Aos 11 anos de idade, apresentou-se no programa 'O Clube do Guri', da rádio Farroupilha. Aos 13, foi contratada pela rádio e eleita a "Melhor Cantora de Rádio Gaúcha", pela "Revista de TV, Cinema, Teatro, Televisão e Artes". A revista tinha parceria com a "Revista do Rádio", do Rio de Janeiro, onde Elis Regina encontrou apoio para produção do seu primeiro álbum "Viva a Brotolândia", aos 16 anos. Enquanto se apresentava na TV Gaúcha, a partir de 1962, também gravava outros três discos no Rio de Janeiro, "Poema de Amor" (1962), "Elis Regina" (1963) e "O Bem do Amor" (1963). Em 1964, mudou-se para a capital carioca, e, além de ter uma agenda de shows no eixo Rio-São Paulo, assinou contrato com a TV Rio para participar do programa "Noites de Gala", apresentado por Ciro Monteiro, quem a deu o apelido de "Lilica".

Elis Regina começa a aparecer nos jornais de grande circulação, ao lado de outros cantores como Elisete Cardoso, Jorge Ben, Roberto Carlos, Jair Rodrigues, Agnaldo Raiol, Altemar Dutra etc., sempre sendo uma das poucas mulheres do meio musical. Em 1965, a então TV Excelsior, com matriz em São Paulo, criada durante o Governo Vargas pelo grupo Simonsen, e concorrente direta com a TV Tupi, a TV Cultura, a TV Record e a TV Paulista, criou o I Festival de Música Popular Brasileira, e Elis Regina venceu o concurso quando cantou "Arrastão" de Vinícius de Moraes e Edu Lobo. Essa notícia apareceu no Estado de S. Paulo, no dia 16 de abril (figura 41). A notícia apresenta a vencedora do ano, Elis Regina, juntamente com Jair Rodrigues e Wilson Simonal e descreve<sup>38</sup>.

↔ VEJA A FIGURA 41 NA PÁGINA 83

38. Caderno de anexos, p. 40.

39. Caderno de anexos, p. 42.

Elis Regina, por exemplo. É o sucesso do momento: há uma semana venceu o I Festival Nacional da Música Popular Brasileira, defendendo uma música de Vinícius e Edu Lobo. Uma graça de menina, canta com uma voz linda, canta com o corpo, com os olhos, com um sorriso largo de alegria de quem faz o que quer, e de quem sabe fazer bem o que quer.

Percebemos que neste artigo, o discurso utiliza de expressões da feminilidade, como "uma graça de menina" ao mesmo tempo que coloca a vontade do sujeito em "um sorriso largo de alegria de quem faz o que quer, e de quem sabe fazer bem o que quer". Tal como com Anita Malfatti, Elis Regina é referida nos discursos sob um juízo de valor, coerente com a noção de "mulher do seu tempo": mulher 'feminina e forte'. Este é também um traço performativo presente nas práticas discursivas da época.

Prosseguindo a linha do tempo de Elis Regina, sua vitória no Festival lhe garantiu o convite para atuar na televisão, ao lado de Jair Rodrigues, apresentando o programa "Dois na Bossa" (rendendo um álbum homônimo) que seria transferido para a TV Record, como o "O Fino da Bossa". Suas incidências nos jornais agora não só a anunciavam como cantora, em anúncios de boates, clubes e restaurantes, mas como apresentadora também, sempre priorizando seus convidados, Ciro Monteiro, Paulinho Nogueira, Claudete Soares, entre outros. Em 1966, quando já era veterana da Record, realizava turnê pela Europa e fazia a entrega do prêmio Roquette Pinto, o mesmo que havia recebido no ano anterior. Em especial, destacamos essa notícia da Folha de S. Paulo<sup>39</sup>, do dia 9 de março, que comenta a noite da entrega

dos prêmios, da performance dos premiados e da aparência das premiadas (figura 42). Além de divulgar a viagem São Paulo-Londres que Elis Regina ganhou como prêmio durante o evento, Adones cita suas atuações como apresentadora, como cantora, a premiação de outros 'roqueteados' de 1966 entre outras eventualidades. Destacamos em seu discurso o momento em que o destinatário comenta as roupas das mulheres que estão presentes na premiação:

(...) Quando o pano subiu, as apresentadoras Selmi Barbosa, Idalina de Oliveira, Vilma Chandler, Darci Carlota, Cidinha Campos e Marcia Maria, espetacularmente bem vestidas, introduziram o mestre de cerimônias Blota Jr., que falou pouco para passar logo à chamada dos roqueteados. Primeiro os de rádio, imediatamente depois os da televisão. Jair Rodrigues, melhor cantor, Hebe Camargo melhor apresentadora e Adonirã Barbosa melhor intérprete cômico foram os mais aplaudidos no setor de rádio. (...) As roqueteadas estavam muito elegantes, principalmente Glória Menezes, Hebe Camargo, Regina Duarte e Neide Alexandre. O vestido de Regina lhe foi apresentado em Campinas e quando Glória apareceu, muitos disseram: "ela está linda".

Compreendemos que, dada a situação formal do evento, as mulheres acabam por receber uma sanção do destinatário sobre seu portar, sua vestimenta, em par de igualdade com suas correspondências profissionais, compreendendo a conformidade da performance do gênero.

Ainda no mesmo ano, Elis Regina recebeu seu primeiro Disco de Ouro pela gravação de "O Fino", e gravou "Elis" (1966), um dos mais importantes discos da sua carreira, divulgando compositores até então desconhecidos como Belchior e Milton Nascimento. Foi também em 1966 que Elis Regina compôs sua única música, chamada "Triste amor que vai morrer", postumamente interpretada por Toquinho, em instrumental. Em 1967, Ronaldo Bôscoli foi contratado como produtor do programa, e se casou com a cantora. No mesmo ano, "O Fino da Bossa" chegou ao fim e Elis Regina passou a se debruçar exclusivamente à sua carreira musical, entendendo cada vez mais suas turnês pelo Brasil afora. No final da década ainda chegou a gravar seu sétimo álbum: "Elis - Como e porque".

Em 1970, nasceu o único filho do casal, João Marcello, e a atividade de Elis "mesmo"grávida" surpreendia a mídia. Ainda nesta década, Elis Regina já era aclamada e respeitada. Expressões como "A Era antes e depois de Elis" se tornaram comuns para demonstrar o sucesso da cantora. A folha publicou um artigo comentando o sucesso profissional dela para divulgar seu novo álbum "Em

41. Apelido dado por Vinícius de Moraes à cantora, que a identificava como uma pessoa de temperamento "esquentado".

42. Caderno de anexos, p. 45.

43. Caderno de anexos, p. 47.

← VEJA AS FIGURAS 42, 43 E 44 NA PÁGINA 83.

pleno verão", ainda que enviasse críticas por um comportamento supostamente "pimentinha"<sup>41</sup> (figura 43). O discurso teve muitos elogios e qualificações à cantora, como observamos nas expressões "Elis Regina marcou uma época na música popular brasileira", "Elis Regina mostra mais uma vez que é a melhor cantora brasileira dos últimos tempos", "Sua interpretação (...) é simplesmente algo notável", "Com a sua voz que é som, orquestra, instrumento, ela faz o que quer e transmite entre outras"<sup>42</sup>. Ainda assim, o destinatário incluí em suas adjetivações, juízos de valor de comportamento e opinião:

Depois brigou com muita gente, excomungou Roberto Carlos, falou mal de Caetano Veloso e Gilberto Gil, defendeu a "autêntica música popular brasileira". Foi para Paris, fez sucesso. Voltou para o Brasil e continuou cantando e brigando mais e melhor do que nunca. Aos poucos foi amansando, revendo seus conceitos, procurando desdizer o que havia dito antes.

Essa é a incoerente e genial Elis Regina. A cantora que defende seus pontos de vista até o fim, mesmo quando está errada. (...)

Artur Laranjeira, o autor do artigo, define, através do seu discurso, o que é certo e o que é errado, traçando uma linha onde está ou não coerente, e onde a cantora pode ter pecado. Nesse excerto, existe por si só um juízo de valor trazendo à questão qual é a voz destacada no texto: se é a opinião da cantora que está em posição de objeto do artigo, ou se é o próprio destinatário. Nas últimas linhas, o autor ainda indica uma possível competição entre cantoras, no trecho:

É uma Elis amadurecida, que sabe o que quer, que canta qualquer música, a cantora que aparece nesse elepê. Uma Elis Regina que vai deixar muita cantora com dor de cotovelo.

E que mais uma vez vai ser chamada de mau-caráter.

Ainda no mesmo ano, meses depois, o mesmo caderno "Ilustrada", divulga breve notícias sobre a cena musical, entre elas uma das suas primeiras apresentações internacionais (figura 44). Marcando com manchete a sessão dos artistas do caderno, "Pelé e Elis na França"<sup>43</sup>, tem poucas linhas de texto que contam com um discurso instigador: "Agora é que vão dizer que Elis gravou com Pelé só para fazer publicidade. Como se ela precisasse disso e não tivesse a voz que tem". A expressão incita aqui uma certa dificuldade da cantora de ser reconhecida por alguns como profissional. Como colocamos no início do trabalho, para que seja legítimo seu

40. Na sessão de artistas do caderno "Ilustrada" da Folha de S. Paulo, datada em 3 de abril de 1970, poucas linhas são dedicadas para divulgar breves notícias sobre os músicos da época. Entre essas, o pequeno texto que se inicia com "Elis Regina, mesmo grávida, estreou ontem seu show no Canecão, Rio de Janeiro". Imagem do texto no Cadernos de Anexos, p. 44.

esforço, a mulher é diversas vezes comparada com homens da área, de forma que desvalide seu esforço. Tal como apresentamos no estado da arte em The Glass Cliff. (HASLAM et al., 2005), muitas profissionais são submetidas a condições desiguais mas ainda colocadas em situação de 'superação dos obstáculos': O que o destinatador coloca no artigo jornalístico é um registro temporal no discurso do que acontece até os dias atuais.

No ano seguinte, Elis Regina e Ronaldo Bóscoli se separaram, o casal já entrava em grandes discussões por conta de traições e da solidão materna que a cantora vinha sofrendo em casa. Em 1972, Elis Regina conhece o músico e arranjador Cesar Camargo Mariano, que a acompanhou na produção dos seus próximos discos. Eles se apaixonaram e se casaram.

No mesmo ano, a cantora sofrerá tortura psicológica, ameaça e censura do governo militar por conta da sua postura ideológica. Sempre entoando músicas de caráter político em seu repertório e um histórico de declarações polêmicas contra ditadura<sup>44</sup>; Elis Regina foi pressionada, pelo governo Médici, a cantar durante as Olimpíadas Militares, apresentando um suposto apoio ao governo ditatorial. No mesmo mês, o cartunista Henfil, que teria seu irmão perseguido e assassinado pelos militares, publicou em "O Pasquim", jornal esquerdista e combativo da época, uma tira ilustrada em que enterrava Elis Regina<sup>45</sup> e outros artistas da época pelo seu apoio à extrema direita do país. A cantora teria respondido pessoalmente o cartunista, que continuou a confrontá-la e a colocou em posição de ataque dentro da esquerda. Seus shows caíram em público, suas apresentações na TV caíram em audiência.

Ainda assim, a cantora utilizou da falta de apreço como impulsionamento para a produção ousada de outros álbuns e espetáculos, tal como a obra internacionalmente premiada "Elis & Tom" (1974). O caderno 'Ilustrada' da "Folha de S. Paulo" publicou um artigo que comenta cada uma das faixas (figura 45).

Utilizando de expressões como "aparece como uma nova cantora, o que aliás é muito comum em nossa melhor intérprete"<sup>46</sup>, o destinatário vai suscetivamente elencando fatores qualitativos empregados diretamente à performance profissional de Elis Regina. Sem juízos de valor sobre aparência ou comportamento, o artigo acaba por, não só divulgar o trabalho da parceria, como roteirizar a excelência de Elis Regina no seu trabalho, como é o caso em que narra "Elis abrandou um pouco as notas mais agudas, acrescentando uma suavidade bem poucas vezes revelada em suas interpretações para músicas desse gênero", indicando a qualidade de outras canções por ela interpretada. Esse tipo de discurso incita o consumo de

44. Em 1969, durante sua turnê na Europa, Elis Regina teria dado uma entrevista à revista holandesa *Tros-Nederland* em que afirmaria que "o Brasil de hoje é governado por gorilas".
45. CABÓCO MAMADÓ. Henfil. *O Pasquim*. N. 147 - Rio, de 25/4 a 1/5/72. p. 7. Imagem no Caderno de anexos, p. 48.
46. Caderno de Anexos, p. 49.

← VEJA AS FIGURAS 45, 43, 44, 45 E 46 NA PÁGINA 83.

Mesmo para quem não tem o hábito de ver televisão, em tão pouco tempo de ter o hábito de ver televisão, é fácil avaliar a importância dos prêmios Raquel e Paulo pela reputação que a festa causa entre os profissionais do ramo. Assim, a entrega dos prêmios é a maior alegria que os premiados podem ter, já que concretiza todas as alegrias que lhes prometem ter sido decorados em um ano inteiro de trabalho.

Pela foi sabida também, no Teatro Municipal, a festa de entrega dos prêmios Raquel e Paulo para os melhores de 1964. Citar a festa dos no quinquênios seria redundante. Criticando a festa, porém, já que esta celebração não é especializada em coisa alguma que diga respeito à televisão, exceto — talvez — uma sincera boa-vontade. Então, então, constatar a participação de nomes tão ligados ao show-business quanto à televisão propriamente dita.

Elis Regina, por exemplo, é o sucesso do momento: há uma semana venceu o I Festival Nacional da Música Popular Brasileira, defendida de uma amiga de Vinícius e Eita Lúcia. Uma gravação de música, feita com uma voz linda, esta com o corpo, com os olhos, com um sorriso largo de alegria de quem faz o que gosta, e de quem sabe fazer bem o que gosta. Já Rodrigues, contra exemplo, é o grande representante de São Paulo na interpretação do ano. Seu forte não é a voz, mas é a gíngua melancólica e estroboscópica em "leões que olham, que falam, que pensam".

Somente ganhou um prêmio de revelação, mas já é uma consagração. Renner recebeu duas qualidades que a maioria dos seus colegas só tem uma de cada vez: a sua mais pura, a habituação ao público. Quanto ao Zélio Tris, todo mundo já sabe: são performances virtuosas e requintes que produzem a mesma música brasileira brasileira do momento.

Estas coisas todos já foram ditas aqui mais de uma vez, mas é bom vê-las confirmadas por uma premiação do nível do Raquel e Paulo. Sig o fôlego que a festa leva a festa como o primeiro prêmio da festa para expor-se a todos os olhos. Desempe o seu papel, mas a situação de nome número popular é uma coisa muito séria. E quando a gente a vê, trata-la com igual respeito, um respeito de falar seria também, carando!

FRANCA RUFFO GUARÁ

## PREMIO PARA IMAGEM VALORIZA O MELHOR SOM



"Elis Regina e Bóscoli" em uma noite em São Paulo e Zélio Tris.

Figura 41: "O Estado de S. Paulo" – Suplemento feminino, 16/4/1965. Fonte: Acervo "O Estado de São Paulo".

## Como foi a festa do "Roquete"

A festa do roquete, que se realizou no dia 17 de novembro, no salão de festas do Hotel "Roquete" e contou com a presença de Elis Regina, com o seu grupo de músicos, e com a participação de muitos artistas. A festa foi muito animada e contou com a presença de muitos artistas. A festa foi muito animada e contou com a presença de muitos artistas.

Elis Regina, que está em seu auge artístico, cantou com o seu grupo de músicos, e com a participação de muitos artistas. A festa foi muito animada e contou com a presença de muitos artistas. A festa foi muito animada e contou com a presença de muitos artistas.

O show, gravado em quadros, será lançado em um LP. A festa foi muito animada e contou com a presença de muitos artistas. A festa foi muito animada e contou com a presença de muitos artistas.

Figura 42: Recorte "Folha de S. Paulo", 9/3/1966. Fonte: Acervo da "Folha de S. Paulo".

## Elis e Tom, num disco muito especial

Um disco muito especial, com a participação de Elis Regina e Tom Jobim. O disco foi gravado em um estúdio de São Paulo e conta com a presença de muitos artistas. O disco foi muito animado e contou com a presença de muitos artistas.

Elis Regina e Tom Jobim, que estão em seu auge artístico, cantaram juntos em um disco muito especial. O disco foi gravado em um estúdio de São Paulo e conta com a presença de muitos artistas. O disco foi muito animado e contou com a presença de muitos artistas.

O disco, gravado em quadros, será lançado em um LP. A festa foi muito animada e contou com a presença de muitos artistas. A festa foi muito animada e contou com a presença de muitos artistas.



Figura 43: Recorte "Folha de S. Paulo", 1/5/1970. Fonte: Acervo da "Folha de S. Paulo".

## ELIS cada vez melhor

ARTUR LARANJEIRA



Quando ouvimos, ouvimos a voz de Elis Regina, ouvimos a voz de Elis Regina, ouvimos a voz de Elis Regina. A festa foi muito animada e contou com a presença de muitos artistas. A festa foi muito animada e contou com a presença de muitos artistas.

Elis Regina, que está em seu auge artístico, cantou com o seu grupo de músicos, e com a participação de muitos artistas. A festa foi muito animada e contou com a presença de muitos artistas. A festa foi muito animada e contou com a presença de muitos artistas.

O disco, gravado em quadros, será lançado em um LP. A festa foi muito animada e contou com a presença de muitos artistas. A festa foi muito animada e contou com a presença de muitos artistas.

## Pelé e Elis na França



O disco que Pelé gravou com Elis Regina vai ser lançado na França ainda esta semana. O compacto de 45 rotações tem duas músicas: Pelé não tem e Vexa não. Agora é que vão dizer que Elis gravou com Pelé só para fazer publicidade. Como se ela precisasse disso e não tivesse a voz que tem.

Figura 44: Recorte "Folha de S. Paulo", 8/7/1970. Fonte: Acervo da "Folha de S. Paulo".

Figura 45: Recorte "Folha de S. Paulo", 17/4/1974. Fonte: Acervo da "Folha de S. Paulo".

## encontros na FOLHA A Maternidade, o Aborto e o Casamento

Prossigue hoje, às 14 horas, no auditório deste jornal, à alameda Barão de Limeira, 425, 9.º andar, a série Encontros na "Folha", com um debate público sobre "A Maternidade, o Aborto e o Casamento", analisando a condição da mulher hoje, na sociedade brasileira. Sob a coordenação de Marilena Chauí, professora de Filosofia Política da USP, participam as seguintes debatedoras: psicóloga Carmem Barroso, da Fundação Carlos Chagas; jornalista Irene Cardoso; Olga Faria Perez, do Departamento de Filosofia da USP; Heleleth Saiffoti, socióloga e professora da Unesp; e a cantora Elis Regina.

Ontem, nos Encontros na "Folha", foi debatido o tema "A Questão da Cidadania" (noticiário na pag. 7).

Figura 46: Recorte "Folha de S. Paulo", 26/02/1981. Fonte: Acervo da "Folha de S. Paulo".



Figura 48:  
Recorte "Folha de S. Paulo", 20/01/1982.  
Fonte: Acervo da "Folha de S. Paulo".

outras obras de Elis Regina, como é o caso do sucesso do seu espetáculo pessoal "Falso Brilhante" (1975), dirigido por Myriam Muniz, que ficou em cartaz por mais de um ano e realizou mais de 300 apresentações. "Falso Brilhante" ficou conhecido pela sua maior obra, que contava sua história de vida de forma teatral, musical e circense. Ainda no mesmo ano, Elis Regina e César Camargo Mariano teriam seu primeiro filho juntos, o segundo da cantora, Pedro Camargo Mariano. Prosseguindo ainda por vieses de resistência política, Elis Regina se posiciona a favor da classe teatral de Porto Alegre, como a notícia publicada pela "Folha", fevereiro de 1976 desmentia pela companhia *Monckinpott*<sup>47</sup>. Elis Regina e César Camargo vieram a ter sua última filha em 1977, Maria Rita Camargo Mariano.

Aos poucos, Elis Regina reconquistava seu público militante, até que, em 1979, a cantora gravou a canção de anistia "O Bêbado e o Equilibrista", escrita pelos músicos João Bosco e Aldir Blanc, que pedia a volta dos exilados brasileiros durante o regime. A música citava o sociólogo Betinho, irmão de Henfil, registrando definitivamente a restauração da amizade entre o cartunista e a cantora<sup>48</sup>. Nesse mesmo ano, Elis Regina se apresentou no Festival de Montreux, na Suíça, onde se firmou internacionalmente reconhecida. Em 1980, lançou seus últimos álbuns "Saudade de Brasil" (1980) e "Elis" (1980), também arranjados pelo seu atual marido.

No ano seguinte, o casal se separou, Elis Regina se filiou ao Partido dos Trabalhadores e realizou seu último show "Trem Azul", que passou por São Paulo e Belo Horizonte. Ainda em 1981, Elis Regina saiu na capa do jornal em análise, na divulgação de um evento a ser realizado no auditório da Folha (figura 46). O evento se tratava de discutir questões da mulher na atualidade da época, junto à acadêmicas e profissionais, incluindo, equiparada, Elis Regina. A cantora, além disso, cultivou amizades com diversas artistas: Leila Diniz, Nara Leão, Rita Lee que lhe deu o apelido de "Elis-cóptero" ou "Hélíce Regina".

Em 1982, faleceu aos 36 anos de idade, devido a complicações decorrentes de uso exacerbado de cocaína combinada com bebida alcoólica. As notícias de sua morte são inúmeras, sempre prestando homenagens às suas contribuições à música popular brasileira, ao seu talento e à sua carreira e à sua determinação profissional.

A reportagem (figura 47)<sup>49</sup>, que, entre homenagens como "sua incansável capacidade de trabalho", "se empenhou em fazer valer a pena sua visão das coisas", "se desnudou integralmente, expôs com franqueza e destemidos", se põe aos elogios profissionais da cantora, também coloca em discurso o político sobre o posicionamento e a resistência de Elis Regina enquanto mulher e artista: "Elis brasileira que em toda a década de 1970 foi ponta-de-lança, corajosamente, audaciosamente, na luta

47. Recorte da notícia no caderno de anexos, p. 52.

48. O cartunista chegou a declarar, postumamente à morte da cantora: 'Eu só me arrependo de ter enterrado duas pessoas - Clarice Lispector e Elis Regina', como conta a biógrafa do livro "Furacão Elis" (1985). Regina Echeverría.

49. Cadernos de Anexos, p.53.

de todos nós contra às censuras e contra os árbitros que nos espreitam em cada esquina, à espera do dia voltar", sobressaindo sua postura política e social.

O poder, segundo Michel Foucault (2016), não é uma coisa, centralizada nas mãos de um superior que estabelece submissões. O poder está nas relações entre os indivíduos, essas em que todos estão passíveis de suas submissões e seus exercícios. Deter o poder é exercê-lo, é compreender-se corpo individualizado diante de uma rede política e fazer-se existente. Uma vez identificados gestos, corpos, discursos e desejos e constituídos como indivíduos, identifica-se os efeitos do poder. Sendo intermediários e centros de transmissão de poder, os indivíduos nunca são sujeitos inertes passíveis de consentimento do poder, todos são afetados. Ao utilizar da sua voz para invocar política nas suas canções, Elis Regina reforça seu posicionamento enquanto artista, a cantora compreende que a arte é política.

Em 18 anos de carreira, vendeu mais de 4 milhões de discos, registrou sua voz como instrumento musical na Ordem dos Músicos do Brasil, foi presidente da ASSIM - Associação dos Intérpretes e Músicos e rompeu com a indústria fonográfica apoiando compositores desconhecidos como Belchior, Renato Teixeira, Tím Maia e Milton Nascimento.



## Considerações Finais

***se pudéssemos escutá-las hoje,  
homens e mulheres,  
seríamos mais sábios  
e suspeitaríamos  
ante os relatos nos quais  
nenhum desses nomes  
aparecem.***

***GARCIA, 2015, p.112***

**Tendo em vista que a hipótese do presente trabalho, constatamos que os modos** como são constituídos os estereótipos de mulheres brasileiras nos discursos jornalísticos impressos paulistas do século XX, varia conforme os contextos, mas se dá tanto de forma explícita como tácita, a partir de narrativas escritas e visuais. Em todos os casos, a presença feminina parece incipiente. A presença massiva ocorre apenas quando se trata de neutralizar ou demonizar as imagens.

Durante a república velha, entre 1885 e 1930, Chiquinha Gonzaga, o nome mais mencionado nos discursos analisados, apareceu apenas quatro vezes nos jornais durante sua vida. Ainda que realizasse turnês, compusesse para peças e concertos, tocasse com a primeira Dama do Brasil e popularizasse marchinhas de carnaval conhecidas até hoje, sua presença na arte está na sua ausência nos discursos dos jornais, uma vez que, em conformidade com a época política, Chiquinha Gonzaga representava uma ameaça às expectativas sobre o corpo feminino por ser uma mulher divorciada, filha de ex-escrava, republicana, abolicionista e ativa na vida profissional.

Durante a Era Vargas, entre 1930 e 1945, Olga Benário Prestes, apesar de não ser brasileira, foi o nome mais recorrente nos impressos analisados. Sempre referida como a companheira de Prestes, Benário só foi legitimada publicamente nas mídias a partir da retomada da ditadura em contraponto com a Era Vargas. Neste caso, o seu nome virou, mais uma vez, uma marca e foi usado para performar as novas relações de poder fortalecendo o regime autoritário.

Na República Populista, entre 1945 e 1964, pela primeira vez, temos, de prontidão um discurso positivo sobre a mulher. Tratava-se da artista Anita Malfatti, uma mulher autônoma, responsável pelas suas realizações profissionais e altamente aclamada pelo contexto artístico paulista da época. Ainda que fosse, de forma discrepante, criticada pelo Monteiro Lobato, a pintora também foi defendida e ilustrada como a pioneira e vanguardista da arte expressionista brasileira.

Já durante a ditadura militar, entre 1964 e 1985, Elis Regina foi o nome mais mencionado nos jornais analisados. Pressionada pelos militares, mas elogiada e reconhecida pelos jornais, também foi tratada como "mãe solo" ou em expressões que delatam uma política explícita sobre os corpos, como por exemplo, quando se diz: "mesmo grávida, Elis Regina apresenta..."

Pode-se considerar que apesar das limitações, a partir dos anos 1940, o espectro de mulheres fora da vida doméstica, reconhecidas como profissionais, tem sido fortalecido. O que não significa que todos os problemas tenham sido resolvidos.

Inicialmente, como foi mencionado na introdução, gostaríamos de ter incluído como estudo de caso Dilma Rousseff. Chegamos a levantar mais de 64 mil incidências nos jornais desde sua primeira aparição nas mídias. Além de desproporcional em relação à representação das outras mulheres analisadas, o que ocorreu com Dilma radicaliza algumas questões específicas que abrem outros caminhos de análise.

Como observamos em alguns momentos desta dissertação, os contextos políticos colaboram com os modos como as mídias lidam com a representação feminina. Não se trata de uma visão simplista determinante, pois como também constatamos há sempre muitas ambivalências e redes de informações explícitas e tácitas.

Os jornais analisados fazem parte da chamada grande mídia, uma informação que, evidentemente, não pode ser negligenciada. Se nosso objeto de estudo transitasse por outro tipo de periódico ou site de notícias, as nuances teriam sido outras. De todo modo, o caso da presidenta Dilma chama a atenção para questões que emergiram mais recentemente, como as polarizações excessivas, a agressividade voltada a questões de gênero que deflagra uma necropolítica radical ou política de morte como tem elaborado o filósofo camaronês Achille Mbembe. Para lidar com o caso Dilma, é necessário aprofundar e ampliar algumas leituras que colaboram no sentido de elucidar os principais problemas. Esta será a nossa tarefa para o futuro doutorado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### LIVROS

- AMARAL, A. **Artes plásticas na semana de 22**. São Paulo, Perspectiva, 1979.
- ANDRADE, M. **O Movimento modernista**: Aspectos da literatura brasileira. São Paulo, Martins Fontes, 1974.
- BARTHES, R. **Mitologias**. 11 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**: Fatos e Mitos. 3 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral**. São Paulo, Ed. Nacional da Universidade de São Paulo, 1975.
- BITTENCOURT, A. **Dicionário bio-bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil**. Rio de Janeiro, Pongetti, 1969.
- BOSCOLI, J. M. **Elis e Eu**: 11 anos, 6 meses e 19 dias com minha mãe. São Paulo, Planeta do Brasil, 2019.
- BRASIL. Decreto n. 678, de 6 de julho de 1860. **Dá Regulamento para Casa de Correção do Rio de Janeiro. Coleção das leis do Império do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 1, parte 2, p. 31-62, 1851. Disponível em: <<https://goo.gl/Ws3Rtp>> Acesso em: 18 jul. 2019.
- BUITONI, D. H. S. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. 2 ed. São Paulo Summus, 2009.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da identidade. 11 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, São Paulo, 2016.
- CHAUJ, M. **Simulacro e poder**: Uma análise da mídia. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2006.
- Constituição da República Federativa do Brasil**. Constituição Federal de 1988. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br>>. Acesso em: Maio 2019.
- DINIZ, E. **Chiquinha Gonzaga**: Uma história de vida. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.
- ECHEVERRIA, R. **Furacão Elis**. 1 ed. São Paulo: Circulo do Livro, 1985.

- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.
- FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2013.
- FEDERICI, S. **Calibá e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. 1 ed. São Paulo, Elefante, 2017.
- FOUCAULT, M. **A Microfísica do Poder**. 4 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2016.
- \_\_\_\_\_, M. **A Ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. São Paulo, Edições Loyola, 2014.
- \_\_\_\_\_, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_, M. **Vigiar e punir**: Nascimento da prisão. Rio de Janeiro, Vozes, 2014.
- GREIMAS, A. J. **Da Imperfeição**. 2 ed. São Paulo, Estação das Letras e Cores: CPS, 2017.
- GREIMAS, A. J. COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. 2 ed. São Paulo, Contexto, 2011.
- GREIMAS, A. J. FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**: Dos estados de coisas aos estados de alma. 2 ed. São Paulo, Editora Ática, 1993.
- HIRATA, H; LABORIE, F; LE DOARÉ, H; SENOTIER, D. (Orgs). **Dicionário Crítico do Feminismo**. 1 ed. São Paulo, Editora Unesp, 2009.
- HOUAISS, A; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro, Objetiva, 2009.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Dicionário Houaiss**: sinônimos e antônimos. 3 ed. São Paulo, Publifolha, 2012.
- LANDOWSKI, E. **A Sociedade refletida**: ensaios de sociosemiótica. 1 ed. São Paulo, EDUC/Pontes, 1992.
- LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**. 1 ed. São Paulo, Perspectiva, 2002.
- MARIA, J. **Elis Regina**: Nada será como antes. 1 ed. São Paulo, Master Books, 2015.
- MARTINS, Leda Maria. **Afrofotografias da Memória. O Reinado do Rosário no Jatobá**. – 1. Ed. – São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.
- MBEMBÉ, A. **Necropolítica**. 1 ed. São Paulo, N-1 Edições, 2018.

MORENO, Rachel. **A Imagem da mulher na mídia**: controle social comparado. 2 ed. São Paulo, Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2017.

MUNANGA, K. As facetas de um racismo silenciado. In: SANTOS, B. S; MENESES, M. P. (orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo, Cortez, 2010.

OLIVEIRA, A. C; TEIXEIRA, L. (orgs). **Linguagens na Comunicação**: desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2009.

PRESTES, A. L. **Olga Benário Prestes**: uma comunista nos arquivos da Gestapo. 1 ed. São Paulo, Boitempo, 2017.

ROLNIK, S. **A Hora da Micropolítica**. São Paulo, N-1 Edições, 2018.

SCHUMACHER, S. BRAZIL, Érico V. **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Bibliográfico e Ilustrado. – 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SILVA BRITO, M. **História do Modernismo Brasileiro**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

SLOTERDIJK, P. **No mesmo barco**: ensaio sobre a hiperpolítica. São Paulo, Estação Liberdade, 1999.

\_\_\_\_\_. **O desprezo das massas**. São Paulo, Estação Liberdade, 2002.

SOLNIT, R. **Os homens explicam tudo para mim**. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

\_\_\_\_\_, R. **A História do caminhar**. 1 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2016.

TRIVINHO, E. **Glocal**: visibilidade mediática, imaginário bunker e existência em tempo real. São Paulo, Annablume, 2012.

## DISSERTAÇÕES E TESES

AGGIO, Adriana Tulio. **Mulheres de saia na publicidade**: regimes de interação e de sentido na construção e valoração de papéis sociais femininos. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

GUIMARÃES, M. Paula Piotto. **"NOVA"**: 30 anos da mulher de 30. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006

LIMA, Diane Sousa da Silva. **Fazer sentido par fazer sentir**: Ressignificações de um corpo negro nas práticas artísticas contemporâneas afro-brasileiras. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

- PINTO, Amanda M. **Corpo em Ruínas**, uma análise das ações performativas de Paula Garcia. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.
- SANTOS, Rafael A. **Habermus Papam** – Eleição papal nas coberturas midiáticas de jornais paulistas: de Leão XIII (1878) a Francisco (2013). Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.
- SILVA, Simone Bueno. **A Construção do corpo na mídia semanal**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

#### ARTIGOS

- ALBUQUERQUE, J. A. G. Michel Foucault e a Teoria de Poder. **Tempo Social**. Ver. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 105-110, 1995.
- BAGGIO, A. T. Papéis sociais femininos na publicidade: contribuições da semiótica para sua identificação e categorização. **Intexto**. Porto Alegre, UFRGS, n. 37, p. 413-436, set/dez. 2016. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br>>. Acesso: 13 Mar. 2019.
- BIROLLI, F. Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos. **Cadernos Pagu**, n. 34, p. 269–299, 2010.
- BONATO, N. M. C; COELHO, L. M. C. C. Concepções de educação integral na década de 30: As teses do II Congresso Internacional Feminista – 1931 (Second Congress Feminist International – 1931). Publ. **UEPG Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes**. Ponta Grossa, 15 (2) 17-23, dez. 2007.
- GESAR, R. N. De Francisca a Chiquinha: o pioneirismo insuspeito de Chiquinha Gonzaga. **Tempo Social**: Revista de sociologia da USP, v. 30, n.1. Abril, 2018.
- COSTA, R. Sociedade de Controle. São Paulo: **São Paulo Em Perspectiva**, 2004, p. 161-167.
- Chiquinha Gonzaga: A Força Feminina Superando Paradigmas**. Disponível em: <<http://chiquinhagonzaga.com>>. Acesso em: 5 Out. 2018.
- DELEUZE, G. **Post Scriptum Sobre as Sociedades de Controle**. 34 ed. Rio de Janeiro, 1992 Disponível em: < <http://abre.ai/aEOM> >. Acesso em: Maio 2019.
- DESIDÉRIO, B. C. LIMBERTI, R. C. P. As formas de percepção da alteridade: uma análise da noção de estrangeiro. **Revista Arredia**. Dourados, MS, Editora UFGD, v.2, n.2: 11-25 jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br>>. Acesso em: 23 Jun.

- 2019.
- FIORIN, J. L. A Noção de texto na semiótica. Organon, **Revista do Instituto de Letras da UFRGS**. V. 9, n. 23 (1995), p. 165-176. Acesso: Jul. 2019. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon>>. Acesso em: 23 Jun. 2019.
- FONTANILLE, J. A semiótica hoje: avanços e perspectivas. Trad. Matheus N. Schwartzmann. **Estudos Semióticos**, vol. 12, n. 2 (2016), p. 2
- GRAÇA, R. Performatividade e política em Judith Butler: corpo, linguagem e reinvenção de direitos. Universidade Federal de Pernambuco. Recife: **Revista Perspectiva Filosófica**. v. 43, n. 1, p. 21-38 ISSN: 2357-9986
- HASLAM, A. RYAN, M. (2005). The glass cliff: Evidence that women are over-represented in precarious leadership positions. **British Journal of Management**, University of Exeter, n. 16, p.81–90, 2005.
- LAGO, C; LAGO, M. C. S; MARTINEZ, M. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. **Revista FAMECOS, Mídia, cultura e tecnologia**. Escola de Comunicação, Artes e Design, Porto Alegre: PUC – RS. V. 23, N. 2. Maio, junho, julho e agosto de 2016. ISSN: 1980-3729.
- LANDOWSKI, E. Flagrantes delitos e retratos. **Ver. Com. Sem. PUC-SP**. São Paulo: Educ, v. 4, n. 8, p. 31-69, out. 2004.
- LIMBERTI, R. C. P. A identidade em situação de contato intercultural. **Raido**. Douros, MS, v. 2, n. 4, p. 9-20, jul./dez. 2008. Disponível em: < <http://ojs.ufgd.edu.br>>. Acesso em: 8 Jun. 2019.
- MALFATTI, A. A Chegada da Arte Moderna no Brasil. In: **Conferências de 51**. Apud. AMARAL, A. 1979. Pinacoteca do Estado de São Paulo, 25/10/1951, p. 72.
- MELO, Hildete Pereira de. MARQUES, Teresa C. de Novaes. **Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino**. Ver. ist.edu.latioam – Vol. 18, n. 26, 2016 – ISSN: 0122-7238 – pp. 311 – 326.
- OLIVEIRA, A. C. de. A leitura do jornal como experiência sensível. **Revista Ampol**, n. 20, Campinas, 2006.
- \_\_\_\_\_. A. C. de. A dupla expressão da identidade do jornal. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho "Produção de Sentido nas Mídias", do **XV Encontro da COMPÓS**, na UNESP, Bauru, SP, 2006.
- \_\_\_\_\_. A. C. de. Discurso midiático como experiências do sentido. Por

uma tipologia das interações discursivas. Anais do **XIX Encontro da COMPOS/PUC Rio** – Rio de Janeiro, RJ, 2010.

SAFFIOTI, H. I. B. Pós-fácio: conceituando o gênero. In: SAFFIOTI, H.; MUÑOZ-VARGAS, M. (Eds.). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro/Brasília, Rosa dos Tempos/ NIPAS/UNICEF, 1994.

SCOTT, J. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SOUZA, S. M. A partir de Greimas: formação, atuação e pesquisa em semiótica. **Estudos Semióticos**. Ver. Ling. USP. São Paulo. V. 14, n.1, 2018 – ISSN: 1980-4016, p. 7-11.

TOSI, L. Mulher e Ciência. A Revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. **Cadernos Pagu**, Unicamp, n. 10, p. 369-397, 1998.

VALE, L. F. A Propósito da Exposição Malfatti, Edição Revisitada. **Revista Uruguiaia Revista Acadêmica Multidisciplinar**. Centro de Estudos Sobre Intolerância – Maurício Tragtenberg – Departamento de Ciências Sociais – UEM, Maringá, PR – Quadrimestral, n. 7 - Ago./set./out./nov, 2009 – ISSN 1519,6178.

VELOSO, A. M. C. LEITE, P. P. O. O Discurso sexista da Folha de S. Paulo e da Veja na campanha de Dilma Rousseff em 2010. **Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo**. Leonel Aguiar, Marcos Paulo da Silva e Monica Martinez (orgs.) – São Paulo, SP: Life Editora, 2018. 434p.; E-book: ISBN 978-85-8208-114-3, p. 262-277.

#### JORNAIS EM CONSULTA

**Depoimento de Sergio Milliet para o Diário Crítico**, volume 4, São Paulo, Martins Fontes, 1947, p. 53.

ANDRADE, Mario. **A Manhã**. Suplemento de S. Paulo, de 31/7/1926. Apud. Mário de Silva Brito, op. cit., p. 65.

ANDRADE, Oswald. **A Exposição de Anita Malfatti**. in: "Jornal do Comércio", edição de São Paulo, 11/01/1918. Apud Mário de Silva Brito, op. cit., p. 61.

**O Pasquim**. Acervo disponível em: < <http://memoria.bn.br> >. Acesso em: Jan. 2020.

#### JORNAIS ANALISADOS

#### Chiquinha Gonzaga

Jornal "Estado de S. Paulo"

1) Artes e Artistas – A canção brasileira (25/10/1914)

<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19141025-13092-nac-0004-999-4-not/busca/Chiquinha+Gonzaga>

2) Palcos e circos – Royal Theatro (24/02/1915)

<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19150224-13212-nac-0002-999-2-not/busca/Chiquinha+Gonzaga>

3) Palcos e circos – Theatro S. José (6/3/1915)

<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19150306-13222-nac-0002-999-2-not/busca/Chiquinha+Gonzaga>

Jornal "Folha da Manhã"

4) Theatros e Cinemas – "Jurity" vae sahir do cartaz (16/02/193)

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=27905&keyword=Chiquinha%2CGonzaga&anchor=4649049&origem=busca&pd=9707f66e994463623269f1e-9f425e2ae>

#### Olga Benário Prestes

Jornal "Estado de S. Paulo"

5) As diligências da polícia para encontrar a pista de Prestes (8/3/1936)

<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19360308-20368-nac-0001-999-1-not>

6) O momento político (8/01/1946)

<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19460108-21675-nac-0003-999-3-not>

7) A Filha de Prestes pede cidadania (14/3/1958)

<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19580314-25418-nac-0006-999-6-not>

8) Aleixo responde ao manifesto (27/8/1964)

<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19640827-27408-nac-0005-999-5-not>

Jornal "Folha da Manhã"

- 9) A companhia de Prestes foi novamente inquirida pela policia (20/5/1936)  
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=5336699&pd=60ee1d4f8746578036a5ffe7dc28f9dz>
- 10) Olga Benário Prestes defender-se-á perante a justiça brasileira (29/5/1936)  
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=28614&anchor=4579669&origem=busca&pd=fc64a14cf6a7ef56b2b079334bce3fa>
- 11) Uma questão doutrinária em torno da expulsão de Olga Benário Prestes (30/5/1936)  
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=5337699&pd=94f9b3b6bcbcod1cbb3fa576cdbbc5d74>
- 12) Expulsão de três mulheres extremistas (18/6/1936)  
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=4581696&pd=b69c4210ae336cdoaza64e0da56a3281>
- 13) Deverá chegar hoje ao Rio a Filha de Carlos Prestes (28/10/1945)  
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=196235&pd=d9a21geffaobba9deeee4gedbaod0b43>
- Anita Malfatti**  
 Jornal "O Estadinho"
- 13) Artes e Artistas – A Propósito da Exposição Malfatti (20/12/1917)  
<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo.a-proposito-da-exposicao-malfatti-monteiro-lobato.13042.0.htm>
- Jornal "Folha da Manhã"
- 14) S. Paulo de Há Vinte Anos e a Vida Literária da Cidade a Esse Tempo. Numa Síntese Feliz do sr. Antonio Ferro (26/9/1941)  
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=5081664&pd=c110187523b7b53ed26a77e3c98c6b02>
- 15) Artes Plásticas – X Salão do Sindicato (17/02/1946)  
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=155586&pd=662f3d972a21d72555c5912a02f7b769>

- 16) Morre com Anita um período da pintura (7/11/1964)  
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=1661&anchor=4435855&origem=busca&pd=9249e67bb85e8af69a1cf08b4eeb9318>
- Jornal "O Estado de S. Paulo"
- 17) Artistas de Nossa Terra – Tarsita (por Sergio Millet) (17/6/1943)  
<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19430617-22630-nac-0004-999-4-not>
- 18) Artes e Artistas – Retrospectiva de Anita Malfatti (3/6/1949)  
<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19490603-22713-nac-0006-999-6-not>
- 19) Página Feminina – Crônica (10/6/1949)  
<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19490610-22719-nac-0006-999-6-not>
- 20) A mulher brasileira nas Artes Plásticas (02/10/1959)  
<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19591002-25897-nac-0044-fem-10-not>
- Elis Regina**  
 Jornal "O Estado de S. Paulo"
- 21) Premio para imagem valoriza o melhor som (16/4/1965)  
<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19650416-27604-nac-0046-fem-16-not>
- Jornal "Folha de S. Paulo"
- 22) Como foi a festa do "Roquete" (9/3/1966)  
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=4423806&pd=41e223c8c29e117bd-77cb96327ded9c3>
- 23) Earl Grant quer trazer um teclado de ouro (3/4/1970)  
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=4428522&pd=8a647ccd23a9aa7182eeef091565fc31f>
- 24) Elis cada vez melhor (01/5/1970)  
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=4337338&pd=911252316f28b511a2cf8e25a0a7815>
- 25) Pelé e Elis na França (8/7/1970)

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=4350059&pd=c15ff5b884e19f36b1d-84cb0c600fa87>

Jornal "O Pasquim"

26) Cabóco Mamadô (25/4 a 1/5/1972)

<http://memoria.bn.br/DocReader/124745/4627>

Jornal "Folha de S. Paulo"

27) Elis e Tom, num disco muito especial (17/4/1976)

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=4342824&pd=28bgde31ad207a-819650610661f10fc6>

28) Mais esforços para liberar Mockinpott (9/02/1976)

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=4228938&pd=e3259d18bdc6ee7f9d-c3d4002b1b5f8d>

29) A maternidade, o Aborto e o Casamento (26/02/1981)

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=4179855&pd=6c-c93644bb77e11877a0d70f28dc7c34>

30) Uma carreira repleta de êxitos (20/01/1982)

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=4304223&pd=db97f40fbf9ca8561f-5c7dc00388564c>

## SITES

**Mulher 500.** <http://www.mulher500.org.br>.

**Memórias da ditadura.** <http://memoriasdaditadura.org.br/artistas/elis-regina/>

**Chiquinha Gonzaga.** A Força Feminina Superando Paradigmas. Disponível em: [http://chiquinhagonzaga.com/wp-content/uploads/2016/06/PL\\_16\\_Chiquinha-Gonzaga.pdf](http://chiquinhagonzaga.com/wp-content/uploads/2016/06/PL_16_Chiquinha-Gonzaga.pdf) >. Acesso em: 02 Out. 2018.



# Caderno de Anexos



## SUMÁRIO

TABELA DE MULHERES BRASILEIRAS DO SÉCULO XX	<b>2</b>
CHIGUINHA GONZAGA	<b>8</b>
OLGA BENÁRIO	<b>12</b>
ANITA MALFATTI	<b>25</b>
ELIS REGINA	<b>40</b>

Nome	Profissão	Categoria	Etnia	Classe	Pesquisas	Total de Incidências	Viveu até
Auta de Souza	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Negra	Desconhecida	4	57	1901
Francisca Senhorinha	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	3	2	1910
Ernestina Lesina	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	1	5	1910
Leonor Porto	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	19	1910
Abigail Soares de Souza	Jornalista	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	0	0	1910
Inês Sabino	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	6	2	1911
Orsina da Fonseca	Assistencialista	Política, educação e ativismos	Branca	Alta	1	63	1912
Maria Firmina dos Reis	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Negra	Baixa	26	14	1917
Virgínia de Sousa Sales	Jornalista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	0	1	1918
Anália Franco	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Alta	12	178	1919
Adélia Josefina de Castro Fonseca.	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	0	1	1920
Francisca Júlia da Silva	Jornalista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	0	2	1920
Narcisa Amália	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	4	38	1924
Tia Ciata	Religiosa	Comunicação, arte, esporte e religião	Negra	Baixa	14	154	1924
Eufrásia Teixeira Leite	Filantropa	Política, educação e ativismos	Branca	Alta	6	25	1930
Alda Pereira da Fonseca	Ministra	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	0	2	1930
Francisca Prager Fróes	Médica	Ciência, pesquisa, academia e capacitação	Branca	Alta	2	0	1931
Adélia de Oliveira Rosa	Jornalista	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	0	1	1932
Albertina Correia Lima	Advogada	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	0	0	1932
Elvira Komei	Advogada	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	4	1932
Evelina Arruda Pereira	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	3	1932
Fanny Whately	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Alta	0	13	1932
Isabel Gondim	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	1	2	1933
Alicina Leite Pindahyba	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	0	0	1934
Júlia Lopes de Almeida	Dramaturga	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	46	257	1934
Olívia Guedes Penteadó	Pintora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	0	568	1934
Maria Teresa Nogueira de Azev.	Deputada	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	10	1934
Andradina de Oliveira	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	4	9	1935
Chiquinha Gonzaga	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Negra	Alta	29	1403	1935
Francisca Clotilde	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	7	4	1935
Leolinda Daltró	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Alta	4	7	1935

Nome	Profissão	Categoria	Etnia	Classe	Pesquisas	Folha	Estado	Total de Incidên.	Viveu até
Maria José de Castro Rebello M.	Diplomata	Política, educação e ativismos	Branca	Alta	0	0	0	0	1936
Mãe Aninha (Eugênia Anna S.)	Religiosa	Comunicação, arte, esporte e religião	Negra	Baixa	2	6	9	15	1938
Maria Bonita	Militante	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Baixa	6 ?	?		0	1938
Alice Lins de Azevedo	Militante	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	0	0	0	0	1940
Olga de Paiva Meira	Militante	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	0	38	32	70	1940
Nicolina Vaz de Assis	Artista Plástica	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	1	5	16	21	1941
Adelaide Câmara	Religiosa	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	0	0	1	1	1944
Adília de Albuquerque Moraes	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	1	0	0	0	1942
<b>Olga Benário Prestes</b>	<b>Militante</b>	<b>Política, educação e ativismos</b>	<b>Branca</b>	<b>Alta</b>	<b>7</b>	<b>27</b>	<b>304</b>	<b>331</b>	<b>1942</b>
Júlia Alves Barbosa	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	3	0	3	1943
Alba Cánizares do Nascimento	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	0	2	0	2	1944
Prescilliana Duarte de Almeida	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	1	5	21	26	1944
Revocata Heloisa de Melo	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	1	0	1	1	1944
Natércia da Silveira	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	4	28	32	1945
Maria Lacerda de Moura	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	11	32	15	47	1945
Nhanhã do Couto	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	1	0	0	0	1945
Amélia de Freitas Beviláqua	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	0	1	5	6	1946
Elvira Pinho	Militante	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	0	0	3	3	1946
Laurinda Santos Lobo	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	1	9	25	34	1946
Maria Augusta Generoso Estrela	Médica	Ciência, pesquisa, academia e capacit.	Branca	Desconhecida	0	1	4	5	1946
Odila Schmidt	Vereadora	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	1	3	4	1947
Amélia de Resende Martins	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	0	5	2	7	1948
Eugênia Álvaro Moreyra	Atriz	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	0	3	12	15	1948
Júlia Cortines	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	3	1	4	5	1948
Aláide Borba	Militante	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	0	8	23	31	1950
Alice Tibiriça	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	1	36	7	43	1950
Judith Arêas	Enfermeira	Ciência, pesquisa, academia e capacit.	Desconhecida	Desconhecida	0	0	1	1	1950

Mulher	Profissão	Categoria	Etnia	Classe	Pesquisas	Folha	Estadão	Total de Incidências	Viveu até
Itália Fausta	Atriz	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	2	409	661	1070	1951
Cármem Santos	Cineasta	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	2	118	259	377	1952
Antonietta de Barros	Deputada	Política, educação e ativismos	Negra	Baixa	4	32	21	53	1952
Ermelinda Vasconcelos	Médica	Ciência, pesquisa, academia e capacitação	Branca	Alta	0	0	0	0	1952
Amélia de Mesquita	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	2	5	12	17	1954
Lúcia Miguel Pereira	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	29	108	405	513	1959
Mãe Luzia	Religiosa	Comunicação, arte, esporte e religião	Negra	Baixa	17	7	47	54	1954
Marij Pereira Soares	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	27	12	39	1954
Rita Lobato	Médica	Ciência, pesquisa, academia e capacitação	Branca	Alta	0	5	11	16	1954
Vera Janacópulos	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	2	21	111	132	1955
Rosália Sandoval	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	1	2	1	3	1956
Edwiges de Sá Pereira	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	0	0	1	1	1958
Dolores Duran	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	9	482	613	1095	1959
Gina Araújo	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	0	0	3	3	1960
Valentina Biosca	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	0	0	2	2	1960
Georgina de Albuquerque	Pintora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	5	48	100	148	1962
Liddy Mignone	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	1	0	2	2	1962
Patrícia Galvão	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	47	109	407	516	1962
Alzira Soriano	Prefeita	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	4	3	3	6	1963
Elisa Kauffmann Abramovich	Vereadora	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	4	7	11	1963
Pérola Byington	Assistencialista	Política, educação e ativismos	Branca	Alta	30	370	740	1110	1963
Anita Malfatti	Pintora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	14	248	1.400	1.648	1964
Branca Fialho	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	14	17	31	1965
Diva Nolf Nazário	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Alta	1	0	6	6	1966
Lucília Guimarães	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	0	8	7	15	1966
Ana Nogueira Batista	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	1	0	1	1	1967
Lila Ripoli	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	7	1	5	6	1967
Lota de Macedo Soares	Arquiteta	Ciência, pesquisa, academia e capacitação	Branca	Alta	2	2	171	173	1967
Luz del Fuego	Dançarina	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	1	48	116	164	1967
Mãe Senhora	Religiosa	Comunicação, arte, esporte e religião	Negra	Baixa	1	3	9	12	1967
Alice Afra de Carvalho	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	0	0	0	0	1968
Darci Sarmanho Vargas	Assistencialista	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	3	99	230	329	1968
Sofia Jobim	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Alta	1	1	1	2	1968
Cacilda Becker	Atriz	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	3	57	400	457	1969
Eunice Weaver	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Alta	3	44	91	135	1969

Mulher	Profissão	Categoria	Etnia	Classe	Pesquisas	Folha	Estadão	Total de Incidências	Viveu até
Adaíza Bittencourt	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	0	10	6	16	1970
Iara Iavelberg	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	2	80	152	232	1971
Adalgisa Néry	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	10	50	84	134	1970
Adriana Janacópulos	Artista Plástica	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	1	0	9	9	1970
Aida Garrido	Atriz	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	1	499	314	813	1970
Armanda Álvaro Alberto	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	7	3	4	7	1974
Ana Amélia Queiros Carneiro de Mendonça	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	0	9	8	17	1970
Argentina Maciel	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	0	1	4	5	1970
Carolina Maria de Jesus	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Negra	Baixa	64	78	140	218	1970
Clarice Lispector	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	842	436	934	1.370	1970
Cleo de Verbena	Atriz	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	1	3	8	11	1970
Djanira da Motta e Silva	Artista Plástica	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	3	4	71	75	1970
Dalva de Oliveira	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	5	386	628	1014	1970
Eneida de Moraes	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	5	8	15	23	1970
Gilda de Abreu	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	2	119	142	261	1970
Esther Sciliar	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	7	9	15	24	1970
Gilka Machado	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	18	22	36	58	1970
Glauce Rocha	Atriz	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	2	294	464	758	1970
Guiomar Novaes	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	1	200	435	635	1970
Haydée Nicolussi	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	0	0	12	12	1970
Helena Morley	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	12	29	56	85	1970
Joanídia Sodré	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	1	9	16	25	1970
Lia Torá	Atriz	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	0	73	26	99	1970
Leila Diniz	Atriz	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	10	480	1.141	1621	1970
Maria Auxiliadora Silva	Artista Plástica	Comunicação, arte, esporte e religião	Negra	Desconhecida	0	21	62	83	1970
Maria do Santíssimo	Artista Plástica	Comunicação, arte, esporte e religião	Negra	Desconhecida	0	0	0	0	1970
Maria Martins	Artista Plástica	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	52	6	9	15	1970
Maisa	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	0	19	17	36	1970
Paulina D'Ambrosio	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	2	1	0	1	1970
Rosalina Coelho Lisboa	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	1	43	25	68	1970
Selma do Coco	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Negra	Baixa	0	16	56	72	1970
Zuzu Angel	Estilista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	8	311	584	895	1970
Ana Maria Couto	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Alta	1	2	1	3	1970
Celina Guimarães Viana	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Alta	0	0	2	2	1970
Dinalva Oliveira Teixeira	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Baixa	0	6	8	14	1970
Gastone Lúcia Beltrão	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	1	2	3	1970
Gerosina Silva Pereira	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	2	3	5	1970
Heleny Guariba	Militante	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	1	84	64	148	1970

Helenira Rezende	Militante	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	0	10	4	14	1970
Ieda Santos Delgado	Militante	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	0	3	1	4	1970
Maria Augusta Thomaz	Militante	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	1	12	8	20	1970
Maria Auxiliadora Lara Barcelos	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	1	8	8	16	1970
Maria Célia Corrêa	Militante	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	0	7	5	12	1970
Maria de Miranda Leão	Deputada	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	0	1	2	3	1976
Maria Lúcia Petit	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	16	27	43	1970
Maria Regina Lobo	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	3	1	4	1970
Maria Regina Marcondes Pinto	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	13	6	19	1970
Maria Zélia Mota	Deputada	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	0	2	0	2	1970
Marlene Villas-Boas	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Média	0	2	1	3	1970
Miriam Lopes Verbena	Militante	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	0	4	1	5	1970
Ranúsia Alves Rodrigues	Militante	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	0	2	1	3	1970
Santa Dica	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Baixa	4	16	25	41	1970
Stella Guerra Duval	Assencialista	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	1	1	2	1970
Sônia de Moares Angel	Militante	Política, educação e ativismos	Branca	Desconhecida	0	3	0	3	1970
Telma Regina Cordeiro Correa	Militante	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	0	2	1	3	1970
Anfrisia Santiago	Historiadora	Ciência, pesquisa, academia e capacitação	Desconhecida	Desconhecida	4	1	4	5	1970
Bertha Lutz	Médica	Ciência, pesquisa, academia e capacitação	Branca	Alta	20	113	138	251	1970
Helena Antipoff	Psicóloga	Ciência, pesquisa, academia e capacitação	Branca	Desconhecida	50	41	40	81	1970
Helôisa Alberto Torres	Antropóloga	Ciência, pesquisa, academia e capacitação	Branca	Desconhecida	6	13	31	44	1970
Jerônimo Mesquita	Enfermeira	Ciência, pesquisa, academia e capacitação	Branca	Desconhecida	0	24	7	31	1970
Olimpia de Araújo Camerino	Enfermeira	Ciência, pesquisa, academia e capacitação	Desconhecida	Desconhecida	0	1	2	3	1970
Dinorá de Carvalho	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	3	96	150	246	1980
Lyda Monteiro da Silva	Advogada	Política, educação e ativismos	Desconhecida	Desconhecida	1	8	59	67	1980
Carolina Nabuco	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	2	40	58	98	1981
Abigail Maia	Atriz	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	0	236	80	316	1981
Nair de Teffé	Artista Plástica	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	0	9	33	42	1981
Diná Silveira de Queirós	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	1	83	10	93	1982
Elis Regina	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	155	1.353	1.445	2.798	1982
Carlota Pereira de Queirós	Deputada	Política, educação e ativismos	Branca	Alta	1	37	36	73	1982
Amélia Brandão	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	0	22	27	49	1983
Ana Cristina Cesar	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	84	125	208	333	1983
Clara Nunes	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	11	1.380	1.057	2.437	1983
Condessa Pereira Carneiro	Empresária	Capital e Investimentos	Branca	Alta	0	38	41	79	1983
Janete Clair	Atriz	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	6	502	503	1005	1983
Margarida Maria Alves	Militante	Política, educação e ativismos	Indígena	Baixa	11	17	50	67	1983
Jenny Pimentel de Borba	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	1	4	1	5	1984
Laura Alvim	Produtora Cultural	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	1	59	165	224	1984

Oneyda Alvarenga	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	12	59	193	252	1984
Ivete Vargas	Deputada	Política, educação e ativismos	Branca	Alta	2	842	1.258	2.100	1984
Aracy Cortes	Atriz	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	0	19	50	69	1985
Arminda Villa-lobos	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	0	10	26	36	1985
Carmen da Silva	Psicóloga	Ciência, pesquisa, academia e capacitação	Branca	Desconhecida	9	106	329	435	1985
Cora Coralina	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	61	258	580	838	1985
Henriqueta Lisboa	Escritora	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	25	88	155	243	1985
Magdalena Tgliarferro	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	3	136	287	423	1986
Mãe Menininha	Religiosa	Comunicação, arte, esporte e religião	Negra	Baixa	2	103	121	224	1986
Magda Tgliarferro	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	0	145	814	959	1986
Ada Rogato	Piloto	Ciência, pesquisa, academia e capacitação	Branca	Alta	20	115	182	297	1986
Thereza di Marzo	Piloto	Ciência, pesquisa, academia e capacitação	Branca	Alta	0	7	6	13	1986
Clementina de Jesus	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Negra	Baixa	4	525	582	1107	1987
Aracy de Almeida	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Desconhecida	Desconhecida	4	190	185	375	1988
Linda Batista	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	2	231	160	391	1988
Lygia Clark	Artista Plástica	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	92	826	1.478	2304	1988
Mira Schendel	Artista Plástica	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	28	641	1.085	1726	1988
Dina Sfat	Atriz	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	2	293	1.916	2209	1989
Hermínia de Mello Nogueira Borges	Fotógrafa	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	0	1	1	2	1989
Nara Leão	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	11	725	1.297	2022	1989
Elisete Cardoso	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Negra	Desconhecida	0	85	166	251	1990
Eunice Katunda	Musicista	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Desconhecida	5	12	31	43	1990
Henriette Morineau	Atriz	Comunicação, arte, esporte e religião	Branca	Alta	1	154	179	333	1990
Rosely Roth	Antropóloga	Ciência, pesquisa, academia e capacitação	Desconhecida	Desconhecida	0	6	4	10	1990

O ESTADO DE S. PAULO - Domingo, 25 de Outubro de 1914

Table with financial data, including exchange rates and market prices for various goods like flour, oil, and sugar.

Table titled 'MERCADOS ESTRANGEIROS' showing market prices for commodities like coffee, sugar, and other goods from foreign markets.

Table titled 'ESTADÍSTICA DE CAFÉ' providing statistical data on coffee production and trade in São Paulo.

Table titled 'MERCADO DE CÂMBIO' showing exchange rates for various international currencies.

Table titled 'MERCADO DE CÂMBIO' (continued) with further exchange rate data and market indicators.

Table titled 'MERCADO DE CÂMBIO' (continued) with additional exchange rate information.

Table titled 'MERCADO DE CÂMBIO' (continued) with final exchange rate data.

Os Estados Unidos se foram... A situação europeia... A representação no Brasil...

O QUE HA DE NOVO

Variação em torno do Ministério... O Pátrio - Um dos seus colaboradores...

ARTIGOS PARA PRESENTES

de fantasia e de utilidade... Visitas a nova instalação de casa...

NOTAS E INFORMAÇÕES

Relatório mensal... Notícias de Santos... Notícias de São Paulo...

ECOS DA GUERRA

Resumo: Os artigos de Paul... A situação europeia...

CARNET DO ESTADO

Passos atuais... Notícias de Santos...

Artes e Artistas

Um campo artístico... Notícias de Santos...

Jornais do Rio

Journal de Commercio - São Alvarado... Notícias de Santos...

Artes e Artistas

Um campo artístico... Notícias de Santos...

A situação europeia... A representação no Brasil...

ARTIGOS PARA PRESENTES

de fantasia e de utilidade... Visitas a nova instalação de casa...

NOTAS E INFORMAÇÕES

Relatório mensal... Notícias de Santos... Notícias de São Paulo...

ECOS DA GUERRA

Resumo: Os artigos de Paul... A situação europeia...

CARNET DO ESTADO

Passos atuais... Notícias de Santos...

Artes e Artistas

Um campo artístico... Notícias de Santos...

Jornais do Rio

Journal de Commercio - São Alvarado... Notícias de Santos...

Artes e Artistas

Um campo artístico... Notícias de Santos...

Jornais do Rio

Journal de Commercio - São Alvarado... Notícias de Santos...

Artes e Artistas

Um campo artístico... Notícias de Santos...

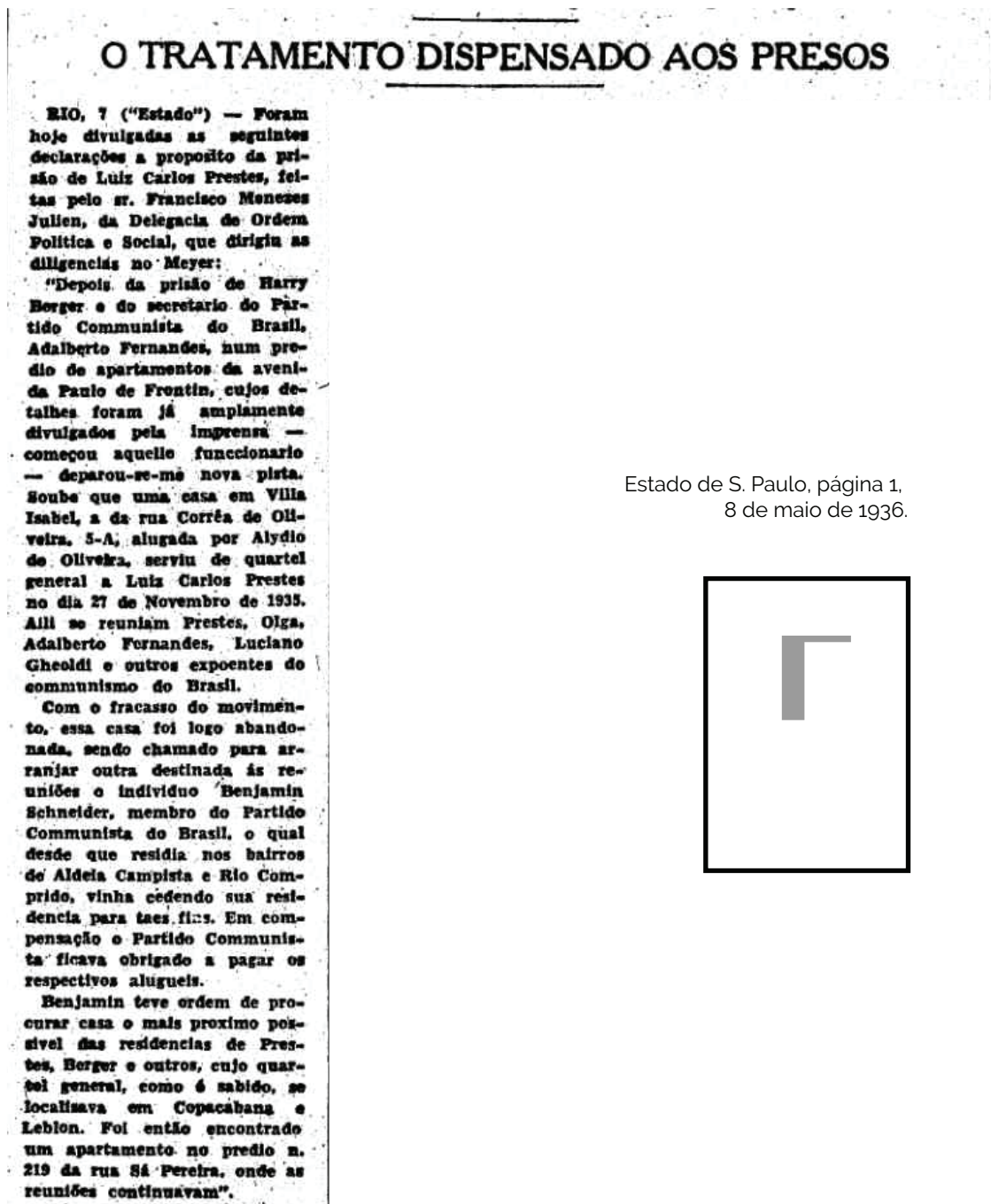




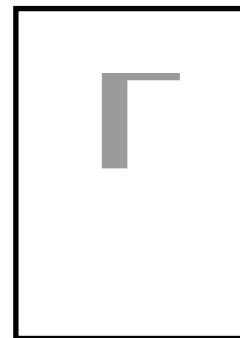




Figura 7:



Estado de S. Paulo, página 1,  
8 de maio de 1936.



## O TRATAMENTO DISPENSADO AOS PRESOS

Rio, 7 ("Estado") - Foram hoje divulgadas as seguintes declarações a propósito da prisão de Luiz Carlos Prestes, feitas pelo sr. Francisco Menezes Julien, da Delegacia de Ordem Política e Social, que dirigia as diligências no Meyer:

"Depois da prisão de Harry Berger e do secretário do Partido Comunista do Brasil, Adalberto Fernandes, num prédio de apartamentos da avenida Paulo de Frontin, cujos detalhes foram já amplamente divulgados pela imprensa - começou aquele funcionário - deparou-se-me nova pista. Soube que uma casa em Villa Isabel, a da rua Corrêa de Oliveira, 5-A, alugada por Alydio de Oliveira, serviu de quartel general a Luiz Carlos Prestes no dia 27 de Novembro de 1935. Allí se reuniam Prestes, Olga, Adalberto Fernandes, Luciano Gheoldi e outros expoentes do comunismo do Brasil.

Com o fracasso do movimento, essa casa foi logo abandonada, sendo chamado para arranjar outra destinada ás reuniões o individuo Benjamin Schneider, membro do Partido Comunista do Brasil, o qual desde que residia nos bairros de Aldeia Campista e Rio Comprido, vinha cedendo sua residencia para taes fins. Em compensação o Partido Comunista ficava obrigado a pagar os respectivos alugueis.

Benjamin teve ordem de procurar casa o mais proximo possível das residencias de Prestes, Berger e outros, cujo quartel general, como é sabido, se localizava em Copacabana e Leblon. Foi então encontrado um apartamento no prédio n. 219 da rua Sá Pereira, onde as reuniões continuavam".

de lado de fora do prédio; surprehendeu-se porque o aviso que recebeu de que Gheoldi era ali, o argentino conseguia sempre fugir aos vigilantes.

Embora ignorasse ella que estava sendo observado, elle sa- va de um "truco" muito habil para despistar: encostava-se a um poste, como quem espera um homem. Quando approximava-se para um estabelecimento junto d'elle um electrico e um automovel de praça, Gheoldi, evidentemente, tomava nota e desaparecia. E' claro que era vigilante, não estando preparado para isso, via-o desaparecer sem poder segui-lo.

Quatro dias depois, ás 23 horas, fui chamado ao telephono, um dos agentes communicava-me que algo se preparava porque a senhora Gheoldi arrumava as malas, mandava voltar á pensão, continuava a vigilancia e voltava á chefatura. Pela manhã, nova telephônica: "O casal vossu..."

Não deveria de forma alguma perder Gheoldi de vista porque sabia antes que elle era estreitamente ligado a um americano, tanto este como Gheoldi conduzia-se furtivamente a Luiz Carlos Prestes.

Era provavel que o casal tivesse tomado um taxi ao lado, ponto de automoveis de praça. A' custa de posturas investigativas chegou-se ao numero do taxi. Um agente foi á procura do "chauffeur". Entretanto, informaram-me na pensão que Gheoldi, alli morava com o nome de Luciano de Crebemat. O "chauffeur", desobedeceu ao pedido de Santo Antonio, e levou á pressa de capitão Miranda Costa, doutor, que detinha o taxi na estação D. Pedro II. Gheoldi e a mulher tomaram um taxi para P. Paulo. Para descobrir o numero do taxi: tomei um aviso multilíngue; é o alfabeto do alfabeto militar. A Atroceção de Aviação Militar permite que um dos agentes siga com o secundário que largou ás 14 horas com destino a São Paulo para tomar parte na festa de Aviação que alli se celebrava. Entre 12 horas e 15 minutos, tomamos um automovel, rumo ao Campo das Artífices. Na rua 24 de Maio o vehiculo offre uma "pana". Tomamos um taxi e, ao aproximarmos do campo, vemos a esquadrilla flutuar no espaço e desaparecer no horizonte. Mas, com o coronel Eduardo Gomes na Escola de Aviação Militar, arranjamos um aparelho "Waco" e, que era o principal — um piloto. E o agente embarcou.

Antes disso, do gabinete do capitão Miranda Costa, pedimos em comunicação com o dr. Leão de Barros, secretario da Segurança Pública de São Paulo, pedindo a prisão dos fugitivos e dando dellea minuciosa descrição. Quando o agente chegou á estação de Norte para prender Gheoldi e a mulher, estes já tinham sido presos pela policia paulista.

No dia seguinte o casal argentino encontrava-se no Rio, em nossa mão. Dos successos investigatorios a que Gheoldi e a mulher foram submetidos, obteve-se a confirmação de que um cidadão americano era o agente de Prestes, e a pista, avenida Atlantica, n. 270 — Barro... Procurando nos endereços conhecidos e nome de Victor Allan Barro, encarregado de radio da S. a Intendência, alli registado. Mas havia 12 tres meses que elle se mudara..."

**A PRISÃO DE SCHNEIDER E DO CASAL GHEOLDI**

"Por dois amigos meus que me ajudavam nas investigações, — continuei o sr. F. Julien — soube que um casal estrangeiro se mudara recentemente para a rua Sá Pereira. Um delles procedeu ao levantamento geral dos moradores daquela rua e apurou que o apartamento n. 4 do prédio n. 219 fora recentemente alugado por Schneider.

Prendi Schneider e apresentando-lhe as photographias de Prestes, Berger, Olga, etc., perguntei-lhe se os conhecia. Respondeu serem pessoas que frequentavam sua casa, ignorando, porém, seus nomes, bem como estar impossibilitado de fornecer qualquer indicação capaz de pôr a policia na pista dos mesmos.

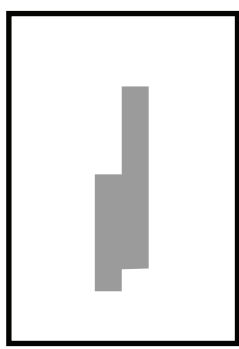
Outro agente da ordem social informou-me mais tarde que, certa vez, altas horas da noite, um individuo desconhecido entrara no edificio "Ceará", onde ficou. Não dei importancia ao facto, pois um agente soubera que na casa n. 75 da rua Nossa Senhora de Copacabana residia um casal de nacionalidade argentina, cujas attitudes suspeitas lhe despertaram a atenção. O homem sahia frequentes vezes do dia e á noite, e ficava longas horas escrevendo a machina.

Verificado que o quartel general de Prestes era no Leblon e Copacabana, toda a vigilancia alli se concentrou. A presença de qualquer estrangeiro era-me logo comunicada.

Recorri então que outro meu amigo, novato em materia de policia, fosse realizar nessa casa, que era uma pensão. Com muitas dificuldades conseguiu elle esse intento, porque devido á temporada de verão, este anno bastante concorrida, não havia alli quartos para alugar. Afinal arranjaram-lhe um, no prédio. Daí elle observava o casal que escrevia uma mala de frança. Deu-me, porém, tornava-se a vigilancia muito difficil e tanto elle fez que acabou por conseguir um quarto bem ao lado. Foi mais ainda: dias depois, ao effectuar minha inspecção habitual, encontré-o na rua paralisado, extremamente, no lado da sala que dá para a rua, com o casal suspenso.

Constatado determinei que outro agente encerrasse vigilancia

Estado de S. Paulo, página 1, 8 de maio de 1936.



**APRISÃO DE SCHNEIDER E DO CASAL GHEOLDI**

"Por dois amigos meus que me ajudavam nas investigações, - continuou o sr. F. Julien - soube que um casal estrangeiro se mudara recentemente para a rua Sá Pereira. Um delles procedeu ao levantamento geral dos moradores daquela rua e apurou que o apartamento n. 4 do prédio n. 219 fora recentemente alugado por Schneider.

Prendi Schneider e apresentando-lhe as photographias de Prestes, Berger, Olga, etc., perguntei-lhe se os conhecia. Respondeu serem pessoas que frequentavam sua casa, ignorando, porém, seus nomes, bem como estar impossibilitado de fornecer qualquer indicação capaz de pôr a policia na pista dos mesmos.

Outro agente da ordem social informou-me mais tarde que, certa vez, altas horas da noite, um individuo desconhecido entrara no edificio "Ceará", onde ficou. Não dei importancia ao facto, por um agente soubera que na casa n. 75 da rua Nossa Senhora de Copacabana residia um casal de nacionalidade argentina, cujas attitudes suspeitas lhe despertaram a atenção. O homem sahia frequentes vezes do dia e á noite, e ficava longas horas escrevendo a machina.

Verificando que o quartel general de Prestes era no Leblon e Copacabana, toda a vigilancia alli se concentrou. A presença de qualquer estrangeiro era-me logo comunicada.

(.)

Figura 9:

#### A PRISÃO DE BARON

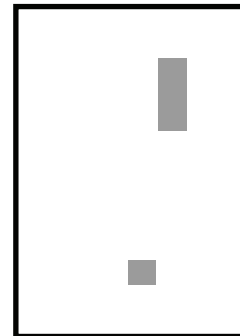
"Disseram-me que Baron viajara para o interior — prossegue o sr. Francisco Julien — mas eu encontrei um morador da casa indicada que me afirmou tel-o visto tres dias antes saltar de um omnibus em frente ao edificio "Guarujá". Minhas investigações convergiram para esse local. Lembrei-me do que o agente

me dissera, havia tempo, a respeito do desconhecido que entrara alta noite no edificio "Ceará". Indagando, apurei que também alli residia Baron, possuidor de um automovel que era guardado na garage do edificio "Imperio".

O dono do edificio "Imperio", porém, conhecia Baron e declarou que, possivelmente, este estivesse residindo numa pensão americana da rua Nossa Senhora de Copacabana. Telephonei para lá e obtive resposta confirmativa. Victor Alinn Rosa alli se hospedava. Minutos depois prendia-o.

Apurei positivamente que Baron era pessoa da absoluta confiança de Luiz Carlos Prestes e fôra trazido ao Brasil pelo belga Leon Vallet, que já se encontrava preso. Seu carro ia frequentemente até o palacete da rua Nossa Senhora de Copacabana, n. 264. Para que? O palacete era grande. Feito para familia numerosa e só tinha um homem por morador. Uma batida no predio foi planejada. A's 2 horas da madrugada o palacete estava cercado. A's 5, invadido. Mas, dentro, ninguem! Na vespera, informaram, o auto n. 15.186, (o de Baron) transportára seus moradores, um casal, cuja descripção era o de Olga e Prestes, para o Meyer."

Estado de S. Paulo, página 1,  
8 de maio de 1936.



#### A PRISÃO DE BARON

"Disseram-me que Baron viajara para o interior - prossegue o sr. Francisco Julien - mas eu encontrei um morador da casa indicada que me afirmou tel-o visto tres dias antes saltar de um omnibus em frente ao edificio "Guarujá". Minhas investigações convergiram para esse local. Lembrei-me do que o agente me dissera, havia tempo, a respeito do desconhecido que entrara alta noite ao edificio "Ceará". Indagado, apurei que também alli residia Baron, possuidor de um automovel que era guardado na garage do edificio "Imperio".

O dono do edificio "Imperio", porém, conhecia Baron e declarou que, possivelmente este estivesse residindo numa pensao americana da rua Nossa Senhora de Copacabana. Telephonei para lá e obtive resposta confirmativa. Victor Alinn Rosa alli se hospedava. Minutos depois prendia-o.

Apurei positivamente que Baron era pessoa da absoluta confiança de Luiz Carlos Prestes e fôra trazido ao Brasil pelo belfa Leon Vallet, que já se encontrava preso. Seu carro ia frequentemente até o palacete da rua Nossa Senhora de Copacabana, n. 264. Para que? O palacete era grande. Feito para familia numerosa e só tinha um homem por morador. Uma batida no predio foi planejada. A's 2 horas da madrugada o palacete estava cercado. A's 5, invadido. Mas, dentro, ninguém! Na vespera, informaram-me o auto n. 15.186, (o de Baron) transportára seus moradores, um casal, cuja descrição era o de Olga e Prestes, para o Meyer."

**PRESTES, FINALMENTE!**

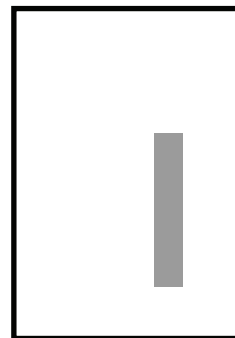
"Com a autorização dos capitães Felinto Muller e Miranda Corrêa, solicitei do capitão Riograndino Krueel, e delle obtive, 29 policiaes especiaes postos á minha disposição chefiados pelo chefe do grupo Galvão. No dia 29 de Janeiro ultimo iniciei o cerco do bairro de Meyer, onde deviam estar homisiados Luis Carlos Prestes e Olga. Seguiram-se dias e dias de investigações fatigantes, effectuadas pelos policiaes que foram divididos pela zona marcada na carta já publicada. Emquanto isso, Baron era submetido a interrogatorios intensivos que tinham por fim cansal-o e fazel-o cahir em contradicções. Afinal, elle chegou a confessar que deixára Prestes e Olga no Jardim do Meyer. Não podia ser, repliquei. Aquelle local é muito movimentado e elles não se sujeitariam a serem reconhecidos por qualquer transeunte. Aniquilado declarou emfim que os deixára no fim da linha de bondes Cachamby, numa rua de nome Norio ou Orion. Não sabia pronunciar.

Consultei a carta do bairro e encontrei no local indicado uma rua chamada Honorio, localizada no quadrado n. 17, justamente o ultimo da zona cercada. Estudei a situação do terreno. Confrontei-o com o mappa do cerco e fiz a distribuição do pessoal que recebeu ordens severas de não deixar ninguém entrar e sahir dali sem ser identificado. A's 4 horas de ante-hontem estava fechado o cerco. Combinei então, conforme autorização do capitão Miranda Corrêa, voltar ás 7 horas com mais duas turmas de 4 homens com a missão de effectuar busca em todas as casas.

Ficou tambem combinado que um tiro seria o signal que annunciaria a descoberta de Prestes; a um segundo tiro deveriam todos convergir em massa para o ponto de onde partisse o primeiro disparo. Eram 7 horas quando chegaram proximos á casa de Carlos Prestes as duas turmas, compostas do chefe Galvão, Paulo Brasil, Loloti e mais 5 policiaes especiaes.

Uma seguiu pelo lado esquerdo da rua, chefiada por Brasil; a outra, pelo lado direito, chefiada por Galvão. Eu fiquei no entroncamento das ruas Cachamby e Honorio de onde podia observar todo o desenrolar da acção. Descoberta a casa de Prestes, foi dado o primeiro tiro. Disparei eu a seguir e 53 homens precipitaram-se, admiravelmente disciplinados, para o refugio do chefe do comunismo nacional. O resto já é do dominio publico, terminou Julien."

Estado de S. Paulo, página 1,  
8 de maio de 1936.



**PRESTES FINALMENTE!**

"Com a autorização dos capitães Felinto Muller e Miranda Corrêa, solicitei do capitão Riograndino Krueel, e delle obtive, 29 policiaes especiaes postos á minha disposição chefiados pelo chefe do grupo Galvão. No dia 29 de janeiro ultimo iniciei o cerco do bairro de Meyer, onde deviam estar homisiados Luis Carlos Prestes e Olga. Seguiram-se dias e dias de investigação fatigantes, effectuadas pelos policiaes que foram divididos pela zona marcada na carta já publicada. Emquanto isso, Baron era submetido a interrogatorios intensivos que tinham por fim cansal-o e fazel-o cahir em contradicções. Afinal, elle chegou a confessar que deixára Prestes e Olga no Jardim do Meyer. Não podia ser, repliquei. Aquelle local é muito movimentado e elles não se sujeitariam a serem reconhecidos por qualquer transeunte. Aniquilado declarou emfim que os deixára no fim da linha de bondes Cachamby, numa rua de nome Norio ou Orion. Não sabia pronunciar.

Consultei a carta do bairro e encontrei no local indicado uma rua chamada Honorio, localizada no quadrado n.17, justamente o ultimo da zona cercada. Estudei a situação do terreno. Confrontei-o com o mappa do cerco e fiz a distribuição do pessoal que recebeu ordens severas de não deixar ninguém entrar e sahir dali sem ser identificado. A's 4 horas de ante-hontem estava fechado o cerco. Combinei então, conforme autorização do capitão Miranda Corrêa, voltar ás 7 horas com mais duas turmas de 4 homens com a missão de effectuar busca em todas as casas. (...)



**OLGA BENÁRIO PRESTES DEFENDER-SE-A PERANTE A JUSTIÇA BRASILEIRA**

A companheira do chefe comunista brasileiro solicitou a indicação de um advogado para tratar de sua causa no processo de expulsão em que está incurra

Atendendo a seu convite e a pedido de Olga Benário, a advogada brasileira, solicitou a indicação de um advogado para tratar de sua causa no processo de expulsão em que está incurra. A advogada brasileira, solicitou a indicação de um advogado para tratar de sua causa no processo de expulsão em que está incurra.

**NOVO INCIDENTE POLITICO NO MUNICIPIO GACCHO DE SOLEDADE**

O prefeito municipal morto a tiros num duelo que travou com um ex-tenente

FORNO ALZODRE, 28 (H) — Telegrafamos de Foz de Iguaçu, Paraná, que o prefeito municipal, Sr. Manoel de Deus, foi morto a tiros num duelo que travou com um ex-tenente. O prefeito municipal, Sr. Manoel de Deus, foi morto a tiros num duelo que travou com um ex-tenente.

**Interpelação ao ministro da Justiça sobre a situação dos extremistas de Natal**

Um pedido de informações formulado pelo deputado Café Filho

RIO, 28 (H) — O deputado Café Filho interpelou o ministro da Justiça sobre a situação dos extremistas de Natal. O deputado Café Filho interpelou o ministro da Justiça sobre a situação dos extremistas de Natal.

**A DATA DA INDEPENDENCIA ARGENTINA**

Telegrammas trocados entre os presidentes Getúlio Vargas e Agustín Justo

RIO, 28 (H) — O presidente Getúlio Vargas trocou telegrammas com o presidente argentino, Sr. Agustín Justo, sobre a data da independência argentina. O presidente Getúlio Vargas trocou telegrammas com o presidente argentino, Sr. Agustín Justo, sobre a data da independência argentina.

**Consequências do inquérito sobre o uso de automotivos oficiais da Prefeitura carioca**

RIO, 28 (H) — O inquérito sobre o uso de automotivos oficiais da Prefeitura carioca está produzindo consequências. O inquérito sobre o uso de automotivos oficiais da Prefeitura carioca está produzindo consequências.

**Violência explôs em uma fábrica de fegos em São João do Merit**

RIO, 28 (H) — Uma explosão violenta explôs em uma fábrica de fegos em São João do Merit. Uma explosão violenta explôs em uma fábrica de fegos em São João do Merit.

**O Brasil no Congresso de Ciências Administrativas de Varsóvia**

BRASILEIROS PARTICIPAM DO CONGRESSO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS DE VARSÓVIA. O Brasil participou do Congresso de Ciências Administrativas de Varsóvia.

**Instalado em Buenos Aires um escritório brasileiro de propaganda e informações**

RIO, 28 (H) — Foi organizado em Buenos Aires um escritório brasileiro de propaganda e informações. Foi organizado em Buenos Aires um escritório brasileiro de propaganda e informações.

**DO EXTERIOR**

**O DOMINIO DO JAPÃO NO NORTE DA CHINA**

Occupados por tropas japonesas os novos quartéis construídos nos arredores de Tientsin

**O COMBATE AOS ELEMENTOS SUBVERSIVOS NA VENEZUELA**

O general Lopes Contreras declara-se disposto, se for necessário, a assumir poderes ditatoriais

**O ACCÓRDIO COMMERCIAL ITALO-BRASILEIRO**

As negociações iniciadas em Roma proseguirão no Rio de Janeiro

**EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE PRODUTOS BRASILEIROS EM BERLIM**

Berlim, 28 (H) — O escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil e o comitê permanente de produtos brasileiros estão inaugurados no dia 5 de Junho, nesta Capital. O escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil e o comitê permanente de produtos brasileiros estão inaugurados no dia 5 de Junho, nesta Capital.

**CONDEMNADO A MÓRRER NA CADEIRA ELÉCTRICA**

Como a policia novayorquina conseguiu desvendar um crime considerado dos mais perigosos praticados ultimamente

NOVA YORK, 28 (U. P.) — Um homem foi condenado a morrer na cadeira eléctrica por um crime considerado dos mais perigosos praticados ultimamente. Um homem foi condenado a morrer na cadeira eléctrica por um crime considerado dos mais perigosos praticados ultimamente.

**Ecce do assassinio do tenente Hugo Barbani**

DELEGADO PELA CORTE DE APPELAÇÃO DE SÃO PAULO, DR. HUGO BARBANI, FOI MORTO POR UM ASSASSINO

RIO, 28 (H) — A Corte de Apelação de São Paulo julgou o caso do assassinio do tenente Hugo Barbani. A Corte de Apelação de São Paulo julgou o caso do assassinio do tenente Hugo Barbani.

**Falécem ontem o presidente da S. A. "A Noite" do Rio**

RIO, 28 (H) — O presidente da S. A. "A Noite" do Rio faleceu ontem. O presidente da S. A. "A Noite" do Rio faleceu ontem.

**Modificações no regulamento de policia carioca**

RIO, 28 (H) — O governador do Estado do Rio de Janeiro assinou o regulamento de policia carioca. O governador do Estado do Rio de Janeiro assinou o regulamento de policia carioca.

**As comemorações na Checoslováquia pelo aniversário do presidente da Republica**

PRAGA, 28 (H) — O aniversário do presidente da Republica checoslovaca foi comemorado em Praga. O aniversário do presidente da Republica checoslovaca foi comemorado em Praga.

**CONFIRA O SEU BILHETE!**

O "Estado de S. Paulo" de hoje publica a lista oficial da Loteria Paulista

A PARTIR DE JUNHO, NOVOS E MAIS VANTAJOSOS PRIZES  
A's 3as. feiras 100 contos  
A's 6as. feiras 200 contos



**A GREVE DOS METALLURGICOS NA FRANÇA**

Espera-se que seja hoje ratificado o accôrdo a que chegaram as autoridades e os grevistas — O presidente do Conselho francez conferenciou com uma delegação dos operarios

PARIS, 28 (H) — Uma delegação dos operarios metallurgicos conferenciou com o presidente do Conselho francez. Uma delegação dos operarios metallurgicos conferenciou com o presidente do Conselho francez.

**O GOVERNO BRITANNICO CONSTRUIRÁ FABRICAS DE MUNICÍOES INACESSÍVEIS AO BOMBARDEIO AEREO**

LONDRES, 28 (U. P.) — Verificando que Londres e a parte sul-oriental da Inglaterra são vulneráveis a um ataque aéreo, o governo britânico decidiu estabelecer três novas fábricas de municíes, pertencentes ao Estado, numa região do norte e do oeste do país, que estão

**O VAPOR "LA SANTAMARIA" CONDUZ UMA CARGA DE EXPLOSIVOS SUFICIENTE PARA ARRAZAR UMA GRANDE CIDADE**

LONDRES, 28 (U. P.) — O vapor "La Santamaria", que conduz uma carga de explosivos suficiente para arrazar uma grande cidade, portou-se de maneira a não ser atacado por um submarino. O vapor "La Santamaria", que conduz uma carga de explosivos suficiente para arrazar uma grande cidade, portou-se de maneira a não ser atacado por um submarino.

**OS TRAFEG DE ENTORPECENTES NA CHINA DO NORTE**

A Comissão de Opio de S. D. N. accusa o governo nipponico de não cuidar devidamente do problema

GENEVA, 28 (H) — O comitê de Opio da Sociedade das Nações denunciou o governo japonês por não cuidar devidamente do problema do tráfico de entorpecentes na China do Norte. O comitê de Opio da Sociedade das Nações denunciou o governo japonês por não cuidar devidamente do problema do tráfico de entorpecentes na China do Norte.

**AS MANOBRAS NAVEAS DA MARINHA ALIADA**

Hindor passou em revista os navios da esquadra

RIO, 28 (U. P.) — A esquadra aliada passou em revista os navios da esquadra. A esquadra aliada passou em revista os navios da esquadra.

EM ACCÃO DE GRAÇAS PELO RESTABELECIMENTO DA PAZ NO CONTINENTE SUL-AMERICANO

Missa solenne a realizar-se no Rio com a presença do presidente Getúlio Vargas, mundo offical e corpo diplomatico...

O ESPECTRO DO CANGAÇO DOMINA O NORDESTE

A exemplo de Lampião e seu bando, um grupo de fanaticos pratica violencia no interior pernambucano...

NOVAMENTE ADIADO O JULGAMENTO DO PEDIDO DE CASSAÇÃO DO REGISTO DA ACCÃO INTEGRALISTA

A decisão foi motivada em virtude de um requerimento formulado por aquele partido pedindo a reforma de seus estatutos...

UMA QUESTÃO DOUTRINARIA EM TORNO DA EXPULSAO DE OLGA BENARIO PRESTES

A situação especial em que se encontra a detida carea um ambiente bem provavel a dilatação da pena que lhe impõe a Justiça...

REGULAMENTAÇÃO DO ESTADO DE GUERRA

A Comissão de Justiça do Senado aprovou o parecer Alcantara Machado...

Encontra-se no Rio o vigário geral do Patriarcado de Lisboa

Encontra-se no Rio o vigário geral do Patriarcado de Lisboa...

Chegou ao Rio o dr. Miguel "Hindenburg"

Chegou ao Rio o dr. Miguel "Hindenburg"...

CORTE SUPREMA

PRONUNCIAMENTO DE ACÓRDÃO JULGANDO INAPROPRIADO O PEDIDO DE CASSAÇÃO DO REGISTO DA ACCÃO INTEGRALISTA...

As obrigações decorrentes do tratado de Pedras Altas

As obrigações decorrentes do tratado de Pedras Altas...

Uma conferência do presidente da República em Brasília

Uma conferência do presidente da República em Brasília...

Verba para construção de campos experimentais de café em Minas

Verba para construção de campos experimentais de café em Minas...

Novo caso bancário nesta capital

Novo caso bancário nesta capital...

Regressou ao Rio o ministro Vicente Rios

Regressou ao Rio o ministro Vicente Rios...

Falleceu no Rio o advogado paulista dr. Bittencourt Filho

Falleceu no Rio o advogado paulista dr. Bittencourt Filho...

IMPOSTO DE INDUSTRIAS E PROFISSOES

As arrecadações e collectorias estaduais estão arrecadando, com o desconto da majoração de vinte por cento, a segunda prestação trimestral do imposto de industrias e profissões...

Installou-se hontem o Instituto Nacional de Estatística

Installou-se hontem o Instituto Nacional de Estatística...

O sr. Abner Mourão homenageado pela assembleia capitorriense

O sr. Abner Mourão homenageado pela assembleia capitorriense...

Officiaes extremistas que chegam presos ao Rio

Officiaes extremistas que chegam presos ao Rio...

Viagem do ministro da Agricultura a Minas

Viagem do ministro da Agricultura a Minas...

Expulso do nucleo integralista de Pernambuco o escriptor Gilberto Osorio

Expulso do nucleo integralista de Pernambuco o escriptor Gilberto Osorio...

Publicada na "LONDON GAZETTE" a PROCLAMAÇÃO REAL A RESPECTO

Publicada na "LONDON GAZETTE" a PROCLAMAÇÃO REAL A RESPECTO...

DO EXTERIOR

A COROÇÃO DE EDUARDO VIII

Com a pompa tradicional foi feita a proclamação da data da coronacão...

O novo embaixador francez no Brasil

O novo embaixador francez no Brasil...

"5. Sensacional Sorteio" a realizar-se a 20 de Junho proximo

Avisamos a todos os interessados que acabamos de expedir os bilhetes do "5. Sensacional Sorteio"...

Aos presados assignantes que ainda não estão de posse dos referidos bilhetes, rogamos procural-os com os nossos representantes...

Esclarecemos, todavia, que, conforme tem sido anunciado, continuamos a aceitar assignaturas com o direito de participarem na certame acima referido...

"FOLHA DA MANHÃ" 40\$000 "FOLHA DA NOITE" 25\$000 A GERENCIA.

RADIO CRUZEIRO DO SUL IRRADIARÁ, AMANHÃ, DOMINGO, A'S 8 HORAS DA MANHÃ As eliminatórias do Circuito da Gavea SYNTONISEM PARA A "RADIO CRUZEIRO DO SUL" - 1.200 kilocyclos











O ESTADO DE S. PAULO

**Artes e Artistas**

**A PROPOSITO DA EXPOSICAO MALFATTI**

Ha duas especies de artistas. Uma composta dos que vém normalmente as coisas e em consequencia disso fazem arte guardadas os eternos ritmos da vida, e adoptados para a concretizacao das emoções estheticas, os processos classicos dos grandes mestres. Quem trilha por esta senda, se tem genio, é Praxiteles na Grecia, é Raphael na Italia, é Rembrandt na Hollanda, é Rubens na Flandres, é Reynolds na Inglaterra, é Lenbach na Alemanha, é Ingres na Suécia, é Rodin na França, é Zuloaga na Hespanha. Se tem apenas talento vae engrossar a pleiade de satélites que gravitam em torno daquelles óes immortales. A outra especie é formada pelos que vém anormalmente a natureza, e interpretam-na á luz de theorias ephemeras, sob a suggestão estrabica de escolas rebeldes surgidas cá e lá como furacões da cultura excessiva. São productos do cansaco e do sadismo de todos os periodos de decadencia; são frutos de fim de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes, brilham um instante, e mais das vezes com a luz do escandalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento. Embora elles se deem como novos, procuradores de uma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratologica: nasceu com a paranoia e com a mystificação. De ha muito já que a estudam os psychiatras em seus tratados, documentando-se nos innumeros desenhos que ornãm as paredes internas dos manicômios. A unica differença real é a que nos manicômios esta arte é sincera, producto logico de cerebros transtornados pelas mais estranhas psychoses; e fóra delles, nas exposições publicas, zabumbas pela imprensa e absorvidas por americanos malucos, não ha sinceridade nenhuma, nem nenhuma logica, sendo mystificação pura.

Todas as artes são regidas por principios immutaveis, leas fundamentas que não dependem do tempo nem da latitude. As medidas de proporção e equilibrio, na forma ou na cor, decorrem do que chamamos sentir. Quando as sensações do mundo externo transformam-se em impressões cerebraes, nós "sentimos"; para que sintomas de maneira diversa, cubica ou futurista, é forçoso ou que a harmonia do universo soffre completa alteração, ou que o nosso cerebro esteja em "panne" por virtude de alguma grave lesão. E quando o percepção sensorial se fizer normalmente no homem, através da porta commum dos cinco sentidos, um artista diante de um gato não poderá "sentir" senão um gato, e é falsa a "interpretação" que do bichano fizer um totó, um escaraveijo ou um amontoado de cubos transparentes.

Estas considerações são provocadas pela exposição da sra. Malfatti onde se notam accentuadissimas tendencias para uma attitude esthetica forçada no sentido das extravagancias de Picasso e companhis. Essa artista possui um talento vigoroso, fóra do commum. Poucas vezes através de uma obra torcida para má direcção, se notam tantas e tão preciosas qualidades latentes. Percebe-se de qualquer daquelles quadrinhos como a sua autora é independente, como é original, como é inventiva, em que alto grau possui um seu numero de qualidades innatas e adquiridas das mais fecundas para construir uma solida individualidade artistica. Entretanto, seduzida pelas theorias do que ella chama arte moderna, penetrou nos dominios dum impressionismo discutibilissimo, e põe todo o seu talento a serviço dum nova especie de caricatura.

Selamos sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e "tutti quanti!" não passam de outros tan-

tos ramos da arte caricatural. E' a extensão da caricatura a regiões onde não havia até agora penetrado. Caricatura da cor, caricatura da fórma — caricatura que não visa, como a primitiva, realçar uma idéa comica, mas sim desmoralizar, apavalar o espectador. A physiognomia de quem sae de uma dessas exposições é das mais suggestivas. Nenhuma impressão de prazer, ou de belleza denunciam as caras; em todas, porém, se lê o desapontamento de quem está incerto, duvidoso de si proprio e dos outros, incapaz de raciocinar, e muito descontento de que o mystificam habilmente. Outros, certos criticos sobretudo, aproveitam a vassa para "épater les bourgeois". Theorizam aquillo com grande dispendio da palavrucio tecnico, desdobram nas tolas intenções e sub-intenções inacessíveis ao vulgo, justificam-nas com a independencia de interpretação do artista e concluem que o publico é uma cavalgadura e elles, os entendidos, um pugilo genio de iniciados da Esthetica Occulta. No fundo riem-se uns dos outros, o artista do critico, o critico do pintor e o publico de ambos.

Arte moderna, eis o escudo, a suprema justificação. Na poesia tambem surgem, ás vezes, furacões desta ordem, provenientes da cogelura nata de certos poetas elegantes, apesar de gordos, e a justificativa é sempre a mesma: arte moderna. Como se não fossem modernissimos esse Rodin que acaba de fallear deixando após si uma esteira luminosa de marmores divinos; esse André Zorn, maravilhoso "virtuoso" do desenho e da pintura, esse Branngwyn, genio rembrandesco da babilonia industrial que é Londres, esse Paul Chabas, mimoso poeta das manhas, das aguas mansas, e dos corpos femininos em botão. Como se não fosse moderna, modernissima, toda a legião actual de incomparáveis artistas do pincel, da penna, da agua forte, do "dry-point" que fazem da nossa época uma das mais fecundas em obras primas de quantas deixaram marcos de luz na historia da humanidade.

Na exposição Malfatti figura ainda como justificativa da sua escola o trabalho de um mestre americano, o cubista Bolynson. E' um carvão representando (sabe-se disso porque uma nota explicativa o diz) uma figura em movimento. Está ali entre os trabalhos de sra. Malfatti em attitude de quem diz: ou sou o ideal, sou a obra prima, julgo o publico do resto tomando-me a mim como ponto de referencia.

Tenhamos a coragem de não ser dedantes: aquellos gatafunhos não são uma figura em movimento; foram, isto sim, um pedaço de carvão em movimento. O sr. Bolynson tomou-o entre os dedos das mãos ou dos pés, fêchou os olhos, o fel-o passar na téla ás tonatas, da direita para a esquerda, de alto a baixo. E se o não fez assim, se perdeu uma hora da sua vida puzando riscos de um lado para outro, revelou-se tolo e perdeu o tempo, visto como o resultado foi absolutamente o mesmo. Já em Paris se fez uma curiosa experiencia: ataram uma brocha na cauda de um burro e puzam-no'o de traizo voltado para uma téla. Com os movimentos da cauda do animal a brocha la borrando a téla. A coisa fantasmagorica resultante foi exposta como um supremo arrojado da escola cubista, e proclamada pelos mystificadores como verdadeira obra prima que só um ou outro rarissimo espirito de eleição poderia comprehender. Resultado: o publico affluu, embasbeou, os iniciados rejubilaram e já havia pretendentes á téla quando o truque foi demascarado. A pintura da sra. Malfatti não é cubista, de modo que estas palavras não se lhe endereçam em linha recta; mas como se aggrege á sua exposição uma cubica, leva-nos a crer que tende para ella como para um ideal supremo. Que nos perdoe a tale-

**O intercambio americano**

SÃO OS SEGUINTE OS DADOS RELATIVOS AS IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS COM OS PAISES DA AMERICA DO SUL, DURANTE O PERIODO DE JANEIRO A JULHO, INCLUSIVE DE 1914, 1915, 1916 E 1917.

	IMPORTAÇÕES			
	1914	1915	1916	1917
	\$	\$	\$	\$
Argentina . . .	26.578.000	55.039.000	74.764.000	119.024.000
Bolivia . . . . .	23	140	172.000	639
Brasil . . . . .	57.539.000	60.359.000	72.952.000	96.844.000
Chile . . . . .	14.746.000	20.477.000	50.725.000	52.677.000
Colombia . . . . .	9.733.000	11.190.000	14.268.000	17.933.000
Ecuador . . . . .	1.809.000	2.947.000	3.612.000	6.929.000
Guyana Inglesa . . . . .	59.000	198.000	199.000	97.000
Guyana Hollandesa . . . . .	652.000	286.000	255.000	861.000
Guyana Francesa . . . . .	—	28.000	34.000	—
Paraguay . . . . .	44.000	11.000	44.000	63.000
Peru . . . . .	6.647.000	8.604.000	13.849.000	23.183.000
Uruguay . . . . .	8.076.000	8.606.000	9.431.000	26.146.000
Venezuela . . . . .	6.469.000	9.225.000	9.851.000	10.905.000
Total . . . . .	142.352.022	177.168.140	255.153.000	384.119.900

	EXPORTAÇÕES			
	1914	1915	1916	1917
	\$	\$	\$	\$
Argentina . . .	18.678.000	26.566.000	42.862.000	52.615.000
Bolivia . . . . .	493.000	809.000	1.837.000	1.877.000
Brasil . . . . .	14.369.000	17.029.000	26.385.000	35.731.000
Chile . . . . .	10.204.000	8.462.000	16.457.000	27.939.000
Colombia . . . . .	3.536.000	4.550.000	7.431.000	8.147.000
Guyana Inglesa . . . . .	1.552.000	2.045.000	2.265.000	2.334.000
Guyana Hollandesa . . . . .	1.077.000	1.101.000	1.358.000	2.978.000
" Hollan- . . . . .	418.000	335.000	445.000	852.000
" Francesa . . . . .	177.000	382.000	382.000	858.000
Paraguay . . . . .	69.000	39.000	47.000	189.000
Peru . . . . .	3.847.000	4.361.000	7.461.000	11.567.000
Uruguay . . . . .	2.377.000	3.312.000	6.047.000	9.496.000
Venezuela . . . . .	3.134.000	3.936.000	6.078.000	7.412.000
Total . . . . .	60.091.000	78.118.000	117.970.000	162.638.000

a questão se porventura a não torna irreductivel.

Para realisar o pacto de unificão com a Escocia, a Inglaterra episcopallana submetten-se a reconhecer em palavras do texto que a Igreja Presbyteriana era a unica verdadeira. Os escoceses ficaram satisfeitos com as palavras do texto, e os Ingleses ainda ficaram mais com o facto da unificão. E hoje em dia, embora cada escocez diga orgulhosamente que é escocez e não ingles, ninguém sabe o que elle é senão quando o vê do satote e gaita de folles. Se á Inglaterra tivesse procedido da mesma fórma com a Irlanda, em vez de a tratar como paliz conquistado, cega pelo odio de todas as seitas protestantes ao Papado, é provavel que a Irlanda fosse, nestas horas, como a Escocia, uma parte integrante, prospera e leal do Reino Unido.

Só o trabalho do seculo pode desfazer o trabalho de seculos, e os factos agora correm muito mais depressa. E cada erro da Inglaterra agrava a situação e cada negação difficulta mais a solução do problema.

Fez-se á Irlanda a negação do "home-rule", e a politica inglesa dividiu-se em unionista e "home-ruler" — quer dizer passou a ser dominada pela situação da Irlanda e pelos nacionalistas irlandezes. A terceira negação do "home-rule", o partido nacionalista perdeu a força e nasceu o "sion-fein". Se a commissão de politicos nomeada para resolver a questão a resolver com a exclusão de Ulster, erguer-se-á um partido irreductivel. Se este vencer, a grande maioria dos irlandezes serão separatistas. E finalmente, se um dia a separação se effectuar, os inimigos eventuaes da Inglaterra encontrarão na Irlanda um aliado seguro.

Ea não pretendo resolver o problema irlandez, mas o mundo fême-á á justiça de reconhecer que não fui eu o que o fiz ou que o emaranhei. Sómente pretendo affirmar o facto que elle é uma questão exclusivamente inglesa, que a Inglaterra terá que resolver conforme os seus interesses e as suas necessidades, sem falar no bom governo da Irlanda nem allegar que faz a felicidade dos irlandezes.

A felicidade é uma coisa subjectiva, e nenhum homem que se está jovialmente arruinando se julga feliz por ter sido judicialmente interdito. E se ainda neste mundo se pode ser calmamente imparcial, não vejamos com maus olhos nem as agitações, por mais desvastradas, da Irlanda, nem as repressões, por mais rigorosas, da Inglaterra. A Irlanda não se agita por se sentir nem de mais. E a Inglaterra não reprime por divertimento — que além de ser em demasia movimentado é excessivamente caro.

Zeno

DO RIO

**A VIAGEM DO SR. MAURICIO DE LACERDA A S. PAULO — Rio, 20 (A) —** Ao contrario do que foi noticiado, o deputado Mauricio de Lacerda, presidente do Aéro Club Brasileiro, que deveria chegar amanhã a esta capital, adiou a sua viagem para a semana proxima.

**O COMANDANTE CARLOS MIDOSI E O DESFALECO DO LLOYD — Rio, 20 —** O commandante Carlos Midosi agarda apenas a conclusão do Inquerito Instaurado no Lloyd sobre o grande desfalque allí descoberto e no qual está envolvido, para deixar o cargo de director tecnico da empresa.

**INSTALACAO DO ESCRITÓRIO DO COMITÊ DE PRODUCCAO — Rio, 20** Foi instalado no edificio da Caixa de Conversão o escritorio do Comitê de Produccão, sob a direcção do sr. Vieira Souza.

tos artistas, mas deixamos cá um dilemma: ou é um genio o sr. Bolynson e ficam riscados desta classificação, como insignes cavalgaduras, a cohorte inteira dos mestres immortaes, de Leonardo a Stevens, de Velasquez a Sorolla, de Rembrandt a Whistler, ou... vice-versa. Porque é de todo impossivel dar o nome de obra de arte a duas coisas diametralmente opostas como, por exemplo, a Manha de Setembro, de Chabas, e o carvão cubista do sr. Bolynson.

Não fosse a profunda sympathia que nos inspira o formoso trabalho da sra. Malfatti, e não virmos aqui com esta série de considerações desagradaes.

Ha de ter essa artista ouvido numerosos elogios á sua nova attitude esthetica.

Ha de irritar-lhe os ouvidos, como descortez impertinencia, esta voz sincera que vem quebrar a harmonia de um coro de lisonjas. Entretanto, se reflectir um bocadinho, verá que a lisonja mata e a sinceridade salva. O verdadeiro amigo de um artista não é aquelle que o entoncece de louvores, e sim o que lhe dá uma opinião sincera, embora dura, e lhe traduz chamente, sem reservas, o que todos pensam delle por detrás. Os homens têm o vizo de não tomar a sério as mulheres. Essa é a razão de lhes serem sempre amabilidades quando ellas pedem opinião. Tal cavalheirismo é falso, e sobre falso, nocivo. Quantos talentos de primeira agua se não transviaram arrastados por maus caminhos pelo elogio incondicional e meandroso? Se vissemos na sra. Malfatti apenas uma "moça que pinta", como ha centenas por ali, sem denuncia de talento, calar-nos-iamos, ou talvez lhe dessemos mais d'uma desses adjectivos "hombons", que a critica ascurrada tem sempre a mão em se tratando de moças. Julgamos, porém, merecedora da alta homenagem que é tomar a sério o seu talento dando a respeito da sua arte uma opinião sincera, e valiosa pelo facto de ser o reflexo da opinião geral do publico sensato, dos criticos, dos

A SOCIEDAD

**ANNIVERSARIO**

Fazem annos amanhã:

- a exma. sra. d. Antonia Motta, esposa do sr. Benedicto da Silveira
- a exma. sra. d. Clara de Azevedo, esposa do sr. dr. Carlos Motta, secretario da Agricultura;
- a exma. sra. d. Benedicta C. Martins, Irma do sr. José R. Martins
- a exma. sra. d. Gabriella Franco, esposa do sr. dr. Fernando
- a senhorita Isaura, filha do sr. dr. Guedes;
- o menino José, filho do sr. dr. Barbosa;
- o sr. dr. Raphael Sampaio, tenente da Faculdade de Direito e deputado estadual;
- o sr. dr. José Augusto Peres Rezende, clinico em S. Manoel;
- o sr. conde Antonio de Toledo, capitalista nesta cidade;
- o sr. Edgard Simões Corrêa;
- o sr. Angelo Grisolia, negociante nesta praça;
- o sr. Mario da Silveira, alumn da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo.

**HOSPEDES E VILAEAS**

Pelo nocturno da Central, chego hoje do Rio o sr. R. Midy Braulto S. Ribeiro, N. Gaudier, J. de A. Moura, Daniel da Silva marães, Elias Gomes do Amaral, familia, O. S. Alves Araujo.

Pelo nocturno de luxo, se encontre Gustavo Finkler e Luis J. Oliveira.

— Hotel capital:

- o sr. coronel Victor Candia Souza e Humberto Delboni, pais seniores, ambos residentes em Fretto;
- o sr. Theodorico Pimentel, tenente-coronel Francisco Pimentel e Manuel Ignacio do Carmo Silva de Itararé;
- o sr. Eduardo Theodoro de Moraes, de Campos Novos do Paraná;
- o sr. Athayde de Andrade, residente em Campos Novos do Paraná;
- o sr. José Marinho, de Itararé.

Realiza-se a seguinte: Depois de amanhã, ás 8 horas, na igreja de S. Bento, a sessão do sr. Francisco Rivera.

## A propósito da exposição Malfatti

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que vêem normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura, guardando os eternos rirmos da vida, e adotados para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres. Quem trilha por esta senda, se tem gênio, é Praxiteles na Grécia, é Rafael na Itália, é Rembrandt na Holanda, é Rubens na Flandres, é Reynolds na Inglaterra, é Leubach na Alemanha, é Iorn na Suécia, é Rodin na França, é Zuloaga na Espanha. Se tem apenas talento vai engrossar a plêiade de satélites que gravitam em torno daqueles sóis imorredouros. A outra espécie é formada pelos que vêem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos de cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência: são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes, brilham um instante, as mais das vezes com a luz de escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento.

Embora eles se dêem como novos precursores duma arte a ir, nada é mais velho de que a arte anormal ou teratológica: nasceu com a paranóia e com a mistificação. De há muitos já que a estudam os psiquiatras em seus tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornaram as paredes internas dos manicômios. A única diferença reside em que nos manicômios esta arte é sincera, produto ilógico de cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses; e fora deles, nas exposições públicas, zabumbadas pela imprensa e absorvidas por americanos malucos, não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica, sendo mistificação pura.

Todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo nem da latitude. As medidas de proporção e equilíbrio, na forma ou na cor, decorrem de que chamamos sentir. Quando as sensações do mundo externo transformam-se em impressões cerebrais, nós "sentimos"; para que sintamos de maneiras diversas, cúbicas ou futuristas, é forçoso ou que a harmonia do universo sofra completa alteração, ou que o nosso cérebro esteja em "pane" por virtude de alguma grave lesão. Enquanto a percepção sensorial se fizer anormalmente no homem, através da porta comum dos cinco sentidos, um artista diante de um gato não poderá "sentir" senão um gato, e é falsa a "interpretação" que o bichano fizer um "totó", um escaravelho ou um amontoado de cubos transparentes.

Estas considerações são provocadas pela exposição da Sra. Malfatti, onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso e companhia. Essa artista possui talento vigoroso, fora do comum. Poucas vezes, através de uma obra torcida para a má direção, se notam tantas e tão preciosas qualidades latentes. Percebe-se de qualquer daqueles quadrinhos como a sua autora é independente, como é original, como é inventiva, em que alto grau possui um semi-número de qualidades inatas e adquiridas das mais fecundas para construir uma sólida individualidade artística. Entretanto, seduzida pelas teorias do que ela chama arte moderna, penetrou nos domínios dum impressionismo discutibilíssimo, e põe todo o seu talento a serviço duma nova espécie de caricatura.

Sejamos sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e tutti quanti não passam de ouros tantos ramos da arte caricatural. É extensão da caricatura a regiões onde não havia até agora penetrado. Caricatura da cor, caricatura da forma - caricatura que não visa, como a primitiva, ressaltar uma idéia cômica, mas sim desnorrear, aparvalhar o espectador. A fisionomia de que sai de uma destas exposições é das mais sugestivas. Nenhuma impressão de prazer, ou de beleza denuncia as caras; em todas, porém, se lê o desapontamento de quem está incerto, duvidoso de si próprio e dos outros, incapaz de racionar, e muito desconfiado de que o mistificam habilmente. Outros, certos críticos sobretudo, aproveitam a vaza para épater les bourgeois. Teorizam aquilo com grande dispêndio de palavrório técnico, descobrem nas telas intenções e subintenções inacessíveis ao vulgo, justificam-nas com a independência de interpretação do artista e concluem que o público é uma cavalgada e eles, os entendidos, um pugilo genial de iniciados da Estética Oculta. No fundo, riem-se uns dos outros, o artista do crítico, o crítico do pintor e o público de ambos.

Arte moderna, eis o escudo, a suprema justificação. Na poesia também surgem, às vezes, furúnculos desta ordem, provenientes da cegueira sempre a mesma: arte moderna. Como se não fossem moderníssimo esse Rodin que acaba de falecer deixando após si uma esteira luminosa de mármore divinos; esse André Zorn, maravilhoso "virtuoso" do desenho e da pintura; esse Brangwyn, gênio rembrandtesco da babilônia industrial que é Londres; esse Paul Chabas, mimoso poeta das manhãs, das águas mansas, e dos corpos femininos em botão. Como se não fosse moderna, moderníssima, toda a legião atual de incomparáveis artistas do pincel, da pena, da água-forte, da dry point que fazem da nossa época uma das mais fecundas em obras-primas de quantas deixaram marcos de luz na história da humanidade.

Na exposição Malfatti figura ainda como justificativa da sua escola o trabalho de um mestre americano, o cubista Bolynson. É um carvão representando (sabe-se disso porque uma nota explicativa o diz) uma figura em movimento. Está ali entre os trabalhos da Sra. Malfatti em atitude de quem diz: eu sou o ideal, sou a obra-prima, julgue o público do resto tomando-me a mim como ponto de referência.

Tenhamos coragem de não ser pedante: aqueles gatafunhos não são uma figura em movimento; foram, isto sim, um pedaço de carvão em movimento. O Sr. Bolynson tomou-o entre os dedos das mãos ou dos pés, fechou os olhos, e fê-lo passar na tela às pontas, da direita para a esquerda, de alto a baixo. E se não o fez assim, se perdeu uma hora da sua vida puxando riscos de um lado para o outro, revelou-se tolo e perdeu tempo, visto como o resultado foi absolutamente o mesmo. Já em Paris se fez uma curiosa experiência: ataram uma brocha na cauda de um burro e puseram-no traseiro voltado numa tela. Com os movimentos da cauda do animal a brocha ia borrando a tela. A coisa fantasma

magórica resultante foi exposta como um supremo arrojo da escola cubista, e proclama pelos mistificadores como verdadeira obra-prima que só um ou outro raríssimo espírito de eleição poderia compreender. Resultado: o público afluiu, embasbacou, os iniciados rejubilaram e já havia pretendentes à tela quando o truque foi desmascarado.

A pintura da Sra. Malfatti não é cubista, de modo que estas palavras não se lhe endereçam em linha reta; mas como agregou a sua exposição uma cubice, leva-nos a crer que tende para ela como para um ideal supremo. Que nos perdoe a talentosa artista, mas deixamos cá um dilema: ou é um gênio o Sr. Bolynton e ficam riscados desta classificação, como insignes cavalgadas, a coorte inteira dos mestres imortais, de Leonardo a Steves, de Velásques a Sorolla, de Rembrandt a Whistler, ou... vice-versa. Porque é de todo impossível dar o nome da obra de arte a duas coisas diametralmente opostas como, por exemplo, a Manhã de Setembro, de Chabas, e o carvão cubista do Sr. Bolynton. Não fosse a profunda simpatia que nos inspira o formoso talento da Sra. Malfatti, e não viríamos aqui com esta série de considerações desagradáveis.

Há de ter essa artista ouvido numerosos elogios à sua nova atitude estética.

Há de irritar-lhe os ouvidos, como descortês impertinência, esta voz sincera que vem quebrar a harmonia de um coro de lisonjas. Entretanto, se refletir um bocado, verá que a lisonja mata e a sinceridade salva. O verdadeiro amigo de um artista não é aquele que o entonetece de louvores, e sim o que lhe dá uma opinião sincera, embora dura, e lhe traduz chãmente, sem reservas, o que todos pensam dele por detrás. Os homens têm o vizo de não tomar a sério as mulheres. Essa é a razão de lhes derem sempre amabilidades quando elas pedem opinião. Tal cavalheirismo é falso, e sobre falso, nocivo. Quantos talentos de primeira água se não transviaram arrastados por maus caminhos pelo elogio incondicional e mentiroso? E tivéssemos na Sra. Malfatti apenas uma "moça que pinta", como há centenas por aí, sem denunciar centelhas de talento, calar-nos-íamos, ou talvez lhe déssemos meia dúzia desses adjetivos "bom-bons" que a crítica açucarada tem sempre à mão em se tratando de moças. Julgamo-la, porém, merecedora da alta homenagem que é tomar a sério o seu talento dando a respeito da sua arte uma opinião sinceríssima, e valiosa pelo fato de ser o reflexo da opinião do público sensato, dos críticos, dos amadores, dos artistas seus colegas e... dos seus apologistas. Dos seus apologistas sim, porque também elles pensam deste modo... por trás. M.L.

ANO XVII

S. Paulo—Sexta-feira, 26 de Setembro de 1941

S. Paulo de Há Vinte Anos e a Vida Literária da Cidade a Esse Tempo, Numa Síntese Feliz do sr. Antonio Ferro

O Discurso do Chefe da Missão Cultural Portuguesa no Almoço da Academia Paulista de Letras — Homenagens Prestadas à Embaixada Lusitana

Discurso a esta cidade em São Paulo, a cidade paulista portuguesa chefiada pelo escritor Antonio Ferro, tem sido uma das mais ricas manifestações de amizade...



Grupo formado por ocasião do almoço de confraternização portuguesa à A. P. L. e do almoço oferecido pelo...

Devido a ser o primeiro dia de trabalho, o Sr. Ferro, ao fazer o discurso, falou sobre a importância da cultura portuguesa em São Paulo...

Deu-lhe o primeiro discurso à noite, em uma hora de extrema agitação. Anunciou, então, que a missão cultural portuguesa...

Deu-lhe o primeiro discurso à noite, em uma hora de extrema agitação. Anunciou, então, que a missão cultural portuguesa...

Deu-lhe o primeiro discurso à noite, em uma hora de extrema agitação. Anunciou, então, que a missão cultural portuguesa...

AS RAZÕES QUE TERIAM MOTIVADO A ALTA DOS PREÇOS DO CARVÃO VEGETAL

Memorial do Sind. dos Carvoeiros e Similares ao Chefe da Div. de Abastecimentos da Prefeitura

HA duas semanas mais ou menos, vem-se falando em uma possível alta dos preços do carvão vegetal...

O REGRESSO DA MISSÃO CULTURAL PORTUGUESA

Precedido em sua viagem pelo Sr. Ferro, o Sr. Ferro regressa a São Paulo...

Iniciar-se-á, em Breve, a Organização de Mais de Cem Clubes Agrícolas nas Escolas Primárias Rurais Paulistas

Acordo Entre os Serviços Federal e Estadual — Visita do sr. Interventor Federal ao G. E. do Butantã — Declarar ações do sr. Oliveira Motta Filho

Depois de informações dadas pelo Sr. Ferro, o Sr. Ferro regressa a São Paulo...



O sr. Oliveira Motta Filho quando faz uma visita a uma fazenda...

Remissão do corpo clínico do Instituto 'Clemente Ferreira' da Seção de Tuberculose

Remissão do corpo clínico do Instituto 'Clemente Ferreira' da Seção de Tuberculose...

Intervenção da Polícia para Manter os Preços dos Gêneros Alimentícios, Fixados pela Comissão de Tabelaamento

Os Transgressores Serão Presos, Processados e Encaminhados ao Tribunal de Segurança Nacional, Como Infratores da Lei de Economia Popular

Após a secretaria da Segurança Pública, o Sr. Interventor Federal, com o Sr. secretário da Segurança Pública, Nova deliberação...

Atuação da Secretaria da Segurança Pública

Atuação da Secretaria da Segurança Pública, o Sr. Interventor Federal, com o Sr. secretário da Segurança Pública...

Figura 21:

"A MARGEM DAS CARTAS CHILENAS"

Edio de S4 Cruz
A primeira impressão de uma obra...

COBURG. SEMEITEIRA DE REIS

Conde Emmanuel de Sannigun
Uma cidade que se tornou...

POETAS BRASILEIROS

MAMEL BANDERA
Roger Bastide
Uma obra que se tornou...

SUPERSTIÇÕES GRAMATICAIS

Prof. Silveira Bruno
O que é a superstição gramatical...

UMA INTRODUÇÃO A ANTROPOLOGIA

Luis Washington
Uma obra que se tornou...

ARTISTAS DE NOSSA TERRA

TARSILA
Sergio Milliet
Uma obra que se tornou...

A BANDEIRA DO RONCADOR-XINGU

Oswald de Andrade
Uma obra que se tornou...

A BANDEIRA DO RONCADOR-XINGU

Oswald de Andrade
Uma obra que se tornou...

A BANDEIRA DO RONCADOR-XINGU

Oswald de Andrade
Uma obra que se tornou...

QUE SE VE EM VIAGEM

A CASA DE RUI BARBOSA

de João de OLIVEIRA FILHO

...e agora um pequeno vestígio a ser visto... Rui Barbosa... a casa de Rui Barbosa... a casa de Rui Barbosa... a casa de Rui Barbosa...

Influências islâmicas na "Divina Comédia"

O PARAÍSO ÁRABE NO PARAÍSO DANTESCO

(Para a "Folha da Manhã")

Atas Polakov vai mostrando desde o começo... Dante Alighieri... o paraíso árabe... o paraíso dantesco... o paraíso árabe...

Livros norte-americanos no Exterior

Realmente neste livro há uma análise... livros norte-americanos... o exterior... a crítica literária...

O problema da crítica literária

QUE É A CRÍTICA E COMO SE DEVE EXERCÊ-LA ?

(Para a "Folha da Manhã")

Se no seu último livro (e), o Dr. Alceu Amoroso Lima analisa... crítica literária... o problema da crítica literária... a crítica literária...

Continuando estas análises sobre o X Salão do Sindicato... Artes Plásticas... o salão do sindicato... a crítica de arte...

JA a terceira parte epifânica... Maria Eugênia FRANCO... a crítica de arte... a análise da obra...





Inaugura-se hoje, no Museu de Arte, a exposição retrospectiva de uma das artistas mais representativas da arte moderna no Brasil, Anita Malfatti, que, com sua exposição inaugural, em dezembro de 1916-janeiro de 1917, despertou em São Paulo a primeira impressão profunda da pintura moderna. Lasar Segall estivera aqui alguns anos antes. Porém, foi a exposição de Anita Malfatti que representou o ponto de partida da nossa pintura de vanguarda, não só pela repercussão que teve na época, mas também pelo escândalo, a reprovação ou o entusiasmo que provocou. O aparecimento posterior de Tarsila apenas consolidou o interesse e a curiosidade que Anita fôra a primeira a despertar.

A importante coleção de telas da artista, que o Museu de Arte conseguiu reunir, relembra essa tão discutida exposição, pois apresenta muitos dos trabalhos que fizeram parte da primeira exposição de Anita Malfatti, à rua Libero Badaró. Veremos, em comentários posteriores, como esses quadros não envelheceram plasticamente, como têm ainda força e significação. Devido à posição excepcional de Anita Malfatti na pintura moderna brasileira, achamos necessário dar inicialmente algumas indicações sobre a carreira artística da pintora.

Anita Malfatti nasceu em São Paulo. Realizou seus primeiros estudos na Escola de Belas Artes de Berlim. Suas primeiras pesquisas expressionistas foram feitas nessa época, quando frequentou os cursos de Bishoff Culm e Louis Corinth, "o homem de todas as cores", como diz pitorescamente a artista. Permaneceu três anos na Alemanha, de onde voltou ao Brasil, para ir logo depois para os Estados Unidos. Aí matriculou-se numa Academia, da qual logo se desiludiu, aproximando-se de Homer Boss, o mestre que dava plena liberdade aos alunos. A "Independent School of Art" de Boss, encontrara-se numa ilha de pescadores, nas costas da Nova Inglaterra. No primeiro e único número da Revista Anual do São de Maio, de 1939, dirigida por Flávio de Carvalho, assim descreve Anita Malfatti esse período de sua formação artística:

"Era a poesia plástica da vida transpunha a côr do céu, para poder descobrir côr diferente da terra. Transpunha tudo! Que alegria! Encontrava e descobria os planos com formas e cores novas, nas pessoas e nas paisagens.

Descobri que quando se transpõe uma forma é preciso fazê-lo igualmente com a côr. Era a festa da forma e era a festa da côr. Um dia nos lembramos da ciência dos valores das distâncias. Estava de volta a Nova York.

Começamos a nos lembrar do movimento dos músculos, da anatomia e construção geométrica do desenho básico".

O período durante o qual frequentou a escola de Homer Boss, marcou fundamente a vida da artista. Não somente porque, dirigidos por Boss foram realizados nessa ocasião os primeiros estudos cubistas na América, que impuseram à pintora uma disciplina plástica que viria equilibrar o expressionismo trazido da Alemanha, como também porque aí entrou em contacto com numerosos artistas europeus, fugidos da guerra. De volta a São Paulo, ela trouxe, dessa vez, uma experiência maior e mais força de convicção para apresentar, naquele dezembro de 1916, as primeiras telas modernistas brasileiras.

Mário de Andrade nos conta, nos depoimentos sobre Anita Malfatti reproduzidos no catálogo do Museu de Arte, as lutas e as indecisões da pintora, hostilizada pelo meio e louvada apenas por uma "elite" reduzida. Mas Anita participará da Semana de Arte Moderna, de 1922, e em 1923 irá a Paris com o prêmio de viagem à Europa oferecido pelo Pensionato Artístico de São Paulo. Este em Paris até 1928, frequentando cursos no Louvre, procurando a companhia de artistas, estudando sempre seriamente.

Desde seu regresso até hoje a pintura de Anita Malfatti tem-se modificado muito. A artista abandonou o que chama de "fantasias plásticas" de seu período americano e do período parisiense, para procurar traduzir em suas telas certas expressões populares do Brasil, como pudemos ver em sua exposição de 1945, no Instituto dos Arquitetos e, agora, numa das salas do Museu de Arte.

Agrada-nos verificar, que a arte moderna brasileira foi iniciada por uma pintora consciente e de talento, e que as obras de Anita nesse primeiro período, não foram uma simples fantasia, nem uma mistificação, como disse, na época, Monteiro Lobato, mas uma pesquisa plástica séria e honesta.

# A Mulher Brasileira nas Artes Plásticas

Anita Malfatti, que deveria, com sua exposição de 1917, desencadear uma tempestade, dividindo os que tinham alguma audiência, entre partidários e inimigos (Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti entre os primeiros e Monteiro Lobato, P. ex., na segunda categoria), estaria presente também nesse movimento coletivo de renovação estética que foi a Semana de Arte Moderna, ao lado de Zina Alta. Nesses tempos difíceis para os artistas (1922), aparece o nome de uma dama ilustrada que criou um "salon": Olivia Guedes Penteado, mulher dotada de grande sensibilidade e inteligência, cujo exemplo seria seguido por sua filha, Dona Maria Penteado. A importância do salão de Dona Olivia, que reunia a juventude dourada da inteligência paulista, está principalmente no fato de que oferecia aos artistas, poetas e literatos, a oportunidade de um contacto com um público resistentemente conservador.

Nessa mesma época, era ainda Tarsila quem introduzia na pintura brasileira o que se definiu como realidade nacional. Nos anos que passou na Europa, frequentando os estúdios de Léger, e talvez porque distante de sua terra natal, Tarsila expurgou suas formas de inspiração cubista, criando uma pintura que foi a síntese dos elementos de inspiração nacional. Suas muitas posturas possuíam um calor que transpirava o folgado da vida — e a cóp que ela empregava respirava a languidez de um clima sentimental inocente. Em 1926, Tarsila expõe com êxito em Paris e repete o feito em S. Paulo, em 1929.

As revulsões de 30 a 32 obtiveram a agitação artística e acentuam em fins desse ano que o registro assinala uma renovação da atividade de pintores e escultores, poetas e literatos. Um dos movimentos — e talvez o mais emocionante de todos — foi a Sociedade Pro-Arte (à qual se ligam dois nomes femininos: Geny Klabin Segall e Mina Warshavchik) que se propunha um programa de exposições, conferências, concertos, criação de estúdios para os artistas etc. Sobre a SPAM observaria muitos anos depois e ponderado Paulo Mendes de Almeida (Suplemento Literário de "O Estado de S. Paulo", 1950), que ela foi "uma instituição precursora do Museu de Arte Moderna". Na primeira exposição organizada pelo SPAM aparecem os nomes de Anita Malfatti, Tarsila, Esther Bessel, Regina Graz e Mousá Pinto Alves, esta última possuidora de um grande talento de produção versátil, ora trabalhando em pin-

tura, ora em desenho, ora em escultura. Mousá destaca-se com mais projeção na escultura, embora atualmente tenha realizado com muito êxito uma amostra de objetos de adorno pessoal.

Como não podia deixar de ser, quase simultaneamente à criação do SPAM, um grupo dissidente chefiado por Flavio de Carvalho funda o Clube dos Artistas Modernos. O CAM reúne, já pela personalidade de seu líder, um grupo mais revolucionário ou pelo menos mais extrovertido de artistas e intelectuais, foi teatro de grandes debates, discussões e conferências sobre temas estéticos e políticos. Uma dessas conferências pronunciava-se a Tarsila.

Passados três anos o pintor e crítico Quirino da Silva reúne um grupo de artistas e aparece o I Salão de Maio. Já estamos em 1927. Esta sessão não conferia prêmios ou medalhas, o que contribuiu naturalmente para que existisse um clima amigável e simpático. A este Salão está ligada o nome de Dona Graziela Porchat, que colaborou na obtenção de recursos para a organização da mostra. Entre as mulheres que expuseram no I Salão de Maio figuram Mousá Pinto Alves, Tarsila, Esther Bessel, Lucy Citti Ferreira, Odette de Freitas, Yolanda Lederer Mohaly, Elizabeth Nobiling e Madeline Boux.

O empreendimento de Quirino da Silva tem base: em 1928, contrariando as previsões, inaugura-se o II Salão de Maio. Nele estão presentes Elizabeth Nobiling, Lina Fieber Hoffmann, Lucy Citti Ferreira, Mousá Pinto Alves, Noêmia Mourão, Odette de Freitas, René Lefèvre, Silvia Meyer, Tarsila, Yolanda Mohaly e Yolanda Pongetti.

Após o II Salão segue-se o III: nele, em 1929, aparecem Anita Malfatti, Elizabeth Nobiling, Lucy Citti, René Lefèvre, Tarsila e Yolanda Mohaly. Lutas internas encerram as atividades do grupo criado por Quirino. O III Salão foi o último.

Em 1931, em plena guerra, realiza-se na Feira Nacional de Indústrias o I Salão de Arte, mais um empreendimento de Quirino da Silva. Esta exposição, comprida entre "stand" de produtos industriais, pode sugerir o pitoresco. Mas para destacar essa impressão, basta citar — Guimarães de Almeida, no prefácio do catálogo: "É um sintoma, um símbolo, um 'sinal dos tempos'. É preciso compreendê-lo bem no seu importantíssimo sentido". Na exposição há nomes de mulheres: Anita Malfatti, Mousá, Noêmia,

## II

Odette de Freitas, Tarsila e Elizabeth Nobiling.

Mais uma vez as convulsões políticas e a guerra apagam o registro das atividades artísticas. No fim da ditadura, em 1945, recomeça o movimento. O fim da censura, a eliminação das restrições de todo tipo fazem surgir grupos, jornais, editoras, livrarias. Os artistas de ambos os sexos aparecem de rímelos insuspeitados. Começam a chegar do Nordeste, do Norte, do Sul, trazidas pela vaga libertária que abriu colunas de jornais e reiniciava o contacto do indivíduo com a opinião pública. Na falta de poderem falar ou exprimir-se livremente, os artistas e intelectuais que haviam esperado oito anos surgiam de todos os cantos, em revistas, em pequenos grupos, em mostras isoladas, em pequenas exposições improvisadas nas livrarias em voga.

O registro minucioso desse período de expansão seria entoadado e disperso. Mas já em 1947 aparecem os primeiros frutos: abre-se na Galeria Protes Maia a "Exposição dos 19" (nela figuravam 19 artistas). O merito e a importância dessa exposição depreendem-se e a que está ligado o nome de sua organizadora, Rosa Rosenthal, em nome da União Cultural Brasil-Estados Unidos, esta em que ela reuniu jovens artistas que mais tarde deveriam tornar-se conhecidos dentro e fora do Brasil: Marcelo Grassmann, Aldemir Martins, Milton da Costa, Luis Sacilotto, Eva Liebhich e Maria Leontina Franco. Os jovens e as jovens que formavam a exposição dos 19 não constituem sequer um grupo. Não tinham o apoio de literatos ou de críticos criadores de talentos novos. Mas trouzeram uma contribuição importante, se não fosse por mais nada, intervieram Maria Leontina, que deveria tornar-se uma artista de projeção internacional.

Mas afora essa exposição e algumas realizadas em salões particulares, a visão geral era triste. Grupos de artistas reunidos apenas por mais interesse de expor suas telas faziam pequenas mostras modestas tanto na qualidade como na expressão. Em resumo, o grupo se viam eram discípulos de discípulos da Semana de Arte Moderna, plagados dos três Salões de Maio, imitações de alguns medalhões ultrapassados. Tinhamos apenas versões mais de Di Cavalcanti, de Tarsila, de Anita, de Yolanda Mohaly. Não havia o que se denomina de "ambiente": ultrapassados os anos da guerra, quando até po foi faltou aos brasileiros, o País ganhava alguma

experiência. Tornava-se maduro e descobria uma nova era de empreendimentos, economicos e políticos.

Data de 1948 a fundação do Museu de Arte a que está ligado também o nome de uma mulher, a arquiteta Lina Bo Bardi e para o qual foram trazidas telas de mestres antigos e modernos. Ministraram-se cursos de História da Arte, pela primeira vez no Brasil. Realizam-se exposições de artistas nacionais e estrangeiros. Em 1951, uma jovem artista Marina Caram realiza ali uma exposição individual.

Fundase finalmente, em 1949, o Museu de Arte Moderna de S. Paulo, iniciativa de Francisco Matarazzo Sobrinho e Yolanda Penteado Matarazzo. Organiza-se uma seleção de obras que constituirá o acervo desse museu. Além dos estrangeiros (entre outros De Chirico, Magnein, Léger, Chagall, Calder, Max Bill) figuram os grandes nomes nacionais, e aqui podemos ver a presença forte da mulher nas artes plásticas brasileiras: Tarsila, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Volpi, Maria Leontina, Antonio Bandeira, Ligia Clark, Aldemir Martins, Flavio de Carvalho, Livio Abramo, Fayga Ostrower, Brecheret, Maria Mattar.

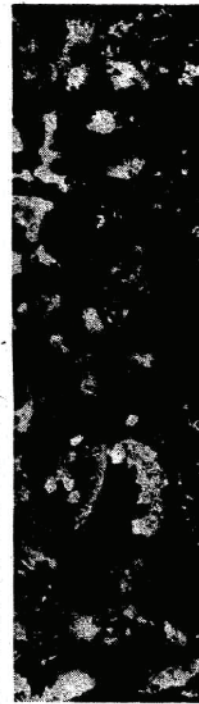
Francisco Matarazzo Sobrinho dá depois o grande passo: organiza a Bienal de S. Paulo, uma exposição em proporções mundiais, nos moldes de a de Veneza. O impacto que os artistas sofreram diante das telas que o espírito pioneiro de Francisco Matarazzo Sobrinho traz para a I Bienal é decisivo. O Brasil deixa a adolescência estética e entra no período de maturação. A Bienal de dez anos, já mostrou aos artistas brasileiros Picasso, Mondrian, Chagall, Morandi, Léger, Max Bill, Alexander Calder, Klee, Kokoschka, Ensor, Braque, Grit, Henry Moore; traz os jovens escultores italianos, a jovem pintora espanhola, traz os revolucionários 'ho'andeses do "De Stijl", abre as portas do mundo para os olhos quase inocentes dos artistas nacionais. Os caminhos mudam, a forma de expressão nunca mais será a mesma.

Os Abstratos

Com as suas perspectivas abertas, formam-se grupos, escolas, correntes. É curioso observar o que sucede a alguns desses grupos. Flexor, p. ex., pintor polonês radicado na França há muitos anos, vem para S. Paulo, faz uma exposição, linhas, formas, vastas dimensões. Abaixo a figura. Abaixo tudo o que o olho nu vê na natureza. A Bienal mostrara os abstracionistas: Flexor considerava como imitáveis. Um grande numero de senhoras e senhores começa a frequentar religiosamente as suas salas, a apreender sua técnica. Inevitavelmente, pouco tempo depois, um grande numero de artistas ataca Flexor. Rompem com o mestre, com o compasso. Uma mulher permanece fiel: Wega, que na Bienal de 1957, acabaria dividindo o premio nacional de desenho com o português Fernando de Lemos.

Os Concretistas

Mario Pedrosa, crítico de arte, dos mais argutos do Brasil, é o responsável por uma leva de mulheres que se tornam conhecidas como concretistas. Esse "levantamento" concretista teve maior desenvolvimento no Rio, onde o crítico reside. Mario Pedrosa introduz conceitos e teorias do concretismo, o que resulta numa intensa pesquisa de forma que se processa de alguns anos para cá nas artes plásticas brasileiras. Ligia Clark, Ligia Pape, Vera Botelho, Vera Tormena formam o núcleo desse grupo, no qual se inscreve também Abraham Palantnik (cuja maquina de imagem figura na V Bienal). Ligia Clark é figura obrigatória nos salões de concretistas e na Bienal. Infelizmente seus trabalhos chegam a um extremo de linhas quebradas e círculos quadrados e nada mais. Ligia Pape, ao contrário da Clark, trabalha em gravura com grande desenvoltura. O grupo concretista do Rio, além de incentivado por Pedrosa, tem o apoio do suplemento literário de um grande jornal carioca. O grupo de S. Paulo teve origem da boca de Max Bill algumas observações duras, durante a II Bienal, não tem grande consistência concreta. Deste grupo fazem parte ainda duas mulheres, Judith Lausand e Mona Gorovitz. Tachismo também para o Brasil.



GENESE — Pesquisa Tachista de Alzira Perorari.

Forém maior do que os grupos concretista, neo-concretista e abstracionista juntos e o das tachistas, que seguem o roteiro das experiências de matéria e forma europeias e norte-americanas (com Burri, Pollock, Fontana, Troigat Spiess etc.). Sem temor de errar, pode-se dizer que quase todas as artistas de S. Paulo entregaram-se atualmente, e com avidez, às experiências tachistas. Algumas delas chegam a realizar trabalhos interessantes e curtos. Vejamos alguns exemplos. Maria Antonieta de Souza Barros, primitiva nos seus primeiros trabalhos, frequentes e afeita Abstração de Flexor, mas rompeu logo com a rigidez das regras. Atualmente faz pesquisas de tachismo, e alguns de seus mais recentes trabalhos têm interesse e revelam uma aguçada sensibilidade. Ismenia Coacary prefere a pesquisa de matéria e cor — e suas telas nada devem ser de um Troigat Spiess, que realizou uma exposição no Museu de Arte Moderna. Alzira Perorari realiza experiências que encerram entretanto um conteúdo mais rico. Evidentemente, em matéria de tachismo, a textura das formas varia de acordo com a técnica empregada e a sensibilidade do artista tem um papel fundamental no tratamento dessas combinações de cor e forma. E já que não é apenas obra do acaso, uma tela tachista depende da sensibilidade maior ou menor de quem a realiza. Daí técnicas semelhantes aplicadas por artistas diferentes resultarem em obras absolutamente diversas. E' o caso de Alzira Perorari que trabalhando com meios comuns consegue resultados interessantes. Como todo tachismo bem realizado, algumas de suas obras têm um sabor surrealista. Uma outra artista, Ernestina Karman criou a estereopintura, uma pesquisa de matéria onde pintura e baixo-relevo estão interligados. Apesar da diversidade e da multiplicidade de materiais que ela emprega do óleo à palha de aço alguns de seus trabalhos têm unidade. Embora uma expressão que se traduz na marcha aparente (daí o termo tachismo), essa corrente parece ser a arte do futuro e lembra a nova literatura de ficção científica com suas sugestões subjetivas ou de mundos estranhos. O que não é impossível: os artistas produzem sempre o estado psicológico de uma época e prevêem os avanços da humanidade. — R. A.



Formosa de uma escultura de Elizabeth Nobiling

Anita Malfatti, que deveria, com sua exposição de 1917, desencadear uma tempestade, dividindo os que tinham alguma audiência entre partidários e inimigos (Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti entre os primeiros e Monteiro Lobato, p. ex, na segunda categoria), estaria presente também nesse movimento coletivo de renovação de arte Moderna, ao lado de Zina Aita. Nesses tempos difíceis para os artistas (1922), aparece o nome de uma fama ilustre que criou um "salon": Olívia Guedes Penteado, mulher dotada de grande sensibilidade e inteligência cujo exemplo seria seguido por sua filha Dona Maria Penteado. A importância do salão de Dona Olívia, que reunia a juventude dourada da inteligência paulista, está principalmente no fato de que oferecia aos artistas, poetas e literatos, a oportunidade de um contacto com um público renitentemente conservador.

Nessa mesma época, era ainda Tarsila quem introduzia na pintura brasileira o que se definiu como realidade nacional. Nos anos que passou na Europa, frequentando os estudos de Leger, e talvez porque distante de sua terra natal, Tarsila expurgou suas formas de inspiração cubista, criando uma pintura que foi a síntese dos elementos de inspiração nacional. Suas mulatas possuíam um calor que transpirava o folguedo da raça - e a cor que ela empregava respirava a languidez de um clima sentimental inocente. Em 1926, Tarsila expõe com êxito em Paris e repete o feito em S. Paulo, em 1929.

As revoluções de 30 e 32 obliteraram a agitação artística e é somente em fins desses anos que o registo assinala uma renovação da atividade de pintores e escultores, poetas e literatos.

Um dos movimentos - e talvez o mais emocionante de todos - foi a sociedade Pró-Arte (à qual se ligam dois nomes femininos: Genny Klabin Segall e Mina Warchavchik) que se propunha um programa de exposições, conferências, concertos, criação de estúdios para os artistas etc., Sobre a SPAM observaria muitos anos depois o ponderado Paulo Mendes de Almeida (Suplemento Literário de "O Estado de S. Paulo", 1959), que ela foi "uma instituição precursora do Museu de Arte Moderna". Na primeira exposição organizada pela SPAM aparecem os nomes de Anita Malfatti, Tarsila, Esther Bessel, Regina Graz e Moussia Pinto Alves, esta última possuidora de um grande talento de produção versátil, ora trabalhando em pintura, ora em desenho, ora em escultura. Moussia destaca-se com mais projeção na escultura, embora atualmente tenha atualizado com muito êxito uma amostra de objetos de adorno pessoal.

Como não podia deixar de ser, quase que simultaneamente a criação do SPAM, um grupo dissidente chefiado por Flávio de Carvalho funda o Clube dos Artistas Modernos. O CAM reunia, já pela personalidade de seu líder, um grupo mais revolucionário ou pelo menos mais extrovertido de artistas e intelectuais, foi teatro de grandes debates, discussões e conferências sobre temas estéticos e políticos. Uma dessas conferências pronunciou-a Tarsila.

Passados três anos o pintor e crítico Quirino da Silva reúne um grupo de artistas e aparece o I Salão de Maio. Já estamos em 1937. Este salão não conferia prêmios ou medalhas o que contribuiu naturalmente para que existisse um clima amistoso e simpático. A este Salão está ligado o nome de Dona Graziela Porchat, que colaborou na obtenção de recursos para a organização da mostra. Entre as mulheres que expuseram no I Salão de Maio figuram Moussia Pinto Alves, Tarsila, Ester Bessel, Lucy Citti Ferreira, Odete de Freitas, Yolanda Lederer Mahaly, Elizabeth Nobiling e Madeleine Roux. O empreendimento de Quirino da Silva tem base: em 1938, contrariando as previsões, inaugura-se o II Salão de Maio. Nele estão presentes Elisabeth Nobiling, Lisa Ficker Hoffmann, Lucy Citti Ferreira, Moussia Pinto Alves, Noemia Mourão, Odette de Freitas, René Lefèvre, Silvia Meyer, Tarsila, Yolanda Mohaly e Yolanda Pongetti.

Ao II Salão segue-se o III: nele, em 1939, aparecem Anita Malfatti, Elizabeth Nobiling, Lucy Citti, René Lefevre, Tarsila e Yolanda Mohaly. Lutas internas encerram as atividades do grupo criado por Quirino. O III Salão foi o último.

Em 1941, em plena guerra, realiza-se na Feira Nacional de Indústrias o I Salão de Arte, mais um empreendimento de Quirino da Silva. Esta exposição, comprimida entre "stands" de produtos industriais, pode sugerir o pitoresco. Mas para desfazer essa impressão, basta citar Guilherme de Almeida, no prefácio do catálogo: "É um sintoma, um símbolo, um 'sinal dos tempos'. É preciso compreendê-lo bem no importantíssimo sentido". Na exposição há nomes de mulheres: Anita Malfatti, Moussia, Noemia Odette de Freitas, Tarsila e Elizabeth Nobiling.

Mais uma vez as convulsões políticas e a guerra apagam o registro das atividades artísticas. No fim da ditadura, em 1945, recomeça o movimento. O fim da censura, a eliminação das restrições de todo tipo fazem surgir grupos, jornais, editoras, livrarias. Os artistas de ambos os sexos aparecem de rincões insuspeitados. Começam a chegar do Nordeste, do Norte, do Sul, trazidos pela vaga libertária que abria colunas de jornais e reiniciava o contacto do indivíduo com a opinião pública. Na falta de poderem falar ou exprimir-se livremente, os artistas e intelectuais que haviam esperado oito anos surgiam de todos os cantos, em revistas, em pequenos grupos, em mostras isoladas, em pequenas exposições improvisadas nas livrarias em voga.

O registo minucioso desse período de expansão seria enfadonho e disperso. Mas já em 1947 aparecem os primeiros frutos: abre-se na Galeria Prestes Maia a "Exposição dos 19" (nela figuravam 19 artistas). O mérito e a importância dessa exposição despreziosa (e a que está ligado o nome de sua organizadora, Rosa Rosenthal, em nome da União Cultural Brasil-Estados Unidos), está em que ela reuniu jovens artistas que mais tarde deveriam tornar-se conhecidos dentro e fora do Brasil: Marcelo Grassmann, Aldemir Martins, Milton da Costa, Luiz Saciloto, Eva Liebllich e Maria Leontina Franco. Os jovens e as jovens que formavam a exposição dos 19 não constituíam sequer um grupo. Não tinham o apoio de literatos ou de críticos criadores de talentos novos. Mas trouxeram uma contribuição importante, se não fosse por mais nada, inscreviam Maria Leontina, que deveria tornar-se uma artista de projeção internacional.

Mas afora essa exposição e algumas realizadas em salões particulares, a visão geral era triste. Grupos de artistas reunidos apenas pelo interesse de expor suas telas faziam pequenas mostras modestas tanto na qualidade como na expressão. Em resumo, o que se viam eram discípulos de discípulos da Semana de Arte Moderna, plágios dos três Salões de Maio, imitações de alguns medalhões ultrapassados. Tínhamos apenas versões más de Di Cavalcanti, de Tarsila, de Anita, de Yolanda Mohaly. Não havia o que se denomina de "ambiente": ultrapassados os anos da guerra, quando até pão faltou aos brasileiros, o País ganhava alguma experiência. Tornava-se maduro e descobria uma nova era de empreendimentos, econômicos e políticos.

Data de 1948 a fundação do Museu de Arte a que está ligado também o nome de uma mulher, a arquiteta Lina Bo

Bardi e para o qual foram trazidas telas de mestres antigos e modernos. Ministram-se cursos de História da Arte, pela primeira vez no Brasil. Realizam-se exposições de artistas nacionais e estrangeiros. Em 1951, uma jovem artista Marina Caram realiza ali uma exposição individual.

Funda-se finalmente, 1949, o Museu de Arte Moderna de S. Paulo, iniciativa de Francisco Matarazzo Sobrinho e Yolanda Penteado Matarazzo. Organiza-se uma seleção de obras que constituirão o acervo desse museu. Além dos estrangeiros (entre outros De Chirico, Magnelli, Leger, Chagall, Calder, Max Bill) figuram os grandes nomes nacionais, e aqui podemos ver a presença forte da mulher nas artes plásticas brasileiras: Tarsila, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Volpi, Maria Leontina, Antonio Bandeira, Ligia Clark, Aldemir Martins, Flavio de Carvalho, Livio Abramo, Fayga Ostrower, Brecheret, Maria Martins.

Francisco Matarazzo Sobrinho dá depois o grande passo: organiza a Bienal de S. Paulo, uma exposição em proporções mundiais, nos moldes da de Veneza. O impacto que os artistas sofrem diante das telas que o espírito pioneiro de Francisco Matarazzo Sobrinho traz para a I Bienal é decisivo. O Brasil deixa a adolescência estética e entra no período de maturação. A Bienal, em dez anos, já mostrou aos artistas brasileiros Picasso, Mondrian, Chagall, Morandi, Leger, Max Bill, Alexander Calder, Blee, Kokoschka, Ensor, Braque, Gris, Henry Moore; traz os jovens escultores italianos, a jovem pintora espanhola, traz os revolucionários holandeses do "De Stijl", abre as portas do mundo para os olhos quase inocentes dos artistas nacionais. Os caminhos mudam, a forma de expressão nunca mais será a mesma.

#### OS ABSTRATOS

Com as novas perspectivas abertas, formam-se grupos, escolas, correntes. É curioso observar o que sucede a alguns desses núcleos. Sanson Flexor, p. ex., pintor polonês radicado na França há muitos anos, vem para S. Paulo, faz uma exposição: linhas, compassos, régua, dimensões. Abaixo a figura. Abaixo tudo o que o olho nu vê na natureza. A Bienal mostrará os abstracionistas. Flexor ensinaria como imitá-los. Um grande número de senhores e senhoras começa a frequentar religiosamente as suas aulas, a apreender sua técnica. Inevitavelmente, pouco tempo depois, um grande número de artistas ataca Flexor. Rompem com o mestre, com o compasso. Uma mulher permanece fiel: Wega, que na Bienal de 1957, acabaria dividindo o prêmio nacional de desenho com o português Fernando de Lemos.

#### OS CONCRETISTAS

Mário Pedrosa, crítico de arte, dos mais argutos do Brasil, é o responsável por uma leva de mulheres que se tornam conhecidas como concretistas. Esse "levante" concretista teve maior desenvolvimento no Rio, onde o crítico reside. Mário Pedrosa introduz conceitos e teorias do concretismo, o que resulta numa intensa pesquisa de forma que se processa de alguns anos para cá nas artes brasileiras. Ligia Clark, Ligia Pape, Vera Bocaiúva, Vera Tormenta foram o núcleo desse grupo, no qual se inscreve também Abraham Palatnik (cuja máquina de imagens figura na V Bienal). Ligia Clark é figura obrigatória nos salões de concretistas e na Bienal. Infelizmente seus trabalhos chegam a um extremo de linhas quebradas e círculos quebrados e nada mais. Ligia Pape, ao contrário da Clark, trabalha em gravura com grande desenvoltura. O grupo concretista do Rio, além de incentivado por Pedrosa, tem o apoio do suplemento literário de um grande jornal carioca. O grupo de S. Paulo (que ouviu da boca de Max Bill algumas observações duras, durante a II Bienal), não tem grande consistência nem projeção. Deste grupo fazem parte ainda duas mulheres, Judith Lauand e Mona Gorovitz. Tachismo também para o Brasil.

Porém maior do que os grupos concretista, neo-concretista e abstracionista juntos é o das tachistas, que seguem o roteiro das experiências de matéria e forma europeias e norte-americanas (com Burri, Pollock, Fontana, Trogaut Spiess etc). Sem temor de errar, pode-se dizer que quase todas as artistas de S. Paulo entregam-se atualmente, e com avidez, às experiências tachistas. Algumas delas chegam a realizar trabalhos interessantes e curiosos. Vejamos alguns exemplos. Maria Antonieta de Souza Barros, primitiva nos seus primeiros trabalhos, frequentou o atelier Abstração de Flexor, mas rompeu logo com a rigidez das régua. Atualmente faz pesquisas de tachismo, e alguns de seus mais recentes trabalhos têm interesse e revelam uma aguçada sensibilidade. Ismenia Coaracy prefere a pesquisa de material e cor - e suas telas nada devem às de um Trogaut Spiess, que realizou uma exposição no Museu de Arte Moderna. Alzira Pecorari realiza experiências que encerram entretanto um conteúdo mais rico. Evidentemente, em matéria do tachismo, a textura das formas varia de acordo com a técnica empregada e a sensibilidade do artista tem um papel fundamental no tratamento dessas combinações de cor e forma. E já que não é apenas obra do acaso, uma tela tachista depende da sensibilidade maior ou menos de quem a realiza. Daí técnicas de quem a realiza. Daí técnicas semelhantes aplicadas por artistas diferentemente diversas. É o caso de Alzira Pecorari que trabalhando com meios comuns consegue resultados interessantes. Como todo tachismo bem realizado, algumas de suas obras têm um sabor surrealista. Uma outra artista, Ernestina Karman criou a estereopintura, uma pesquisa e baixo-relevo estão interligados. Apenas da diversidade e da multiplicidade de materiais que ela emprega (do óleo à palha de aço) alguns de seus trabalhos têm unidade. Embora uma expressão que se traduz na mancha aparente (daí o termo tachismo), essa corrente parece ser a arte do futuro e lembra a nova literatura de ficção científica com suas sugestões subjetivas ou de mundos estranhos. O que não é impossível: os artistas traduzem sempre o estado psicológico de uma época e prevêem os avanços da humanidade. - R. A.



#### MORRE COM ANITA UM PERÍODO DA PINTURA

Pouca gente soube, durante o dia de ontem, da morte daquela que foi um dos marcos da pintura moderna brasileira: Anita Malfatti. O enterro sai hoje, às 8 horas, do necrotério da Santa Casa de Misericórdia, para o cemitério dos Protestantes (Rua Sergipe).

Anita estava enferma (deficiência de circulação) há tempos. Resistiu à doença, mesmo com sacrifício, continuou a sua atividade nos dois ateliês em largo de Diadema. No início desta semana o seu estado de saúde agravou-se, o que levou o dr. Hermeto Junior, seu parente e médico da Santa Casa da Misericórdia a levá-la, quarta-feira última, para aquele hospital. Em menos de 48 horas, porém, a grande artista sucumbira.

#### ESCANDALO EM 1917

Um dos capítulos mais curiosos da vida de Anita Malfatti é o que nos leva a atrasar o calendário para quase 50 anos atrás.

Em 1917 a então florescente pintora escandalizaria o mundo artístico e o público em geral, ao abrir uma exposição que fugia ao academicismo reinante, e que a transformaria num ponto capital para o aparecimento da arte moderna em nosso país. Aquela exposição, numa loja da rua Libero Badaró, suscitou violentas críticas e a pintora foi desde logo combatida pelos que não se conformavam com a linha da vanguarda por ela imposta. Logo mais surgiria (em 1922) a "Semana de Arte Moderna" em São Paulo.

#### CONTRA O ABSTRATO

Ultimamente Anita pouco aparecia pelas galerias, nas exposições. A enfermidade prendia-a à casa mas não a impedia de pintar.

Sempre tinha uma palavra de estímulo aos jovens. Respeitava o abstracionismo, mas nunca tentou enveredar por esse caminho. Em mais de 60 anos de labor nos ateliês, sempre se manteve fiel à sua temática de pintura figurativa eminentemente brasileira.

Certa vez contou que tentara pintar algumas telas de teor informal. Nada consegui - disse. Só fazia "o que sai do coração: anda de inventar o que está ao meu alcance".

#### AS BIENAS

A última exposição individual de Anita Malfatti foi em junho do ano passado, na Casa do Artista Plástico. Quatro meses mais tarde a Fundação Bienal de São Paulo prestava-lhe aquela que seria a sua última homenagem enquanto viva: uma sala especial, com uma grande retrospectiva de sua obra.

Era um balanço da generosa atividade da pintora durante mais de meio século, merecendo os quadros expostos motivo de satisfação e orgulho para todos os brasileiros. Curioso também é que Anita somente figurou na I Bienal de São Paulo. Nas depois - e nunca explicou por que assim agiu - não mais se interessou pelo certame internacional, provavelmente pela linha cada vez mais abstracionista de seus participantes. Somente na última Bienal, convidada pela Fundação, decidiu-se a fazer a retrospectiva.

#### ESTATÍSTICAS, NÃO

Sempre que lhe perguntavam quantas telas teria realizado, as exposições aqui e no exterior de que participou, Anita respondia:

"Isso não me recordo. Foram tantas..." Nunca quis dizer, apesar das aparências irretorquíveis (quadros por todos os lados em seu ateliê, dezenas começados, outros pelo meio, outros mais por terminar) se produzia muito em seus ateliês. Desconversava: "Posso adiantar apenas que sempre pintei e nunca houve coisa de que mais gostasse do que pintar".

Quando não mexia com quadros, tintas e pincéis, geralmente agarrava-se aos livros. E nunca como ultimamente, segundo o dr. Hermeto, ela se afeiçoara tanto a Bíblia. Seus últimos trabalhos em Diadema são baseados nas bem-aventuras do Sermão da Montanha.

#### ESPERANÇA DESFEITA

Uma vez em Diadema, parou a este repórter que escrevesse:

"Pode anotar: o dia em que eu parar de pintar, eu morro".

#### ANITA MALFATTI - JOSÉ GERALDO VIEIRA

Anita está morta ali defronte; ali embaixo. Vejo-a aqui de cima. Para tanto a noite, a grande intrusa oportuna, armou com a chuva uma espécie de capela mortuária neste trecho que vai do largo do Arouche à rua Cesario Mota. Do alto do meu apartamento, na esquina da avenida Duque de Caxias, domino a Santa Casa, sujos pavilhões de tijolos vermelhos vislumbro depois das árvores, como estrias de pigmentos através de magmas de clorofila ondulante.

Sei que Anita está morta no centro do cenário lugubre que parece construído cor Corinth, seu velho mestre alemão. Na noite, esse exagrama ubíquo, a chuva, obedecendo aos acasos da partição do espaço, armou entidades geométricas que formam a perspectiva ou melhor, a grande absíde em cujo centro deve estar (mas não o descontínuo) o catafalco geito de cavaletes unidos, com suas colgaduras de telas.

Não vejo a artista. Nem sequer imagino vê-la. Seu corpo de matriarca já não interessa como unidade demográfica, visto que irá reunir-se a sucata de faneros daquela sua mão decepada na infância, como a destra de Jacopo da Barbari. Quanto a alma, foi unir-se a de Dona Belly e a de Samuel, que, como bom engenheiro disponível na eternidade, deve ter tido tempo para preparar o outro lado do triângulo isósceles onde ele e a esposa desde muito aguardavam a filha.

Aliás, ainda aqui no mundo já estavam habituados a sua ausência. Anita afastava-se deles, na mocidade, duas vezes em tarefas-tirocinios. Agora, a estas horas, os três, pais e filha, formam um tríptico naquela espécie de hemisfério de

Magdeburgo, que é o Graal.

Que restao então de Anita? Que é que estou velando aqui na noite, através da chuva?

Na "cimaise" que em anfiteatro a noite e a chuva estabeleceram lá embaixo, em redor da Santa Casa, veio a pintura de Anita Malfatti. Veio os cinquenta e três quadros que ela expôs em dezembro de 1917 em São Paulo. E veio as 46 unidades que ela expôs na VII Bienal.

O efeito carismático da sua morte na velhice tem o dom retrospectivo e prospectivo, portanto arcaico e imanente de recriar como protocolo funebre o museu imaginário de Anita Malfatti. Estou vendo uma sala de sobrado, numa cena de há quarenta e sete anos: sujeitos aburguesados retiram de algumas telas os cartões de "adquirido" que haviam fincado entre a moldura e o "passe-partout"; e isso porque tendo intuitivamente fostado das telas, leram, depois, os anatemas de Monteiro Lobato. Sim, estou vendo, em outra cena, um certo Andrade, Maio de nome batismal, defender em atitude polêmica a arte de Anita. Depois, outras cenas vejo, que se confundem como "flashbacks" de filme, impossível de ser enrolado.

No hemisiciclo da noite e da chuva, do qual a Santa Casa é o retábulo e a treva a atmosfera, vejo dispostas as telas e os desenhos de Anita Malfatti. De maneira que esta noite de 6 de novembro, sendo substancia compacta de luto, também é atmosfera translúcida de apoteose, porque a arte de Anita, antes de recolher-se a arquivos históricos como verbetes de fauvismo e de expressionismo, comparece ao velório. Eis que irrompem das nesgas de 1917 e 18, "A Mulher de Cabelo Verde", "A Boba", "O Homem Amarelo", "A Estudante Russa", "O Japonês". E das nesgas de 22, como é natural "As Flores". A praça, as ruas, a Santa Casa, os arranha-ceus seu banham de violentos fulgores, porque sai da nesga de 24 a tela "O Farol".

A noite se torna uma concha acustica onde ressoa não como marcha funebre, porém liricamente, como toada boemia de 26, a "Canção Montmartre". Dos outros quadros que vão surgindo e se arrumando, em louvável flexibilidade, aparecem espécies de gomos luminosos, dir-se-ia uma contribuição de Delaunay: "A Moça do Xale", "A Dama Azul". Eis que se escava a noite, ante a ousadia do caterpillar da imaginação, e se encrava aqui "O Porto de Monaco", seguida pela constelação telurica de "Os Lagos Italianos".

Por entre essas partições geodesicas, novamente figuras humanas, "Nonê", "Georgina", "Estela". E de súbito pasmo e me concentro, tomado pela curiosidade e emoção maior, porque reconheço uma tela de 1922. É o "Retrato de Mário de Andrade".

Claro, amigos, que ele não podia deixar de comparecer, mesmo mediante todos os absurdos póstumos. Pois foi Mario quem tomou justa responsabilidade de determinar, como um dogma, que Anita era a pioneira de arte moderna no Brasil.

Se Lasar Segall, seu amigo e companheiro do SPAM, expôs em abril de 1913 apresentando material cubista e expressionista, o certame ficou confinado a uma roda, foi facilmente admirado pelos "happy few", não despertando polêmica para a qual não estávamos preparados naquela aura de pré-guerra. Mas a exposição de Anita, em 17, causou celeuma, brigas, protestos e entusiasmos, tendo sido a "repetition générale", isto é, o ensaio para a Semana de Arte de 22. A última vez que, antes do gradual litúrgico desta noite, vi quadros de Anita foi durante a VII Bienal. Isso em 63, portanto, numa perspectiva suficiente para situá-la não em arranjo de homenagem oficial, mas segundo a virtualidade de sua tarefa cumprida.

Distingo três período em Anita. O propedeutico, ensinado e absorvido, foi de teor expressionista; porém, paralelo a esse, há em hipostase o segundo teor, o delaunayano, isto é, o policromático, de plasma e de magma fibrante, com evolução do fauvismo candido de telas brasileiras, ecológicas, da classe inefável de "Casamentinho" e "Itanhaem".

Mas eis que nesta capela ardente, que deveras é parusia bem mais do que circulo em redor dum catafalco, se dispõem os desenhos de Anita Malfatti, como resíduos sollos, quais folhas secas de requiem. São desenhos que parecem haver caído ali, vindo todos da coleção de Mario de Andrade na rua Lopes Chaves.

Estes desenhos e estas telas, como numa orquestra o'tutti, emudecem sob o gesto do ordenador das ideias e dos numeros, das formas e das cores. É que, nesta madrugada lugubre e paradoxalmente apoteótica, a mão que deixou há décadas o pinho de Anita emerge duma redoma do Limbo e se encaixa em seu antebraço, como num ícone de marfim uma açucena.

Quem */faz* ARTE */e* noticia



suplemento feminino

Mesmo para quem não tem o hábito de ver televisão, ou não tem tempo de ter o hábito de ver televisão, é fácil avaliar a importância dos prêmios Roquette Pinto pela repercussão que a festa causa entre os profissionais do ramo. Anualmente, a entrega dos prêmios é a maior alegria que os premiados podem ter, já que concretiza todas as alegrias que eles possam ter tido durante um ano inteiro de trabalho.

Pois foi sábado passado, no Teatro Record, a festa de entrega dos prêmios Roquette Pinto para os melhores de 1964. Citar a lista dos roquetteados seria enfadonho. Criticá-lo seria pretensioso, já que esta coluna não é especializada em coisa alguma que diga respeito à televisão, exceto — talvez — uma sincera boa-vontade. Resta, então, comentar a participação de nomes tão ligados ao show-business quanto à televisão propriamente dita.

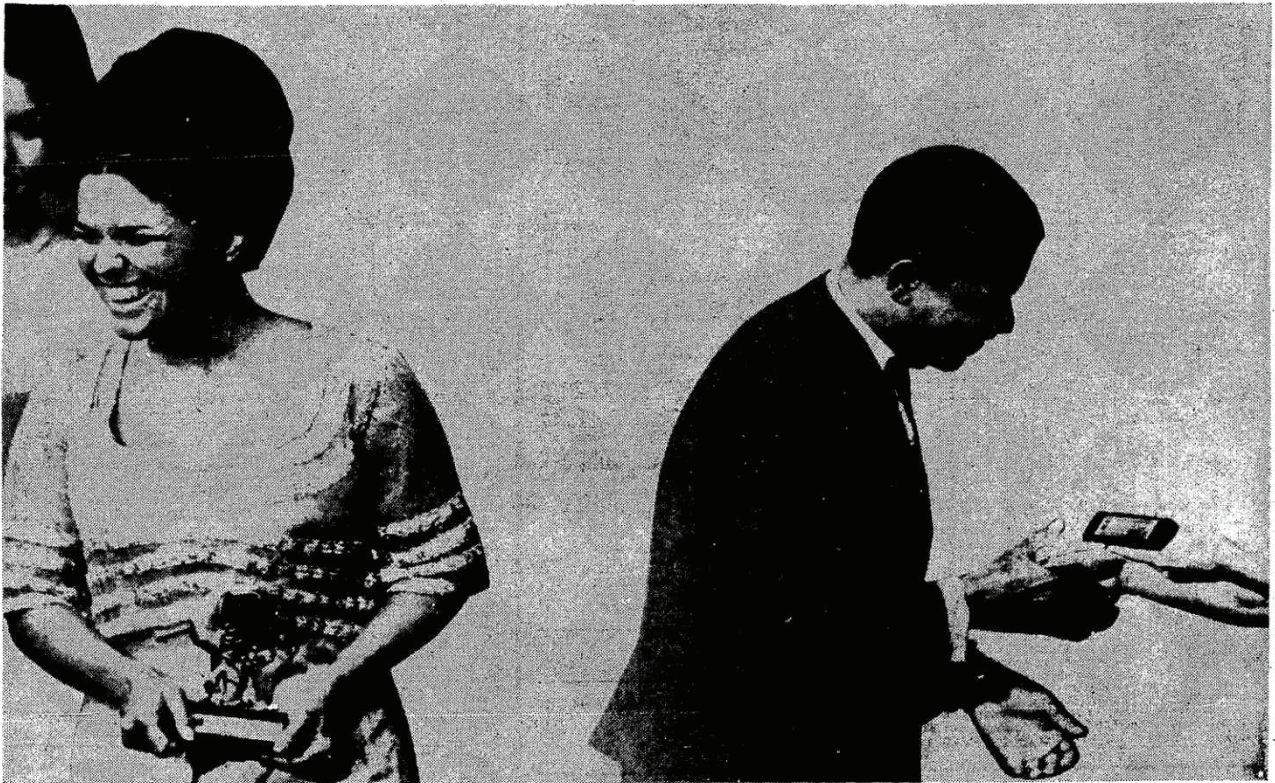
Ellis Regina, por exemplo. É o sucesso do momento: há uma semana venceu o I Festival Nacional da Música Popular Brasileira, defendendo uma música de Vinícius e Edu Lobo. Uma graça de menina, canta com uma voz linda, canta com o corpo, com os olhos, com um sorriso largo de alegria de quem faz o que quer, e de quem sabe fazer bem o que quer. Jair Rodrigues, outro exemplo. É o grande representante de São Paulo na interpretação do samba. Seu forte não é a voz, mas é a ginga maliciosa já celebrizada em "deixe que diguem, que falem, que pensem".

Simonal ganhou um prêmio de revelação, mas já é uma consagração. Reune sozinho duas qualidades que a maioria dos seus colegas só tem uma de cada vez: a voz mais pura, o balanço mais autêntico. Quanto ao Zimbo Trio, todo mundo já sabe: são praticamente virtuosos os rapazes que produzem a melhor música moderna brasileira do momento.

Estas coisas todas já foram ditas aqui mais de uma vez, mas é bom vê-las confirmadas por uma premiação do nível do Roquette Pinto. Significa que a nossa boa música conta com o poderoso veículo que é a televisão para expandir-se ainda mais. Desculpe o tom sério, mas a situação de nossa música popular é uma coisa muito séria. E quando a gente a vê tratada com igual seriedade, tem vontade de falar sério também, caramba!

THOMAZ SOUTO CORREA

## PRÊMIO PARA IMAGEM VALORIZA O MELHOR SOM



Ellis Regina e Simonal; ali mais acima ainda, o Zimbo Trio.

PRÊMIO PARA IMAGEM VALORIZA O MELHOR SOM  
Thomaz Souto Correa

Mesmo para quem não tem o hábito de ver televisão, ou não tem tempo de ter o hábito de ver televisão, é fácil avaliar a importância dos prêmios Roquette Pinto pela repercussão que a festa causa entre os profissionais do ramo. Anualmente, a entrega dos prêmios é a maior alegria que os premiados podem ter, já que concretiza todas as alegrias que eles possam ter tido durante um ano inteiro de trabalho.

Pois foi sábado passado, no Teatro Record, a festa de entrega dos prêmios Roquette Pinto para os melhores de 1964. Citar a lista dos roquetteados seria enfadonho. Criticá-lo seria pretensioso, já que esta coluna não é especializada em coisa alguma que diga respeito à televisão, ligados ao show business quanto à televisão propriamente dita.

Elis Regina, por exemplo. É o sucesso do momento: há uma semana venceu o I Festival Nacional da Música Popular Brasileira, defendendo uma música de Vinicius e Edu Lobo. Uma graça de menina, canta com uma voz linda, canta como o corpo, com os olhos, com um sorriso largo de alegria de quem faz o que quer, e de quem sabe fazer bem o que quer. Jair Rodrigues, outro exemplo. É o grande representante de São Paulo na interpretação do samba. Seu forte não é a voz, mas é a ginga maliciosa já celebrizada em "deixe que diguem, que falem, que pensem".

Simonal ganhou um prêmio revelação, mas já é uma consagração. Reune sozinho duas qualidades que a maioria dos seus colegas só tem uma de cada vez: a voz mais pura, o balanço mais autêntico. Quanto ao Zimbo Trio, todo mundo já sabe: são praticamente virtuosos os rapazes que produzem a melhor música moderna brasileira do momento.

Estas coisas todas já foram aqui mais de uma vez, mas é bom vê-las confirmadas por uma premiação do nível do Roquette Pinto. Significa que a nossa boa música conta com o poderoso veículo que é a televisão para expandir-se ainda mais. Desculpe o tom sério, mas a situação de nossa música popular é uma coisa muito séria. E quando a gente a vê tratada com igual seriedade, tem vontade de falar sério também, caramba!

### Como foi a festa do "Roquete"

A festa de encerramento dos trabalhos da "Folha de S. Paulo" em 1966, realizada no dia 9 de março, foi uma noite de muita alegria e confraternização. O evento contou com a presença de milhares de pessoas, incluindo funcionários, familiares e amigos. A programação foi diversificada, com apresentações musicais, dança e discursos. O clima foi de festa e união, refletindo o sucesso alcançado pela publicação durante o ano.

Em meio a tanta festa, não faltaram momentos de homenagem e reconhecimento. O diretor da publicação destacou o trabalho de todos os envolvidos, especialmente os colaboradores que fizeram parte da equipe durante o ano. A noite terminou com muita música e dança, deixando todos com o coração leve e cheio de boas lembranças.



Elis Regina, a melhor cantora da televisão em 66, segura seu "Roquete" entre as apresentadoras Vilma Chantrel (à esquerda) e Gláucia de Oliveira.

## TV - RADIO - SHOW

### CINEMA - TEATRO - MUSICA - DISCOS

#### CHELPA, ARAME OU TUNCUM (Fantasma Por Acasos)

Um novo espetáculo de teatro e música, "Chelpa, Arame ou Tuncum", está sendo apresentado no teatro local. O espetáculo é uma adaptação de uma obra clássica, com uma trilha sonora original e uma direção inovadora. O elenco é formado por artistas de renome, e a produção promete ser uma experiência única para o público. As apresentações são realizadas regularmente, com horários fixados para facilitar o acesso dos espectadores.

### TEATRO

#### "Flor de Cactus" virá em abril para o TBC

O teatro local se prepara para receber o espetáculo "Flor de Cactus" em abril. O espetáculo é uma obra de teatro que aborda temas sociais e emocionais, com uma linguagem acessível e uma mensagem poderosa. A produção é considerada uma das melhores do ano, e promete atrair um grande público. O teatro local está trabalhando para garantir o melhor ambiente possível para a apresentação.

### MUSICA

#### Stella Schic: sucesso na Europa

A cantora Stella Schic alcançou um grande sucesso na Europa, tornando-se uma das artistas mais populares da região. Seu estilo musical, caracterizado por melodias envolventes e letras emocionantes, conquistou o coração dos ouvintes em vários países. Ela realizou diversas apresentações em grandes arenas, sempre recebendo uma recepção entusiasmada. Seu trabalho é considerado uma obra-prima da música contemporânea.

### ADONIS

Adonís é uma publicação especializada em notícias e análises sobre o cenário econômico e social. O conteúdo é atualizado diariamente, oferecendo aos leitores informações valiosas e perspectivas únicas sobre os acontecimentos do mundo. A publicação é considerada uma referência para quem deseja se manter informado sobre as últimas notícias e tendências do mercado.

### Filme tcheco obtém sucesso em Mar del Plata

Um filme tcheco, "Luz Lara - Evolução para a Polónia", obteve um grande sucesso em Mar del Plata. O filme, que aborda temas de desenvolvimento e transformação social, foi muito bem recebido pelo público local. A produção é considerada uma das melhores do ano, e promete atrair um grande público. O filme foi exibido em várias salas de cinema, sempre lotado de espectadores.

### Cinema educativo na FOLHA

O cinema educativo está sendo promovido através da publicação "Folha". O projeto visa oferecer ao público conteúdos de qualidade que abordem temas importantes da sociedade, como educação, saúde e meio ambiente. As produções são selecionadas com cuidado, visando proporcionar uma experiência enriquecedora e informativa para os espectadores. O projeto é considerado uma iniciativa pioneira e muito bem-sucedida.

EXPRESSÃO MÁXIMA DE QUALIDADE  
**PIANO FRITZ DOBBERT**

**VEJA COMO É FACIL RENOVAR A ASSINATURA DA FOLHA DE S. PAULO**

**ASSINATURA DA FOLHA RENOVA-SE EM BANCO**

Nada de tomar condução  
Nada de esperar cobrador  
Facil agora é renovar a assinatura da sua FOLHA DE S. PAULO

**BANCOS E AGÊNCIAS ONDE V. RENOVA SUA ASSINATURA**

Banco Amil de São Paulo S.A.  
Banco Bandeirantes de Comércio S.A.  
Banco Bradesco de São Paulo S.A.  
Banco Comercial do Brasil S.A.  
Banco Itaú de São Paulo S.A.  
Banco Nacional de São Paulo S.A.  
Banco Nacional de Comércio de São Paulo S.A.  
Banco Nacional de Minas Gerais S.A.  
Banco Nacional do Rio de Janeiro S.A.  
Banco Nacional do Espírito Santo S.A.  
Banco Nacional do Paraná S.A.  
Banco Nacional do Rio Grande do Sul S.A.  
Banco Nacional do Mato Grosso do Sul S.A.  
Banco Nacional do Acre S.A.  
Banco Nacional do Roraima S.A.  
Banco Nacional do Amapá S.A.  
Banco Nacional do Tocantins S.A.  
Banco Nacional do Maranhão S.A.  
Banco Nacional do Piauí S.A.  
Banco Nacional do Ceará S.A.  
Banco Nacional do Rio Grande do Norte S.A.  
Banco Nacional do Paraíba S.A.  
Banco Nacional do Pernambuco S.A.  
Banco Nacional do Alagoas S.A.  
Banco Nacional do Sergipe S.A.  
Banco Nacional do Mato Grosso S.A.  
Banco Nacional do Goiás S.A.  
Banco Nacional do Distrito Federal S.A.

**HOJE NA TV**

TV-2	TV-5	TV-9
19h30 - Jornal da Manhã	19h30 - Jornal da Manhã	19h30 - Jornal da Manhã
20h00 - Jornal da Manhã	20h00 - Jornal da Manhã	20h00 - Jornal da Manhã
20h30 - Jornal da Manhã	20h30 - Jornal da Manhã	20h30 - Jornal da Manhã
21h00 - Jornal da Manhã	21h00 - Jornal da Manhã	21h00 - Jornal da Manhã
21h30 - Jornal da Manhã	21h30 - Jornal da Manhã	21h30 - Jornal da Manhã
22h00 - Jornal da Manhã	22h00 - Jornal da Manhã	22h00 - Jornal da Manhã
22h30 - Jornal da Manhã	22h30 - Jornal da Manhã	22h30 - Jornal da Manhã
23h00 - Jornal da Manhã	23h00 - Jornal da Manhã	23h00 - Jornal da Manhã
23h30 - Jornal da Manhã	23h30 - Jornal da Manhã	23h30 - Jornal da Manhã
00h00 - Jornal da Manhã	00h00 - Jornal da Manhã	00h00 - Jornal da Manhã
00h30 - Jornal da Manhã	00h30 - Jornal da Manhã	00h30 - Jornal da Manhã
01h00 - Jornal da Manhã	01h00 - Jornal da Manhã	01h00 - Jornal da Manhã
01h30 - Jornal da Manhã	01h30 - Jornal da Manhã	01h30 - Jornal da Manhã
02h00 - Jornal da Manhã	02h00 - Jornal da Manhã	02h00 - Jornal da Manhã
02h30 - Jornal da Manhã	02h30 - Jornal da Manhã	02h30 - Jornal da Manhã
03h00 - Jornal da Manhã	03h00 - Jornal da Manhã	03h00 - Jornal da Manhã
03h30 - Jornal da Manhã	03h30 - Jornal da Manhã	03h30 - Jornal da Manhã
04h00 - Jornal da Manhã	04h00 - Jornal da Manhã	04h00 - Jornal da Manhã
04h30 - Jornal da Manhã	04h30 - Jornal da Manhã	04h30 - Jornal da Manhã
05h00 - Jornal da Manhã	05h00 - Jornal da Manhã	05h00 - Jornal da Manhã
05h30 - Jornal da Manhã	05h30 - Jornal da Manhã	05h30 - Jornal da Manhã
06h00 - Jornal da Manhã	06h00 - Jornal da Manhã	06h00 - Jornal da Manhã
06h30 - Jornal da Manhã	06h30 - Jornal da Manhã	06h30 - Jornal da Manhã
07h00 - Jornal da Manhã	07h00 - Jornal da Manhã	07h00 - Jornal da Manhã
07h30 - Jornal da Manhã	07h30 - Jornal da Manhã	07h30 - Jornal da Manhã
08h00 - Jornal da Manhã	08h00 - Jornal da Manhã	08h00 - Jornal da Manhã
08h30 - Jornal da Manhã	08h30 - Jornal da Manhã	08h30 - Jornal da Manhã
09h00 - Jornal da Manhã	09h00 - Jornal da Manhã	09h00 - Jornal da Manhã
09h30 - Jornal da Manhã	09h30 - Jornal da Manhã	09h30 - Jornal da Manhã
10h00 - Jornal da Manhã	10h00 - Jornal da Manhã	10h00 - Jornal da Manhã
10h30 - Jornal da Manhã	10h30 - Jornal da Manhã	10h30 - Jornal da Manhã
11h00 - Jornal da Manhã	11h00 - Jornal da Manhã	11h00 - Jornal da Manhã
11h30 - Jornal da Manhã	11h30 - Jornal da Manhã	11h30 - Jornal da Manhã
12h00 - Jornal da Manhã	12h00 - Jornal da Manhã	12h00 - Jornal da Manhã
12h30 - Jornal da Manhã	12h30 - Jornal da Manhã	12h30 - Jornal da Manhã
13h00 - Jornal da Manhã	13h00 - Jornal da Manhã	13h00 - Jornal da Manhã
13h30 - Jornal da Manhã	13h30 - Jornal da Manhã	13h30 - Jornal da Manhã
14h00 - Jornal da Manhã	14h00 - Jornal da Manhã	14h00 - Jornal da Manhã
14h30 - Jornal da Manhã	14h30 - Jornal da Manhã	14h30 - Jornal da Manhã
15h00 - Jornal da Manhã	15h00 - Jornal da Manhã	15h00 - Jornal da Manhã
15h30 - Jornal da Manhã	15h30 - Jornal da Manhã	15h30 - Jornal da Manhã
16h00 - Jornal da Manhã	16h00 - Jornal da Manhã	16h00 - Jornal da Manhã
16h30 - Jornal da Manhã	16h30 - Jornal da Manhã	16h30 - Jornal da Manhã
17h00 - Jornal da Manhã	17h00 - Jornal da Manhã	17h00 - Jornal da Manhã
17h30 - Jornal da Manhã	17h30 - Jornal da Manhã	17h30 - Jornal da Manhã
18h00 - Jornal da Manhã	18h00 - Jornal da Manhã	18h00 - Jornal da Manhã
18h30 - Jornal da Manhã	18h30 - Jornal da Manhã	18h30 - Jornal da Manhã
19h00 - Jornal da Manhã	19h00 - Jornal da Manhã	19h00 - Jornal da Manhã
19h30 - Jornal da Manhã	19h30 - Jornal da Manhã	19h30 - Jornal da Manhã
20h00 - Jornal da Manhã	20h00 - Jornal da Manhã	20h00 - Jornal da Manhã
20h30 - Jornal da Manhã	20h30 - Jornal da Manhã	20h30 - Jornal da Manhã
21h00 - Jornal da Manhã	21h00 - Jornal da Manhã	21h00 - Jornal da Manhã
21h30 - Jornal da Manhã	21h30 - Jornal da Manhã	21h30 - Jornal da Manhã
22h00 - Jornal da Manhã	22h00 - Jornal da Manhã	22h00 - Jornal da Manhã
22h30 - Jornal da Manhã	22h30 - Jornal da Manhã	22h30 - Jornal da Manhã
23h00 - Jornal da Manhã	23h00 - Jornal da Manhã	23h00 - Jornal da Manhã
23h30 - Jornal da Manhã	23h30 - Jornal da Manhã	23h30 - Jornal da Manhã
00h00 - Jornal da Manhã	00h00 - Jornal da Manhã	00h00 - Jornal da Manhã
00h30 - Jornal da Manhã	00h30 - Jornal da Manhã	00h30 - Jornal da Manhã
01h00 - Jornal da Manhã	01h00 - Jornal da Manhã	01h00 - Jornal da Manhã
01h30 - Jornal da Manhã	01h30 - Jornal da Manhã	01h30 - Jornal da Manhã
02h00 - Jornal da Manhã	02h00 - Jornal da Manhã	02h00 - Jornal da Manhã
02h30 - Jornal da Manhã	02h30 - Jornal da Manhã	02h30 - Jornal da Manhã
03h00 - Jornal da Manhã	03h00 - Jornal da Manhã	03h00 - Jornal da Manhã
03h30 - Jornal da Manhã	03h30 - Jornal da Manhã	03h30 - Jornal da Manhã
04h00 - Jornal da Manhã	04h00 - Jornal da Manhã	04h00 - Jornal da Manhã
04h30 - Jornal da Manhã	04h30 - Jornal da Manhã	04h30 - Jornal da Manhã
05h00 - Jornal da Manhã	05h00 - Jornal da Manhã	05h00 - Jornal da Manhã
05h30 - Jornal da Manhã	05h30 - Jornal da Manhã	05h30 - Jornal da Manhã
06h00 - Jornal da Manhã	06h00 - Jornal da Manhã	06h00 - Jornal da Manhã
06h30 - Jornal da Manhã	06h30 - Jornal da Manhã	06h30 - Jornal da Manhã
07h00 - Jornal da Manhã	07h00 - Jornal da Manhã	07h00 - Jornal da Manhã
07h30 - Jornal da Manhã	07h30 - Jornal da Manhã	07h30 - Jornal da Manhã
08h00 - Jornal da Manhã	08h00 - Jornal da Manhã	08h00 - Jornal da Manhã
08h30 - Jornal da Manhã	08h30 - Jornal da Manhã	08h30 - Jornal da Manhã
09h00 - Jornal da Manhã	09h00 - Jornal da Manhã	09h00 - Jornal da Manhã
09h30 - Jornal da Manhã	09h30 - Jornal da Manhã	09h30 - Jornal da Manhã
10h00 - Jornal da Manhã	10h00 - Jornal da Manhã	10h00 - Jornal da Manhã
10h30 - Jornal da Manhã	10h30 - Jornal da Manhã	10h30 - Jornal da Manhã
11h00 - Jornal da Manhã	11h00 - Jornal da Manhã	11h00 - Jornal da Manhã
11h30 - Jornal da Manhã	11h30 - Jornal da Manhã	11h30 - Jornal da Manhã
12h00 - Jornal da Manhã	12h00 - Jornal da Manhã	12h00 - Jornal da Manhã
12h30 - Jornal da Manhã	12h30 - Jornal da Manhã	12h30 - Jornal da Manhã
13h00 - Jornal da Manhã	13h00 - Jornal da Manhã	13h00 - Jornal da Manhã
13h30 - Jornal da Manhã	13h30 - Jornal da Manhã	13h30 - Jornal da Manhã
14h00 - Jornal da Manhã	14h00 - Jornal da Manhã	14h00 - Jornal da Manhã
14h30 - Jornal da Manhã	14h30 - Jornal da Manhã	14h30 - Jornal da Manhã
15h00 - Jornal da Manhã	15h00 - Jornal da Manhã	15h00 - Jornal da Manhã
15h30 - Jornal da Manhã	15h30 - Jornal da Manhã	15h30 - Jornal da Manhã
16h00 - Jornal da Manhã	16h00 - Jornal da Manhã	16h00 - Jornal da Manhã
16h30 - Jornal da Manhã	16h30 - Jornal da Manhã	16h30 - Jornal da Manhã
17h00 - Jornal da Manhã	17h00 - Jornal da Manhã	17h00 - Jornal da Manhã
17h30 - Jornal da Manhã	17h30 - Jornal da Manhã	17h30 - Jornal da Manhã
18h00 - Jornal da Manhã	18h00 - Jornal da Manhã	18h00 - Jornal da Manhã
18h30 - Jornal da Manhã	18h30 - Jornal da Manhã	18h30 - Jornal da Manhã
19h00 - Jornal da Manhã	19h00 - Jornal da Manhã	19h00 - Jornal da Manhã
19h30 - Jornal da Manhã	19h30 - Jornal da Manhã	19h30 - Jornal da Manhã
20h00 - Jornal da Manhã	20h00 - Jornal da Manhã	20h00 - Jornal da Manhã
20h30 - Jornal da Manhã	20h30 - Jornal da Manhã	20h30 - Jornal da Manhã
21h00 - Jornal da Manhã	21h00 - Jornal da Manhã	21h00 - Jornal da Manhã
21h30 - Jornal da Manhã	21h30 - Jornal da Manhã	21h30 - Jornal da Manhã
22h00 - Jornal da Manhã	22h00 - Jornal da Manhã	22h00 - Jornal da Manhã
22h30 - Jornal da Manhã	22h30 - Jornal da Manhã	22h30 - Jornal da Manhã
23h00 - Jornal da Manhã	23h00 - Jornal da Manhã	23h00 - Jornal da Manhã
23h30 - Jornal da Manhã	23h30 - Jornal da Manhã	23h30 - Jornal da Manhã
00h00 - Jornal da Manhã	00h00 - Jornal da Manhã	00h00 - Jornal da Manhã
00h30 - Jornal da Manhã	00h30 - Jornal da Manhã	00h30 - Jornal da Manhã
01h00 - Jornal da Manhã	01h00 - Jornal da Manhã	01h00 - Jornal da Manhã
01h30 - Jornal da Manhã	01h30 - Jornal da Manhã	01h30 - Jornal da Manhã
02h00 - Jornal da Manhã	02h00 - Jornal da Manhã	02h00 - Jornal da Manhã
02h30 - Jornal da Manhã	02h30 - Jornal da Manhã	02h30 - Jornal da Manhã
03h00 - Jornal da Manhã	03h00 - Jornal da Manhã	03h00 - Jornal da Manhã
03h30 - Jornal da Manhã	03h30 - Jornal da Manhã	03h30 - Jornal da Manhã
04h00 - Jornal da Manhã	04h00 - Jornal da Manhã	04h00 - Jornal da Manhã
04h30 - Jornal da Manhã	04h30 - Jornal da Manhã	04h30 - Jornal da Manhã
05h00 - Jornal da Manhã	05h00 - Jornal da Manhã	05h00 - Jornal da Manhã
05h30 - Jornal da Manhã	05h30 - Jornal da Manhã	05h30 - Jornal da Manhã
06h00 - Jornal da Manhã	06h00 - Jornal da Manhã	06h00 - Jornal da Manhã
06h30 - Jornal da Manhã	06h30 - Jornal da Manhã	06h30 - Jornal da Manhã
07h00 - Jornal da Manhã	07h00 - Jornal da Manhã	07h00 - Jornal da Manhã
07h30 - Jornal da Manhã	07h30 - Jornal da Manhã	07h30 - Jornal da Manhã
08h00 - Jornal da Manhã	08h00 - Jornal da Manhã	08h00 - Jornal da Manhã
08h30 - Jornal da Manhã	08h30 - Jornal da Manhã	08h30 - Jornal da Manhã
09h00 - Jornal da Manhã	09h00 - Jornal da Manhã	09h00 - Jornal da Manhã
09h30 - Jornal da Manhã	09h30 - Jornal da Manhã	09h30 - Jornal da Manhã
10h00 - Jornal da Manhã	10h00 - Jornal da Manhã	10h00 - Jornal da Manhã
10h30 - Jornal da Manhã	10h30 - Jornal da Manhã	10h30 - Jornal da Manhã
11h00 - Jornal da Manhã	11h00 - Jornal da Manhã	11h00 - Jornal da Manhã
11h30 - Jornal da Manhã	11h30 - Jornal da Manhã	11h30 - Jornal da Manhã
12h00 - Jornal da Manhã	12h00 - Jornal da Manhã	12h00 - Jornal da Manhã
12h30 - Jornal da Manhã	12h30 - Jornal da Manhã	12h30 - Jornal da Manhã
13h00 - Jornal da Manhã	13h00 - Jornal da Manhã	13h00 - Jornal da Manhã
13h30 - Jornal da Manhã	13h30 - Jornal da Manhã	13h30 - Jornal da Manhã
14h00 - Jornal da Manhã	14h00 - Jornal da Manhã	14h00 - Jornal da Manhã
14h30 - Jornal da Manhã	14h30 - Jornal da Manhã	14h30 - Jornal da Manhã
15h00 - Jornal da Manhã	15h00 - Jornal da Manhã	15h00 - Jornal da Manhã
15h30 - Jornal da Manhã	15h30 - Jornal da Manhã	15h30 - Jornal da Manhã
16h00 - Jornal da Manhã	16h00 - Jornal da Manhã	16h00 - Jornal da Manhã
16h30 - Jornal da Manhã	16h30 - Jornal da Manhã	16h30 - Jornal da Manhã
17h00 - Jornal da Manhã	17h00 - Jornal da Manhã	17h00 - Jornal da Manhã
17h30 - Jornal da Manhã	17h30 - Jornal da Manhã	17h30 - Jornal da Manhã
18h00 - Jornal da Manhã	18h00 - Jornal da Manhã	18h00 - Jornal da Manhã
18h30 - Jornal da Manhã	18h30 - Jornal da Manhã	18h30 - Jornal da Manhã
19h00 - Jornal da Manhã	19h00 - Jornal da Manhã	19h00 - Jornal da Manhã
19h30 - Jornal da Manhã	19h30 - Jornal da Manhã	19h30 - Jornal da Manhã
20h00 - Jornal da Manhã	20h00 - Jornal da Manhã	20h00 - Jornal da Manhã
20h30 - Jornal da Manhã	20h30 - Jornal da Manhã	20h30 - Jornal da Manhã
21h00 - Jornal da Manhã	21h00 - Jornal da Manhã	21h00 - Jornal da Manhã
21h30 - Jornal da Manhã	21h30 - Jornal da Manhã	21h30 - Jornal da Manhã
22h00 - Jornal da Manhã	22h00 - Jornal da Manhã	22h00 - Jornal da Manhã
22h30 - Jornal da Manhã	22h30 - Jornal da Manhã	22h30 - Jornal da Manhã
23h00 - Jornal da Manhã	23h00 - Jornal da Manhã	23h00 - Jornal da Manhã
23h30 - Jornal da Manhã	23h30 - Jornal da Manhã	23h30 - Jornal da Manhã
00h00 - Jornal da Manhã	00h00 - Jornal da Manhã	00h00 - Jornal da Manhã
00h30 - Jornal da Manhã	00h30 - Jornal da Manhã	00h30 - Jornal da Manhã
01h00 - Jornal da Manhã	01h00 - Jornal da Manhã	01h00 - Jornal da Manhã
01h30 - Jornal da Manhã	01h30 - Jornal da Manhã	01h30 - Jornal da Manhã
02h00 - Jornal da Manhã	02h00 - Jornal da Manhã	02h00 - Jornal da Manhã
02h30 - Jornal da Manhã	02h30 - Jornal da Manhã	02h30 - Jornal da Manhã
03h00 - Jornal da Manhã	03h00 - Jornal da Manhã	03h00 - Jornal da Manhã
03h30 - Jornal da Manhã	03h30 - Jornal da Manhã	03h30 - Jornal da Manhã
04h00 - Jornal da Manhã	04h00 - Jornal da Manhã	04h00 - Jornal da Manhã
04h30 - Jornal da Manhã	04h30 - Jornal da Manhã	04h30 - Jornal da Manhã
05h00 - Jornal da Manhã	05h00 - Jornal da Manhã	05h00 - Jornal da Manhã
05h30 - Jornal da Manhã	05h30 - Jornal da Manhã	05h30 - Jornal da Manhã
06h00 - Jornal da Manhã	06h00 - Jornal da Manhã	06h00 - Jornal da Manhã
06h30 - Jornal da Manhã	06h30 - Jornal da Manhã	06h30 - Jornal da Manhã
07h00 - Jornal da Manhã	07h00 - Jornal da Manhã	07h00 - Jornal da Manhã
07h30 - Jornal da Manhã	07h30 - Jornal da Manhã	07h30 - Jornal da Manhã
08h00 - Jornal da Manhã	08h00 - Jornal da Manhã	08h00 - Jornal da Manhã
08h30 - Jornal da Manhã	08h30 - Jornal da Manhã	08h30 - Jornal da Manhã
09h00 - Jornal da Manhã	09h00 - Jornal da Manhã	09h00 - Jornal da Manhã
09h30 - Jornal da Manhã	09h30 - Jornal da Manhã	09h30 - Jornal da Manhã
10h00 - Jornal da Manhã	10h00 - Jornal da Manhã	10h00 - Jornal da Manhã
10h30 - Jornal da Manhã	10h30 - Jornal da Manhã	10h30 - Jornal da Manhã
11h00 - Jornal da Manhã	11h00 - Jornal da Manhã	11h00 - Jornal da Manhã
11h30 - Jornal da Manhã	11h30 - Jornal da Manhã	11h30 - Jornal da Manhã
12h00 - Jornal da Manhã	12h00 - Jornal da Manhã	12h00 - Jornal da Manhã
12h30 - Jornal da Manhã	12h30 - Jornal da Manhã	12h30 - Jornal da Manhã
13h00 - Jornal da Manhã	13h00 - Jornal da Manhã	13h00 - Jornal da Manhã
13h30 - Jornal da Manhã	13h30 - Jornal da Manhã	13h30 - Jornal da Manhã
14h00 - Jornal da Manhã	14h00 - Jornal da Manhã	14h00 - Jornal da Manhã
14h30 - Jornal da Manhã	14h30 - Jornal da Manhã	14h30 - Jornal da Manhã
15h00 - Jornal da Manhã	15h00 - Jornal da Manhã	15h00 - Jornal da Manhã
15h30 - Jornal da Manhã	15h30 - Jornal da Manhã	15h30 - Jornal da Manhã

## COMO FOI A FESTA DO ROQUETE

Quando o pano subiu, as apresentadoras Selmi Barbosa, Idalina de Oliveira, Vilma Chandler, Darci Carlota, Cidinha Campos e Marcia Maria, espetacularmente bem vestidas, introduziram o mestre de cerimônias Blota Jr., que falou pouco para passar logo à chamada dos roqueteados. Primeiro os de rádio, imediatamente depois os da televisão. Jair Rodrigues, melhor cantor, Hebe Camargo melhor apresentadora e Adonirã Barbosa melhor interprete cômico foram os mais aplaudidos no setor de rádio. (...) As roqueteadas estavam muito elegantes, principalmente Gloria Menezes, Hebe Camargo, Regina Duarte e Neide Alexandre. O vestido de Regina lhe foi presenteado em Campinas e quando Glória apareceu, muitos disseram: "ela está linda".

## O SHOW

(...)

Começou depois o quadro de "O Fino", com Elis Regina dizendo d alegria de voltar e apresentando Wilson Simonal.

## A MARGEM

Elis Regina, que não faz uma semana que voltou da Europa, ganhou a passagem São Paulo-Londres sorteada entre os roqueteados do "outrora sexo frágil", como disse Blota Jr





Elis Cada Vez Melhor  
Arthur Laranjeira

Quando apareceu, cantando Arrastão, ela marcou uma época na música popular brasileira: antes e depois de Elis Regina. Levou a bossa-nova dos apartamentos de Ipanema para um teatro de São Paulo. E desmentiu a frase de Vinicius de Moraes - "São Paulo é o túmulo do Samba". Com Jair Rodrigues ela fez muita gente vibrar, a música brasileira crescer. E criou um estilo de interpretação própria, o que antes só havia acontecido com outra cantora brasileira - que por sinal era portuguesa -, Carmen Miranda, A Pequena Notável.

Depois brigou com muita gente, excomungou Roberto Carlos, falou mal de Caetano Veloso e Gilberto Gil, defendeu a "autêntica música popular brasileira". Foi para Paris, fez sucesso. Voltou para o Brasil e continuou cantando e brigando mais e melhor do que nunca. Aos poucos foi amansando, revendo seus conceitos, procurando desdizer o que havia dito antes.

Essa é a incoerente e genial Elis Regina. A cantora que defende seus pontos de vista até o fim, mesmo quando está errada. Mas que também tem coragem de voltar atrás e cantar músicas de Roberto Carlos, elogiar Caetano, pedir desculpas pelo que disse e fez há algum tempo. A mulher que entra num palco e canta melhor do que ninguém "Se Você Pensa", "Irene", "Aquele Abraço". Músicas dos compositores que antes ela não gostava.

Agora nesse elepê - Em Pleno Verão -, lançado pela Philips, Elis Regina mostra mais uma vez que é a melhor cantora brasileira dos últimos tempos. A sua interpretação de "As Curvas da Estrada de Santos", de Roberto e Erasmo Carlos, "Fechado pra Balanço", de Gilberto Gil, "Não tenha medo", de Caetano Veloso, é simplesmente algo notável. Com a sua voz que é som, orquestra, instrumento, ela faz o que quer e transmite.

As duas faixas do elepê também são muito boas: "Vou deixar e Rolar", de Baden Powell e Paulo César Pinheiro; "Bicho do Mato", do Jorge Ben; "Verão Vermelho", Nonato Buzar; "Até Ai Morreu Neves", Jorge Ben; "Frevo", Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes; "These Are The Songs", Tim Maia, compositor revelado por ela; "Comunicação", Edson Alencar e Hélio Matheus e "Copacabana Velha de Guerra" de Joyce e Sergio Flaksman.

É uma Elis amadurecida, que sabe o que quer, que canta qualquer música, a cantora que aparece nesse elepê. Uma Elis Regina que vai deixar muita cantora com dor de cotovelo. E que mais uma vez vai ser chamada de mau-caráter.

Quarta-feira, 8 de julho de 1970

CINEMA



Roberto Carlos e o Diamante Cor de Rosa

ORLANDO L. FASSONI

Roberto Carlos sempre cantou de uma obrigação como se fosse para o público uma história de amor... Mas não dá para esquecer o fato de que Roberto Carlos sempre cantou de uma obrigação como se fosse para o público uma história de amor...

Críticos premiam filmes em Berlim

O filme sueco "En kärlekshistoria" dirigido por Ingmar Bergman... O filme francês "Le temps de l'indulgência" dirigido por Jean-Louis Godé...

Julgamento

Em 1968, o júri julgou o caso de um homem acusado de matar sua esposa... O julgamento foi marcado por várias surpresas...

Mitos do cinema fogem para o teatro

ROLLYWOOD (AP) — Quem quiser acreditar que a versão verificada que as salas de teatro de Broadway oferecem a oportunidade de ver em pessoa muitos dos seus favoritos da tela... Roberto Carlos sempre cantou de uma obrigação como se fosse para o público uma história de amor...

Que se já tinha esquecido a ocasião de atuar numa plateia real — declarou Klaus Kinski... Roberto Carlos sempre cantou de uma obrigação como se fosse para o público uma história de amor...

Pelé e Elis na França

O disco que Pelé gravou com Elis Regina vai ser lançado no Brasil... Pelé e Elis Regina vão ser lançados no Brasil...

LIVROS

Documentos de 100 anos achados em MG... Parta documentação histórica, para consulta e pesquisa, composta de 100 volumes encontrados em Minas Gerais...

Teatro

Paulo Goulart continua com o sucesso do monólogo... Paulo Goulart continua com o sucesso do monólogo "Coco"...

Artes

Nordeste faz a sua pré-Bienal... Mais de quarenta obras de arte, incluindo 16 de uma mostra retrospectiva do pintor Vitorino de Almeida...

TEATRO



Paulo Goulart em Santos

Paulo Goulart continua com o sucesso do monólogo "Coco"...

LIVROS

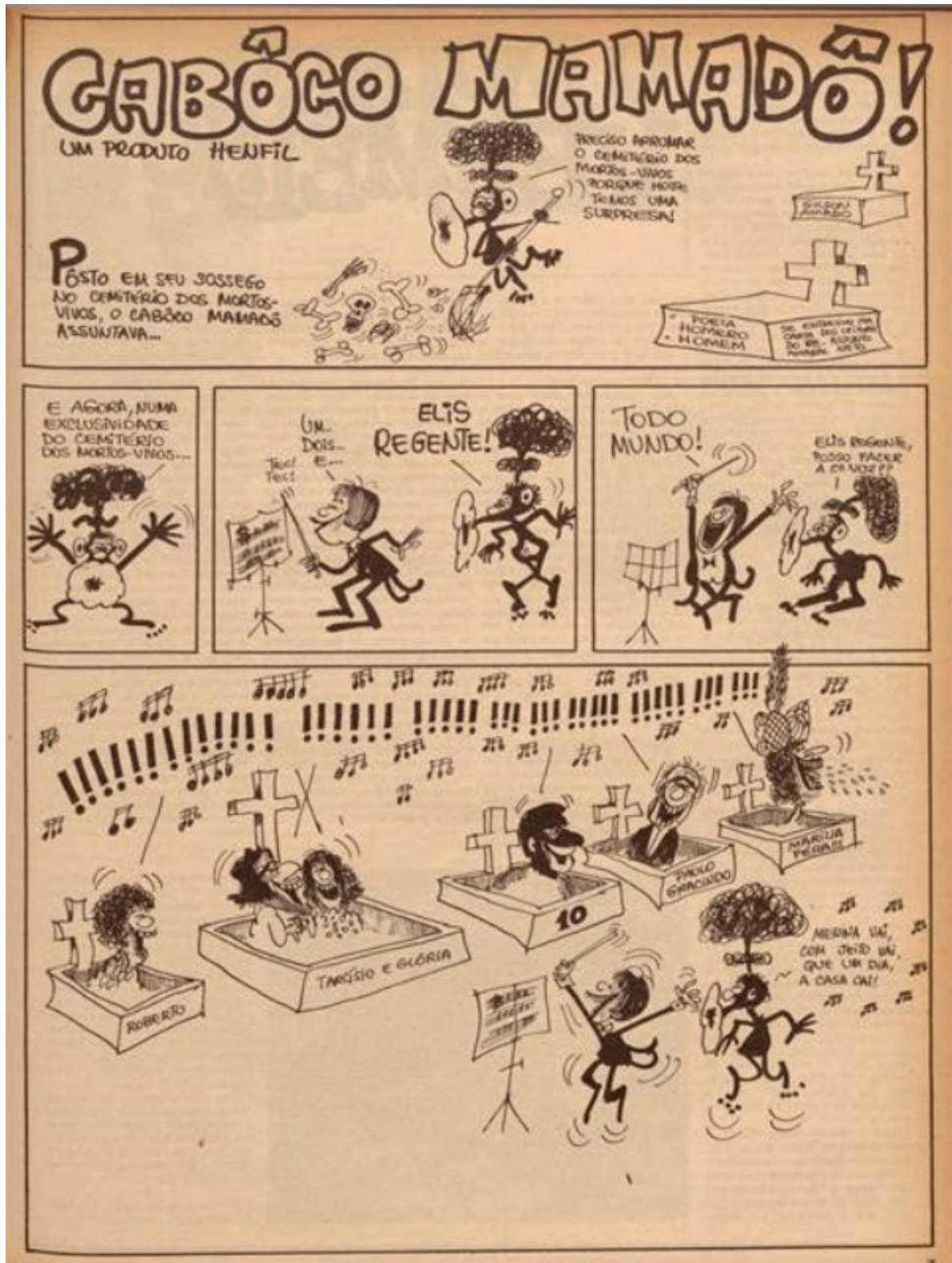
Documentos de 100 anos achados em MG

Parta documentação histórica, para consulta e pesquisa, composta de 100 volumes encontrados em Minas Gerais...

Artes

Nordeste faz a sua pré-Bienal

Mais de quarenta obras de arte, incluindo 16 de uma mostra retrospectiva do pintor Vitorino de Almeida...





Elis e Tom, num disco muito especial

Em absoluta primeira audição nacional a Folha Ilustrada ouviu o disco de Elis Regina e Tom Jobim gravado nos estúdios da MGM em Los Angeles. Roberto de Oliveira, empresário de Elis Regina ligou seu possante equipamento de som e o crítico Walter Silva ouviu este importante encontro dos dois maiores nomes da música popular brasileira.

Era muito importante e necessário o encontro. Só que os caminhos levavam Elis e Tom cada um para o seu lado, impedindo que o encontro se concretizasse. Ora os compromissos internacionais, ora as mudanças de cidade em cidade, diferentes circunstâncias não permitiam que nosso maior autor e nossa maior intérprete se fixassem juntos e trabalhassem.

Foi preciso que até o acaso contribuísse, para que, em Los Angeles, Elis e Tom se vissem dentro de um estúdio e nele unissem seus trabalhos. Muito mais do que um encontro histórico, foi um encontro de saudades. As saudades de Tom e as de Elis representavam a saudade de toda uma época importante para os destinos de nossa música popular. Esse instante ficou registrado. A Phonogram espera lançar o resultado do encontro em junho, quando, somado ao espetáculo que ambos farão (em apenas uma apresentação) no Teatro Municipal de São Paulo e ao show de Elis Regina no Teatro Maria Della Costa, muitos ficarão sabendo da importância desses dois nomes da divulgação de nossos usos e costumes musicais. Elis dizia:

- Tom me assusta um pouco. Sei não, mas é importante demais conviver com esse monstro sagrado de nossa música e a responsabilidade de gravar ao seu lado balança um pouco qualquer pessoa.

Depois de um rápido primeiro contato, Elis concluiu:

- Foi maravilhoso e Tom é divino. Nunca vi pessoa mais simples e encantadora. Ele é como suas músicas e estou muito à vontade, apesar de comovida.

Presentes ainda a cantora Eydie Gourmet, Eumir Deodato, Oscar Castro Neves, que até participou da gravação tocando violão em algumas faixas, e toda uma "patota" de músicos que lá foram para "curtir" o som brasileiro de Tom, Elis e César Camargo Mariano.

Houve um momento em que o técnico teve que pedir a alguns que se retirassem, pois estavam atrapalhando a gravação.

Nada foi antecipadamente preparado. As conversas iam surgindo, as músicas eram sugeridas e sendo gravadas.

Elis e Tom, mais Cesar Camargo Mariano, pareciam ter ensaiado a vida toda, tal a afinidade que os unia.

Ora no piano elétrico, ora no piano convencional, Tom e Cesar se revezavam e o balanço da "cozinha" ia-se entendendo com o que Elis queria para acompanhá-la.

Roberto de Oliveira, empresário de Elis, ficou tão à vontade que até achou tempo para um pulinho até Houston, onde assistiu a uma feira de material técnico de televisão, ficando entusiasmado com as câmaras que operam desde, com uma simples luz de vela, até à explosão de dois mil watts, corrigindo-se automaticamente.

Na sua volta, o disco estava quase concluído.

João Gilberto mandou chamá-lo em Nova Iorque e acertou com Roberto uma apresentação em televisão em São Paulo, faltando apenas marcar a data exata. O preço já está combinado: doze mil dólares.

Entre outras coisas resultantes da gravação do disco de Elis com Tom Jobim ficou acertado que Elis fará apresentações nos Estados Unidos, mas "numa boa", segundo disse Roberto, e não como tantos artistas brasileiros têm feito. Elis irá pelo seu preço, ou seja, no mínimo quatro mil dólares por apresentação e em programas de real importância e locais de primeira categoria.

O repertório escolhido pelo produtor Aloisio de Oliveira foi dos mais espontâneos, sem obedecer a qualquer injunção artística ou comercial. As músicas foram sugeridas e não impostas. A impressão que se tem ao ouvi-las, é que foram gravadas na própria sala de visitas da gente, tal a naturalidade encontrada.

Como disse Roberto de Oliveira, foi um encontro de saudade e "nada mais brasileiro do que isto".

Toda gravação foi filmada. Com duração de três horas, suas partes serão montadas no Brasil, para exibição num "especial" a ser apresentado pela TV-Bandeirantes e produzido pela "Clack". Esse disco de Elis não interrompe a série de lançamentos (um por ano) feita anualmente pela sua gravadora.

## COMENTÁRIO

### "ÁGUAS DE MARÇO"

Essa consagrada composição de Tom abre o disco (pelo menos na fita original, que poderá vir a ter outra montagem e ainda outros instrumentos acrescentados), com Tom e Elis cantando juntos. Domínio total nos aspectos rítmicos e melódicos. Tom mostra uma segurança nunca antes revelada como cantor. O som agudo do piano com flauta em uníssono, já usado por Tom em outras gravações, está presente mais uma vez, muito mais como marca registrada do que como necessidade harmônica. Termina entre risos, quando Elis imita o jeito de Tom cantando. Uma festa em família de músicos onde o piano elétrico de César Camargo Mariano prepondera com aquele balanço inconfundível. Tom e Elis até brincam no contraponto final da letra, dando um verdadeiro show de divisão rítmica.

### "POIS É" (TOM E CHICO BUARQUE)

Composição antes só gravada por Chico, mostra como Elis é segura e como o bom gosto de Tom Jobim se casa com a incrível facilidade interpretativa de Elis

### "MODINHA" (TOM-BADEN-VINÍCIUS)

Antes só havia sido gravada pela cantora Lenita Bruno, que tem uma voz de contralto e uma escola lírica evidente e por Elizeth Cardoso. Elis abrandou um pouco as notas mais agudas, acrescentando uma suavidade bem poucas vezes revelada em suas interpretações para músicas desse gênero. Aqui Tom aparece também como arranjador, depois de mais de dez anos sem escrever um arranjo. As flautas (instrumentos prediletos do arranjador Tom Jobim) prevalecem.

### "BRIGAS NUNCA MAIS" (TOM-VINÍCIUS DE MORAES)

Nesta conhecida composição da dupla mais importante de nossa música popular, dois estilos de balanço se

mostram com muita evidência. O de Tom e o de César Camargo Mariano. Elis sorri e quem ouve canta.

"FOTOGRAFIA" (TOM JOBIM)

Aqui, Elis "estraçalha", para usar um termo bem conhecido no ambiente musical. Nota-se nesta faixa um som muito especial do excelente guitarrista Helinho, que se incorporou agora ao grupo que acompanha Elis. Ele já havia participado da gravação do LP de Maria Alcina. Elis aparece como uma nova cantora, o que aliás é muito comum em nossa intérprete.

"SONETO DA SEPARAÇÃO" (TOM-VINICIUS DE MORAES)

Tom desinibido, seguro, afinado, cantando com seu próprio arranjo e a presença enorme de Elis. As cordas regidas por Bil Hitchcock são o ponto alto, junto com o belo de Vinicius.

"SÓ TINHA QUE SER COM VOCE" (TOM-ALOISIO DE OLIVEIRA)

Ritmo bem presente e aquele balanço incrível de Elis, para esta linda composição lançada no show "O Remédio é Bossa" (Teatro paramount, 1964) pelo próprio Tom.

"TRITE" (TOM)

Luisão (contrabaixo) abre a faixa com uma "paulada" e ritmoe, não se intimidando, acompanha Elis, nesta música que será usada para mostrar a solidão de Brasília, num filme com Elis, que será rodado brevemente. Ainda uma vez presença marcante do guitarrista Helinho.

"POR TODA A MINHA VIDA" (TOM-VINICIUS DE MORAES)

Elis dá a esta música puramente descritiva de Tom um tratamento que nunca antes lhe fora dado. Percebem-se nela cores belas, pálidas e suaves, dentro da imensa capacidade de descrever de Tom e de interpretar de Elis.

"CORCOVADO" (TOM)

Começa com ritmo mais lento e flautas e cordas revezando-se e misturando-se, antes da entrada de Elis, que dá a esta composição uma das suas melhores interpretações. Ao final há um "scat" entre Tom e Elis, que enriquece sobremaneira a faixa, apoiado nas faixas.

"BONITA" (TOM-RAY GILBERT)

Elis canta em inglês, exatamente como a música foi feita para Silvinha Teles interpretar. Ao piano, Tom vibra e acrescenta mais ainda à faixa.

"RETRATO EM BRANCO E PRETO" (TOM-CHICO BUARQUE)

Nesta faixa multiplica-se a responsabilidade de Elis. Depois da interpretação de João Gilberto no "especial" feito com Caetano e Gal na TV-tupi, pouco se lhe poderia acrescentar. Elis não só acrescenta como supera. Das mais importantes faixas do disco, está que é das mais lindas composições de nossa música popular. Incríveis a segurança e a seriedade de Elis nesta música.

"CHOVENDO NA ROSEIRA" (TOM)

Dentro do pouco comum andamento de 6/8, Elis e Tom escrevem mais um capítulo da história de nossa música popular.

"O QUE TINHA QUE SER" (TOM-VINICIUS)

Simplesmente acompanhada pelo piano de Tom, Elis mostra o quanto é grande a sua categoria de cantar coisas sérias.

"INUTIL PAISAGEM" (TOM-ALOISIO DE OLIVEIRA)

Elis e Tom, mais uma vez com muita naturalidade, vão mostrando esta pela página criada por Silvia Teles, dentro de um clima de muito equilíbrio interpretativo. Dão realmente a impressão de que deveriam estar cantando juntos há mais tempo. Uma faixa empolgante e rica de variedades harmônicas e interpretativas.









**MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA**

**PUC - SP**